

UNIVERSIDADE ABERTA



As TICs e o ensino do Português

Um estudo de caso - Escola Básica e Secundária Olavo Moniz

Ilha do Sal - Cabo Verde



Indira Gomes de Oliveira Costa

Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa –
Investigação e Ensino

Sal – Cabo Verde, 2019

UNIVERSIDADE ABERTA



As TICs e o ensino do Português

Um estudo de caso - Escola Básica e Secundária Olavo Moniz

Ilha do Sal - Cabo Verde

Por: ***Indira Gomes de Oliveira Costa***

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Aberta como parte dos
requisitos para obtenção de grau de
Mestre em Estudos da Língua
Portuguesa – Investigação e Ensino

Orientadora: **Prof.^ª Doutora Maria Potes Barbas**

Sal - Cabo Verde, 2019

RESUMO

O estudo, ora apresentado descreve como o português, pode ser trabalhado de forma colaborativa e interativa nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa (como Língua Segunda, doravante L2) no 2º ciclo do Ensino Secundário. A evolução dos métodos de ensino implica novos conceitos e novas abordagens para o ensino do Português como Língua Segunda, almejando sempre chegar o mais perto possível do contexto real dos alunos.

O objetivo deste trabalho é identificar atividades interessantes que promovam o gosto tanto pela leitura como pela escrita. Usou-se como estratégia o uso das novas tecnologias, doravante NTICs. Foi utilizado o método quantitativo e qualitativo. Recorreu-se à pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo foi realizada em duas turmas do décimo primeiro ano com o Português (Comunicação & Expressão) e com os professores de Português da Escola Básica e Secundária Olavo Moniz (EBSOM), ilha do Sal, Cabo Verde.

A referida pesquisa demonstrou que é possível, através das TIC desenvolver o uso da Língua Portuguesa, para além de resgatar parte da nossa memória criativa, trabalhar a cidadania, aspeto importante nesta era da globalização. Nesta investigação pesquisa-se o uso que os alunos e os professores de Português fazem das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Para tal fez-se uso do questionário como instrumento de pesquisa. Os dados mostram que as dificuldades de acesso e equipamento fazem com que esse uso seja restrito e o uso das AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) é quase inexistente.

As aulas foram momentos de aprendizagem através do brincar, do divertir e onde o espírito crítico, a imaginação, o carácter individual/grupo, a autoestima e a autonomia foram desenvolvidos.

No final do documento as linhas de leitura apontam reflexões baseadas na análise dos dados, nas aulas realizadas com este propósito, para além de pesquisas e observações *in loco*.

Palavras-chave: Português, Leitura, Escrita, Tecnologia da Informação e Comunicação, Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

ABSTRACT

The study presented here, describes how Portuguese can be worked in a collaborative and interactive way in the classes of Portuguese Language (as Second Language, henceforth L2) in the 2nd cycle of Secondary Education. The evolution of teaching methods invents new concepts and new approaches for the teaching of Portuguese as a Second Language, always aiming to get as close as possible to the real context of the students.

The objective of this work is to identify interesting activities that promote the interest for both reading and writing. Was used as strategy, new technologies, henceforth NICTs. The quantitative and qualitative method was used. We resorted to bibliographic and field research. The field research was carried out in two classes of eleventh year with Portuguese (Communication & Expression) and with the Portuguese teachers of Olavo's Moniz Elementary and Secondary School (EBSOM), Sal's Island, Cape Verde.

This research demonstrated that it is possible through ICT, to develop the use of the Portuguese language, besides rescuing part of our creative memory, to work citizenship, an important aspect in this era of globalization. In this research investigates the use that Portuguese students and teachers make of Information and Communication Technologies (ICTs). For this purpose, the questionnaire was used as a research tool. The data show that the difficulties of access and equipment make this use restricted and the use of AVA (virtual learning environment) ,is almost non-existent.

The classes were moments of learning through play, of fun and where the critical spirit, the imagination, the individual character / group, the self-esteem and the autonomy were developed.

At the end of the document the lines of reading point out reflections based on data analysis, in the classes carried out with this purpose, in addition to researches and observations *in loco*.

Keywords: Portuguese, Reading, Writing, Information and Communication Technology, Virtual Learning Environments.

Dedicatória

Dedico este trabalho de fim de curso à minha família, que tanto amo, pela compreensão e paciência que tiveram comigo durante esses 2 anos de estudo, pelas palavras de encorajamento nas horas mais difíceis dessa caminhada. Mas, sobretudo ao meu filho Deilan Bryan que na sua inocência de criança me transmitiu paz e serenidade com um simples sorriso, ou um tímido abraço que me deu alento para continuar, em momentos de extremo cansaço.

Agradecimentos

À minha família, pelos momentos que deixamos de compartilhar juntos, dedicados aos estudos e pelo incentivo para concluir os mesmos.

À minha Orientadora, Maria Potes Barbas, pelas palavras de motivação e confiança depositada.

Aos professores e coordenadores do curso, pela dedicação, incentivo e paciência.

Às minhas companheiras de jornada durante o primeiro ano do curso, que comigo souberam partilhar anseios, dúvidas, pesquisas, e sobretudo muitas leituras adjacentes a cada uma das disciplinas: Lucialina Alfama, M^a Luísa Graça e Márcia Pinto. Obrigada!

Aos professores e alunos da Escola Básica e Secundária Olavo Moniz que responderam aos questionários, colaborando com a pesquisa.

Ao professor Manuel Portugal pelo estímulo em prosseguir os estudos e por ter sempre uma palavra amiga nas horas mais difíceis, além das conversas partilhadas sempre frutíferas com informações a respeito da vida burocrática da Uab.

Aos que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo e que me apoiaram ao longo deste percurso, não posso deixar de agradecer.

À todos que de um modo ou de outro me ajudaram a entender informações que em momentos de aflição pareceram abismais.

Enfim, a todos um especial: OBRIGADA!!!!

ÍNDICE GERAL

RESUMO	iii-xii
INTRODUÇÃO	13
Apresentação e justificação do tema	14
Metodologia	16
Objetivos	19
.....	21
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	21
1.1. O sistema educativo em Cabo Verde e o ensino do português	22
1.2. O português como língua segunda	23
1.3. Enquadramento Histórico e Social do Ensino da Língua Portuguesa	28
.....	31
PARTE II - O USO DAS TIC NO ENSINO-SITUAÇÃO ATUAL	31
2.1. Contextualização e caracterização do espaço de investigação – EBSOM.....	40
2.2. O percurso do ensino/aprendizagem com uso das TIC	42
2.3. O Papel do grupo disciplinar de português na promoção do uso das TIC no processo de ensino	44
.....	46
PARTE III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	46
3.1. Resultado das análises: <i>Professores de português</i>	48
3.2. Resultado das análises: <i>Alunos</i>	58
3.3. A experiência: <i>estudo de caso</i>	70
<i>Youtube</i>	74
<i>Google Drive</i>	75
<i>Hot potatoes</i>	76
<i>Voki</i>	77
<i>Google sites</i>	77
<i>Redes sociais</i>	79
<i>Chat</i>	83
<i>Padlet</i>	91

.....	108
.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
.....	112
.....	112
REFERÊNCIAS WEB E BIBLIOGRÁFICAS	113
.....	119
ANEXOS.....	119
ANEXO I: Escolas selecionadas para implementação do projeto WEBLAB.....	120
ANEXO II: Caracterização do espaço – EBSOM	122
ANEXO III: Questionário 1 (professores) – utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC)	126
ANEXO IV: Questionário 2 (alunos) – utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC)	131
ANEXO V : Tabelas de especificação dos dados para o questionário (1)	136
ANEXO VI: Tabelas de especificação dos dados para o questionário (2).....	146
ANEXO VII: Tabela geral (plano de implementação do projeto)	154
ANEXO VIII: Tabela Específica (Projeto de aprendizagem: Pilotagem).....	158

Índice de Gráficos

Gráfico: 3. 1 Pergunta 5 (Professores) – Formação dos docentes de LP na EBSOM.....	49
Gráfico: 3. 2 Pergunta 7 (Professores) – Frequência de uso de PC no dia-a-dia dos docentes.....	50
Gráfico: 3. 3 Pergunta 14 (Professores) – Domínio de uso dos computadores pelos docentes	51
Gráfico: 3. 4 Pergunta 17 (Professores) – Uso de software educacional nas aulas.....	52
Gráfico: 3. 5 Pergunta 17 (Professores) – Opções que ajudariam na utilização do computador em sala de aula.....	53
Gráfico: 3. 6 Pergunta 3 (Alunos)- Nível de satisfação com a escola/ professores e disciplina específica (Português).....	61
Gráfico: 3. 7 Pergunta 4 (Alunos) – frequência de uso de computadores.....	61
Gráfico: 3. 8 Pergunta 5 (Alunos) – Locais de uso do computador	62
Gráfico: 3. 9 Pergunta 8 (Alunos) – Frequência de uso de internet através do telemóvel.....	63
Gráfico: 3. 10 Pergunta 11 (Alunos) – Frequência de utilização da internet	64
Gráfico: 3. 11 Pergunta 11 (Alunos) – Atividades realizadas através da internet.....	64
Gráfico: 3. 12 Pergunta 14 (Alunos) – Quantos anos tinha quando.....	65
Gráfico: 3. 13 Pergunta 19 (Alunos) – Qual foi a língua que usou para se comunicar por escrito com a professora	66
Gráfico: 3. 14 Pergunta 24 (Alunos) – Capacidades educativas da utilização de ferramentas da Web 2.0 nas aulas de Língua Portuguesa	68
Gráfico: 3. 15 Pergunta 25 (Alunos) – Dificuldades encontradas na integração dos planos com o uso das TIC	68

Índice dos quadros

Quadro: 2. 2 Distribuição dos alunos por ano de escolaridade	41
Quadro: 2. 3 Espaço físico / Regulamento Interno - Gestão de Escola Básica e Secundária Olavo Moniz, 2018	41
Quadro: 2. 4 Recursos Humanos da EBSOM	42
Quadro: 3. 2 Designação descritiva de conteúdos do programa / endereço das postagens no <i>Padlet</i>	92

Índice de Tabelas

Tabela: 3. 1 Pergunta 3 (Professores) – Tempo de serviço no Ministério da Educação	49
Tabela: 3. 2 Pergunta 3 (Professores) – Fatores que contribuem para o pouco uso do PC pelos professores	54
Tabela: 3. 3 Pergunta 29 (Professores) – A importância do uso destes suportes como método de ensino para os docentes.....	56
Tabela: 3. 4 Pergunta 1 (Alunos) - Nº de inquiridos (turma e sexo).....	59
Tabela: 3. 5 Pergunta 2 (Alunos) - Ano de nascimento / idade	60
Tabela: 3. 6 Pergunta 3 (Alunos) - Nível de satisfação com a escola/ professores e disciplina específica (Português).....	60
Tabela: 3. 7 Pergunta 7 (Alunos) – posse de telemóvel.....	62
Tabela: 3. 8 Pergunta 9 (Alunos) - Frequência com que desenvolve atividades diversas.....	63
Tabela: 3. 9 Membros constituintes do grupo Comunicação & Expressão.....	82
Tabela: 3. 10 Atividade de aprendizagem – rede social.....	95

Índice de Figuras

Figura: 2. 1 Página inicial do IGRP - SIGE.....	34
Figura: 2. 2 Containers da <i>WebLab</i> em Cabo Verde.....	37
Figura: 2. 3 Interior do container <i>WebLab</i>	43
Figura: 3. 1 Imagem da Plataforma em uso – <i>Padlet</i>	73
Figura: 3. 2 <i>Youtube</i> como instrumento educacional	74
Figura: 3. 3 Canal criado pela docente no <i>Youtube</i>	75
Figura: 3. 4 Uso do <i>Google Drive</i> para partilhar <i>feedback</i> de correção de trabalhos.....	76
Figura: 3. 5 Uso de <i>Hot Potatoes</i> (exercício: palavras cruzadas)	77
Figura: 3. 6 Uso de Avatar da <i>Voki</i>	77
Figura: 3. 7 Janela de entrada do <i>Simple sites</i>	78
Figura: 3. 8 Vantagens e desvantagens do <i>google sites</i>	78
Figura: 3. 9 Site criado com fim educacional.....	79
Figura: 3. 10 Criação do grupo Comunicação & Expressão no Facebook.....	80
Figura: 3. 11 Grupo Comunicação & Expressão - Facebook.....	81
Figura: 3. 12 <i>Chat vs Word / Conversa formal e informal</i>	83
Figura: 3. 13 Chat: abreviaturas / modo - esclarecimento de dúvidas	86

Figura: 3. 14 <i>Chat</i> - questões linguísticas	87
Figura: 3. 15 Língua Materna vs Língua Segunda	88
Figura: 3. 16 Tarefa - uso das TIC na interdisciplinaridade (Geografia / LP)	99
Figura: 3. 17 Tarefa – produção de textos jornalísticos	100
Figura: 3. 18 Tarefa – Produção de textos utilitários	101
Figura: 3. 19 Tarefa – Análise da obra “Chiquinho” de Baltasar Lopes.....	102
Figura: 3. 20 Tarefa – escrita criativa	103
Figura: 3. 21 Atividade extracurricular – Divulgação da tarde cultural “Jorge Barbosa”	103
Figura: 3. 22 – Atividade extracurricular. Divulgação de fotos e vídeos (Literatura Mundo: Sal 2018)	104
Figura: 3. 23 – Divulgação de Informações / Exercícios	104
Figura: 3. 24 Marketing educacional individual – <i>Likes</i> como item de avaliação pública	105

Lista de abreviaturas

AVA – (Ambiente Virtual de Aprendizagem)

DGE - (Direção Geral de Educação)

EBSOM- (Escola Básica e Secundária Olavo Moniz)

ES - (Ensino Secundário)

ESOM – (Escola Secundária Olavo Moniz)

FAQ – (Perguntas Frequentes)

L1 – (Língua Primeira)

L2- (Língua Segunda)

LCV- (Língua Caboverdiana)

LM- (Língua Materna)

LP- (Língua Portuguesa)

ME – (Ministério da Educação)

NTICs – (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação)

TIC – (Tecnologia da Informação e Comunicação)

INTRODUÇÃO

Os Caboverdianos têm como língua materna (LM) a língua caboverdiana (LCV) que é a sua língua de primeiro contacto e é falada de forma natural. A Língua Portuguesa (LP) é utilizada como língua segunda (L2) e, também, como língua oficial, de ensino e de comunicação formal.

A maior parte das crianças caboverdianas têm o primeiro contacto com a LP, no início do processo de ensino-aprendizagem aos 6/7 anos de idade. Por isso, torna-se necessário dar à criança a oportunidade de aprender a expressar-se nesta língua, oralmente e por escrito, de forma adequada às diferentes finalidades e situações de uso. Para tal, uma das metodologias sugeridas é a utilização das TIC, muito referenciada, atualmente, e defendida, positivamente, por especialistas da área da produção do conhecimento e no desenvolvimento da linguagem das crianças, principalmente, no início da idade escolar.

Nos dias de hoje, encontramos diversas pessoas alfabetizadas, que não possuem a compreensão do que leem e o número de alunos com pouco interesse na leitura como fonte de aquisição do conhecimento e informação vai aumentando gradativamente. Por isso, é essencial que o indivíduo saiba ler e escrever para poder ingressar na sociedade e com o hábito de leitura, esta é uma ferramenta essencial e indispensável para a vida.

Então, cabe à escola e, principalmente, a nós professores a responsabilidade de fazer com que os nossos alunos se interessem pela leitura e pela escrita.

Analisar diferentes textos, compará-los, construir textos a partir da vivência do quotidiano e a partir das descobertas, reescrever textos são práticas que produzem excelentes resultados na capacitação do aluno no uso da língua. Também o domínio da leitura está, intimamente, relacionado ao processo de formação geral de um indivíduo e à sua capacitação para as práticas sociais, tais como: a atuação política, económica e cultural, além do convívio em sociedade, quer seja na família, quer nas relações de trabalho dentre outros espaços ligados à vida do cidadão e de uma vida ativa.

Para entender e aprofundar este assunto, ou seja, perceber como se processa o desenvolvimento do gosto pela leitura e pelo ambiente escolar: “*As TICs e o ensino do Português: Um estudo de caso*”, surge como tema do nosso trabalho de final do Curso de Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa – Investigação e Ensino.

Apresentação e justificação do tema

O século XXI é constituído por sociedades com diferentes competências que se enquadram aos novos parâmetros inovadores e tecnológicos. Assim sendo, o carácter criativo e inovador deve estar bem patente no docente atual. Todas as tomadas de decisões devem munir-se de um pensamento crítico que permita aos envolvidos no processo de ensino a resolução de problemas.

Escolheu-se falar das TICs no contexto educacional, o percurso do ensino do português com o uso das TICs, particularmente, por ser centrada na realidade dos fatos atuais. Para, além disso, o uso das TICs, destaca a sua importância em atividades didático-pedagógicas, assim como nos materiais de uso que devem acompanhar o contexto social subsequente.

A questão que se coloca centra-se na reflexão sobre: *até que ponto as TICs representam um veículo promotor e dinamizador do ensino de português L2?*

O português L2, pelo passado histórico-linguístico, até os dias de hoje tem contribuído para um maior enriquecimento intelectual dos estudantes pelo seu uso variado, despertando novos “olhares” para as novas tecnologias e para o ensino dos estudantes na ilha do Sal em particular.

Hoje em dia os discentes estão cada vez mais a par das mudanças que tem havido no patamar das tecnologias, ou seja, estão mais atualizados; então os docentes devem ter a capacidade de admitir que é preciso que se pense nas aulas, também fora dessas quatro paredes tão convencionais e adequar os planos ao novo contexto de ensino-aprendizagem.

Opta-se por trabalhar tal tema visto que está dentro das capacidades e limites, é exequível, a teoria é manuseável e de possível alcance, além de ser um tema sobre o qual temos interesse e curiosidade.

- Esta temática levanta questões pertinentes, tais como:
 - De que modo pensar o ensino hoje e qual o papel das TICs nesse contexto?
 - Em que medida as TICs são formas de educação não formal?
 - Até que ponto as novas tecnologias contribuem para o sucesso escolar?

A construção deste trabalho justifica-se uma vez que o tema dificuldade de aprendizagem na língua portuguesa nos alunos do ensino médio em Cabo Verde, constitui um problema de atualidade generalizada. Sempre se apresenta uma preocupação constante por incorporar no sistema de ensino e a todos os níveis, novos métodos, com objetivo de

desenvolver o próprio sistema. No entanto, a língua segunda envolve-nos para interatuar com um texto escrito ou oral, para aprender a descodificar como ouvintes ou a resolver um problema (com o computador, leitura de um romance, tirar apontamentos, etc.), ou seja, a língua portuguesa é, portanto, a língua de escolarização, língua de acolhimento da maior parte da população. Assim, o seu domínio torna-se fundamental para o acesso ao conhecimento, no relacionamento social, para o desenvolvimento e na aprendizagem (processo de ensino e educação), pois sabe-se que o domínio desta, como fator de transmissão e apropriação dos diversos conteúdos das disciplinas, condiciona o sucesso escolar, o que vai se repercutir tanto no sucesso profissional, como no exercício pleno da cidadania.

Há algum tempo que em Cabo Verde se tenta introduzir novas metodologias de ensino com o uso das TICs, através do programa “*Mundu Novu*”, criado pelo governo, que se propõe mudar o protótipo educativo nacional através das TICs na educação, mas tem sido um processo complexo e difícil. O plano de implementação do programa denominado “*Mundu Novu*”¹ (Mundo Novo), em Cabo Verde defende essa possibilidade e tem enveredado esforços nesse sentido, no entanto o processo não tem sido tão rápido quanto muitos desejariam².

A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) como ferramenta de ensino-aprendizagem além de acarretar uma espantosa contribuição para práticas educacionais no nível de ensino secundário é um forte instrumento de motivação para a prática docente. As instituições de ensino devem ponderar sobre a necessidade e utilidade da introdução das TICs nas atividades e nos currículos escolares, afinal “*a globalização, as novas técnicas e os desenvolvimentos demográficos constituem enormes desafios para quem tem a tarefa de preparar as gerações futuras*”, (Moura e Carvalho 2007:2).

¹ Semedo e Esteban (2014:81): “Programa “*Mundo Novu*” criou expectativas no seio dos professores. Eles aplaudem a iniciativas, mas só ouviram falar pela comunicação social e esperam a concretização, a tal mudança de paradigma, que como se pode notar será alvo de muito trabalho, a tendendo a que não será fácil para quem ainda pensa que o professor é o detentor de conhecimento, apesar de considerar importante o facto de o aluno trazer na bagagem conhecimentos para a sala de aula”.

² (2009:11) O documento oficial tem a seguinte descrição: “Documento com a estratégia oficial do Governo Caboverdiano para a dinamização das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino em Cabo-Verde. Contém os pilares, eixos de desenvolvimento e as iniciativas que os concretizam em detalhe. Define ainda as metas a alcançar com a implementação do Programa”.

Nas aulas de Língua Portuguesa, os discentes mostram-se entusiasmados ao terem a permissão de fazer uso das novas tecnologias. Os alunos conseguem evoluir na aprendizagem de formas diferentes: fazem, interagem, procuram, partilham.

Já Schulz *et alii* (2012:1) dizem que:

“A escola e o ensino competem por um espaço no leque de fontes de informação que os alunos têm. Por esse público não estar preparado para administrar suas possibilidades de conhecimento e, sequer saber o que buscar, o papel do educador não saiu de moda, aliás, torna-se imprescindível para dar-lhe limites e condições de processar tudo isso”.

Uma percepção bastante coerente dado que o educador é um tutor que deve saber como orientar os seus discentes a adquirirem conhecimento sem que tenha de se estagnar num ponto de vista que nem sempre é o mais correto. Há que se contextualizar os processos de ensino ao mundo que se vive, até porque os jovens estão sempre em constante procura de algo “novo”, que lhes traga curiosidade e satisfação; e as TICs oferecem a maior parte dos itens que despertam curiosidade e desejo de aprender, com novas aplicações, *posts* curiosos ou uma simples foto numa rede social.

Assim, o tema escolhido será direcionado para a análise das estratégias educativas, projetos educativos e didáticos surgidos e vivenciados na escola durante o ano letivo, com a importante participação do grupo disciplinar de Português e a própria comunidade educativa. Será feita uma abordagem crítica e prática dos dados didático pedagógicos mais precisamente no período decorrente do ano letivo 2017/ 2018, com seguimento nos anos seguintes.

Metodologia

O presente trabalho contempla pesquisas, questionário dirigido a todos professores de Língua Portuguesa que lecionam na Escola Básica e Secundária Olavo Moniz (doravante EBSOM), questionário aos alunos das duas turmas seleccionadas como objeto de estudo de caso (11º ano Económico Social & Ciência e Tecnologia) do Ensino Secundário.

As ferramentas de trabalho envolveram várias competências, nomeadamente, as de comunicação, colaboração, literacia informativa, assim como a literacia em TIC³. Apesar do

³ **Comunicação** – Comunicar com confiança e clareza, de várias formas e numa variedade de situações. Compreender os outros e considerar perspetivas diferentes para formular argumentos. Usar processos de escrita (desde a redação à revisão), falando de modo convincente e usando auxiliares de comunicação (como apontamentos, mapas, etc.).

contexto de ação não ser um laboratório de aprendizagem, todas as tarefas aplicadas seguem a sequência das *seis zonas de aprendizagem*: apresentar, interagir, investigar, criar, colaborar, desenvolver.

Se se pensar nas zonas de aprendizagem como objetivos, que serão alcançados de acordo com as competências dos alunos, é possível organizar um plano com essa sequência. No entanto, importa esclarecer que cada realidade implica técnicas de adequação e/ou adaptação que estejam contextualizadas com o local de implementação.

Aplicando essa sequência como um laboratório de aprendizagem a «escola» é vista como um macro espaço para o seu desenvolvimento; ou seja, na impossibilidade de criar um espaço de raiz que almeje essa prática, pensa-se nos diversos espaços que a instituição já tem como “micro laboratórios” para desenvolver o projeto. A sala de aula tradicional é comparada a um “espaço-mãe” para dar continuidade às sequências didáticas sendo elas:

Ainda assim, para que a atividade fosse mais dinâmica foram distribuídas competências ao longo do recinto escolar (sala de aula: apresentar, criar, colaborar); sala de utilização de computadores: (interagir); biblioteca: (criar, colaborar); e o desenvolver⁴, claro fica por conta da vontade do discente

Esta dinâmica implica uma maior flexibilidade do corpo diretivo, assim como do professor que passa a desempenhar o papel de moderador ao longo desse processo de criação.

No que diz respeito a opções metodológicas é de salientar que iremos privilegiar o paradigma de investigação, que é um dos pilares fundamentais, senão o ponto auge no processo da produção metodológica, que para alguns estudiosos representa o cuidado na escolha dos métodos, das técnicas e da forma de tratamento dos dados escolhidos.

Colaboração – Falar e ouvir com consideração e respeito pelos outros e trabalhar em diversas equipas, explorando as diferenças para criar novas ideias. Planear e organizar colaborativamente, com influência, abnegação, integridade e capacidade para liderar e seguir os outros.
Literacia informativa – Aceder, avaliar e usar a informação proveniente de um conjunto de fontes e em diferentes formatos digitais. Usar auxiliares de informação e comunicação (apresentações, gráficos, diagramas, mapas, etc.) para apresentar informações complexas.
Literacia em TIC – Aceder às TIC, avaliando-as criticamente, e usar com competência um conjunto de ferramentas para a comunicação, colaboração, criatividade, resolução de problemas e pensamento crítico. Aplicar um entendimento das TIC”

⁴ ALVES, P. *et alii.* (2015). “*Cenários e histórias de aprendizagem*”. Iniciativa “Laboratórios de aprendizagem (PT) /*future classroom lab* (EUN)”. Direção Geral de Educação (DGE). República Portuguesa. Disponível em: http://erte.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/Laboratorios_aprendizagem/magazine_la_final.pdf

Carmo & Ferreira (2008), assim como vários entendidos da matéria apontam a pesquisa para dois métodos para a escolha do pesquisador: o qualitativo (fundamenta-se numa análise intensiva e pormenorizada da realidade estudada) e o quantitativo (fundamenta-se em técnicas quantitativas ou estatísticas para uma análise intensiva e pormenorizada da realidade estudada).

Nesta perspetiva, pretende-se trabalhar com a metodologia qualitativa e quantitativa, por serem as que melhor respondem aos objetivos pretendidos. Surge como forma de estudar os objetos de pesquisa com foco mais interpretativo, mas ao mesmo tempo baseado em números que advém do estudo de caso a ser implementado.

O tipo de estudo a desenvolver na nossa investigação pretende abraçar a pesquisa exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema, de forma a torná-lo explícito. Define-se como estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer. Por outras palavras, a pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, o seu significado e o contexto onde ela se insere, Piovesan & Temporini (1995: 32).

Portanto, com esta técnica, além de conciliar o método escolhido permite-nos, também, explorar com profundidade a questão da importância do uso das TIC no ensino de português, na ilha do Sal (cidade dos Espargos) nas suas várias perspetivas, sobretudo na parte didática e, elucidar com detalhe o papel do professor nesse processo.

As técnicas de recolha de dados a serem utilizadas serão na medida em que queremos fornecer e aprofundar todos os detalhes sobre o Português, L2, na EBSOM, priorizamos a escolha das seguintes técnicas: Aplicação de inquéritos por questionário aos professores do grupo disciplinar (Português); Pesquisa bibliográfica (relacionadas com o tema); Pesquisa de campo com caráter participativo.

A pesquisa bibliográfica⁵, segundo alguns autores, um dos passos importantes para alcançar o sucesso numa investigação é aperfeiçoar esse tipo de técnica.

⁵ *Esta metodologia implica um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo. Entende-se como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas. Igualmente, pode envolver a construção de um instrumento que permita pinçar das obras escolhidas os temas, os conceitos, as considerações relevantes para a compreensão do objeto de estudo. In Lima & Miotto (2007: 38-41-43).*

- A pesquisa de campo procede à observação de factos e fenómenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, a análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente objetivando compreender e explicar o problema pesquisado.
- Os questionários contêm questões, maioritariamente, fechadas. As razões pela escolha deste tipo de questão devem-se ao facto de serem menos subjetivas e menos cansativas para os que respondem, obtendo-se, também, um número muito superior de respostas comparativamente às questões abertas. No entanto, para algumas questões justificava-se a opção por este último tipo de questões.

Este documento está ainda estruturado em: *Introdução* (apresentação e justificação do tema, metodologia, objetivos), desenvolvimento – com os seguintes títulos: - *Parte I* enquadramento teórico: o sistema educativo em Cabo Verde e o ensino do português, o português como língua segunda, enquadramento histórico e social do ensino da Língua Portuguesa; *Parte II* O uso das TIC no ensino-situação atual, contextualização e caracterização do espaço de investigação (EBSOM), o percurso do ensino/aprendizagem com uso das TIC, o papel do grupo disciplinar de português na promoção do uso das TIC; *Parte III*: Análise e discussão de dados: resultados das análises: professores e alunos, do uso das TIC no processo de ensino, resultados das análises (professores de PTG); resultados das análises (alunos), a experiência, estudo de caso; *Parte V: considerações finais (conclusão), referências bibliográficas e anexos.*

Objetivos

Este trabalho apresenta como principal objetivo, querendo acrescentar e enriquecer ainda mais as técnicas de ensino de modo geral, e especificamente, sobre o grupo disciplinar de Português da Escola Básica e Secundária Olavo Moniz, ilha do Sal, Cabo Verde: refletir criticamente sobre o impacto do uso das TIC na promoção e dinamização das aulas de português.

Os objetivos específicos prendem-se com:

- Identificar as condições de trabalho do grupo disciplinar de português na escola;
- Indicar os momentos altos e baixos dos atuais métodos de ensino;

- Pesquisar as relevâncias do uso das TIC para o processo de ensino/ aprendizagem do português, L2;
- Investigar de que forma as TIC podem melhorar as condições de ensino, assim como os materiais didáticos que se enquadram na disciplina;
- Analisar o uso das TIC em sala de aula como estudo de caso, em vertentes diferentes tendo em conta o contexto de implementação;
- Elucidar a importância das TIC como instrumento de ensino;

A Organização e Funcionamento das Escolas Secundárias em Cabo Verde, o Decreto-Lei nº 20/2002 de 19 de agosto, dita os trâmites de organização e funcionamento das Escolas Secundárias Públicas em Cabo Verde. Todas as escolas do ensino secundário seguem um esquema pedagógico e administrativo garantido pelos órgãos de gestão (Assembleia da escola; Conselho Diretivo; Conselho Pedagógico e Conselho Disciplina) que podem contar com outras equipas de trabalhos nas mais diversas funções conforme o plano de atividades da instituição ou do seu Projeto Educativo. O artigo 25º do referido Decreto-Lei, define as competências do Conselho Diretivo e uma delas, expressa na alínea h:9, é de “Propor ao Conselho Pedagógico realizações que visem o enriquecimento curricular dos estudantes, professores e empregados”.

É neste quadro legal e organizacional que se insere este projeto de uso das novas ferramentas digitais no ensino do português sobre as quais iremos debruçar.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO



O trabalho ora apresentado “*As TICs e o ensino do Português: Um estudo de caso*”, enquadra-se no âmbito da final do Curso de Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa – Investigação e Ensino, na Universidade Aberta.

Cabo Verde é um país onde coexistem duas línguas – a Caboverdiana, língua materna e nacional e a Portuguesa, língua oficial. Só esta última é ministrada nas escolas com caráter oficial, pois a caboverdiana até então não passou de codificação, normalização e alguns casos de experiência.

O dilema do processo ensino-aprendizagem do português em Cabo Verde constitui uma preocupação permanente, sobretudo para aqueles que lutam por um uso eficiente da Língua Portuguesa no arquipélago. Sendo o português, a língua segunda e de comunicação no processo ensino/aprendizagem, e o crioulo caboverdiano, língua materna, língua primeira (L1) e do quotidiano, é de extrema relevância o estudo do tema acima citado, pois este irá permitir melhor compreensão da realidade do ensino da língua alvo neste contexto.

Se de facto o grande objetivo é entender e dar a conhecer os meandros do uso das TIC na aprendizagem do Português na EBSOM, refletir sobre a problemática do ensino do português no ensino secundário, também, é evidente que, subjacente, a este grande objetivo está a aprendizagem que o trabalho nos irá proporcionar.

1.1. O sistema educativo em Cabo Verde e o ensino do português

Desde a independência de Cabo Verde, houve a necessidade e preocupação em relação ao ensino no país já que este não tem recursos naturais se não a riqueza humana, ou seja, o Homem. Investir na educação foi e é até então, apostar tanto no desenvolvimento do país como na realização pessoal e social dos indivíduos.

Inicialmente, a escolaridade obrigatória era de quatro anos em regime de monodocência, isto é um professor lecionava várias disciplinas e o aluno no final do ano letivo fazia uma prova (exame final) para obter a aprovação para a classe seguinte. O Ensino Básico Obrigatório (EBO) correspondendo ao atual 1º ao 8º ano de escolaridade.

Essas mudanças estão preconizadas no quadro dos documentos estratégicos orientadores elaborados no país, onde se adotou os princípios da pertinência social, sustentabilidade e flexibilidade/adaptabilidade. O normativo sustenta que o sistema

educativo adota, igualmente, o princípio da educação inclusiva, admitindo todas as crianças nas escolas do ensino público, de acordo com a Declaração de Salamanca (1994). É de se referir que de acordo com a legislação, o plano curricular do Ensino Básico mantém-se, introduzindo-se o reforço do desenvolvimento integral da criança a partir da Educação Pré – Escolar e a revisão da abrangência do perfil do aluno do ensino básico, partindo-se da definição das competências a desenvolver.

A mudança mais atual é a que diz que a escolaridade básica obrigatória passou a ser até o oitavo ano de escolaridade. Nesse âmbito, a escola sofreu alterações a nível estrutural ganhando mais 14 salas que acolhem nesse estabelecimento alunos do 5º ao 12º ano, sendo até o oitavo, conforme já dito, o Ensino Básico Obrigatório.

1.2. O português como língua segunda

Em Cabo Verde, a Língua Portuguesa foi adotada como língua de escolaridade, língua de aprendizagem da escrita e da leitura. Assim, é importante especificar as diferentes designações de alguns linguistas, relativamente à língua. O “*português da África*” é o que já afirma Teyssier (1982:78):

“um português falado e escrito por parte dos habitantes dos novos Estados africanos independentes. Possui o estatuto de língua oficial, por oposição às línguas nacionais. Os responsáveis africanos proclamam a sua utilidade e declaram que, no momento, desejam conservá-lo. Mas afirmam, ao mesmo tempo, que o seu fim último é o de promover as línguas nacionais, pelo menos algumas dentre elas, nesse caso o crioulo de Cabo Verde”.

No que concerne à “língua materna,” declara Crystal que “*é a língua nativa do sujeito que foi adquirindo naturalmente ao longo da infância e sobre a qual ele possui intuições linguísticas quanto à forma e uso*”. (Crystal, 1985, *apud* Xavier e Mateus, 1990: 231). É através da “língua materna” que:

“o ser humano estabelece relações com o mundo que o envolve; trata-se de uma relação mediatizada pela língua. Em primeiro lugar, e na maior parte dos casos exclusivamente, essa mediatização é feita através da “língua materna” e, por isso, cada língua natural permite uma configuração própria e exclusiva do mundo aos seus falantes”.

Oliveira *et alii* (2000:278).

De acordo com Gomes *et alii* (1991:172), “língua materna” é uma língua que foi aprendida como primeiro instrumento de comunicação, desde pouca idade, e que é utilizada no país de origem do falante”.

Segundo Stern (1983:16), o termo “língua segunda” deve ser aplicado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa dentro das fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida.

Afirma, Chomsky que:

“não foi por escolha nossa que adquirimos o idioma que falamos: ele simplesmente se desenvolveu em nossa mente em virtude de nossa constituição interior e do meio ambiente em que vivemos. [...] Para cada um de nós, a língua desenvolve-se em consequência da nossa constituição actual, quando somos colocados no meio ambiente apropriado”. Para o linguista, “saber a língua é encontrar-se num determinado estado mental composto de uma estrutura de regras e princípios”.

Chomsky (1981:18-9,46).

Segundo Galisson, “a língua segunda” e a “língua estrangeira” definem-se ambas como não-maternas (são instrumentos de comunicação secundárias ou auxiliares), mas distinguem-se uma da outra pelo facto de a “língua segunda” beneficiar oficialmente de um estatuto privilegiado. Enquanto “a língua estrangeira” é aprendida por indivíduos, “a língua segunda” é ensinada como língua veicular a toda uma comunidade em que a (ou as) língua (s) materna (s) é (ou são) praticamente desconhecida (s) fora das fronteiras do País. Acrescenta-se, que dada a aprendizagem da “língua materna” e das não-maternas definirem modos de ensino diferentes, muito cedo se estabeleceu uma oposição entre elas “língua materna, língua segunda e língua estrangeira” de acordo com a função exercida por cada uma dentro do mesmo espaço linguístico. Galisson (1983:443).

Para Gomes, a “língua segunda” *“é uma língua não-materna que beneficia oficialmente de um estatuto privilegiado em virtude de ser língua veicular numa comunidade”*. Gomes *et alii* (op.cit.:172).

O crioulo (língua materna) que é a língua do quotidiano caboverdiano, informal, sem uma escrita padrão, não valorizada socialmente, falada pela totalidade da população, língua exclusiva de uma maioria esmagadora da população. Suporte privilegiado da identidade nacional, com muito peso na comunicação oral, na música e na literatura oral. É através dela que melhor nos entendemos, pensamos, sonhamos, nos divertimos, sofremos, trabalhamos, criamos, enfim, vivemos.

O português (L2) ao contrário do crioulo, é uma língua de formalidade ou de situações especiais, falada por uma minoria muito reduzida no universo demográfico Caboverdiano que, para além do estatuto de língua oficial, é a língua veicular no contexto escolar, da comunicação escrita, dos *mass media* e de literatura escrita.

A convivência desses dois idiomas no espaço linguístico caboverdiano faz com que haja alguma interferência e dificuldade no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa por se tratar de uma língua segunda, cujo primeiro contato com o falante, muitas vezes, só se efetua num estabelecimento de ensino.

Dulce Almada Duarte (1998:133), já afirma na sua obra *Bilinguismo ou diglossia?* que:

“a cada dia que passa, a utilização do português como língua de escolarização está sendo mais difícil para os alunos caboverdianos. Isto porque, há uma grande dificuldade na aprendizagem da língua e uma resistência também. Como prova disso, as interferências que abundam, no sentido crioulo/ português. E que a única solução é fazer do português um instrumento provisório de escolaridade. Portanto, é necessário pôr nas mãos das grandes massas o único instrumento que lhes serve de comunicação e expressão da sua identidade cultural: o crioulo.”

Uma ideia que justifica a seguinte afirmação de Gloria Fisher *apud* Castro e Sousa (1998:11):

“os problemas de interferência do crioulo na aprendizagem do português que, por vezes só parece ter características de proximidade, leva a situações que devem ser consideradas graves e terão, por tal, de ser objecto de estudos aprofundados certamente a vários níveis de intervenção e será necessário encontrar as soluções mais adequadas.

Durante muito tempo a língua portuguesa em Cabo Verde foi dominada por um número reduzido da população. No entanto, devido à consagração constitucional do seu estatuto como língua oficial, conseguiu sobreviver e ser a língua da escola. Segundo Duarte (1977) o português não é a língua materna dos caboverdianos e, portanto, torna-se difícil ensiná-la como tal, porque não se nota o uso do português nas relações que não possuem um carácter oficial e as crianças que começam a estudar esta língua raramente a ouvem fora da escola. O ideal seria que as crianças comessem a aprender o português por volta dos três ou quatro anos, na idade de jardim-de-infância. Não sendo possível aprendê-lo nessa idade, que pelo menos ao entrarem para a escola primária conheçam os rudimentos da língua oral. Em Cabo Verde para além da língua portuguesa ser estudada como se fosse uma língua língua primeira, a sua aprendizagem, reflete-se nas outras aprendizagens escolares.

Segundo Barros (1996):

“uma das causas das dificuldades do ensino do português a alunos cuja língua materna é a língua caboverdiana reside no facto de se ensinar o português às crianças caboverdianas utilizando a mesma metodologia que se utiliza para falantes de português que tem esta língua como língua materna”.

É importante pensar nessa questão da aprendizagem da Língua Portuguesa, já que se deve procurar resolver os problemas das interferências da LM que se verificam no ensino da Língua Portuguesa, resultantes do contato de línguas – entre a língua caboverdiana e o português. É necessário dar uma especial atenção à oralidade sem descuidar da escrita, levando os alunos a chegar ao automatismo da língua.

A República de Cabo Verde, ex-colónia portuguesa e um dos países integrante da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), promove o português no seu espaço nacional e tem lutado pela sua adoção em instâncias internacionais. Hoje é uma das línguas usadas na Organização das Nações Unidas (ONU), como língua de trabalho.

Tendo a LP como língua oficial, esta sofreu uma expansão, principalmente, no sistema de ensino no nosso país.

Embora, seja na escola que a maioria das crianças têm o seu primeiro contacto oficial e formal com a LP, a verdade é que em Cabo Verde os meios de comunicação, principalmente, a rádio e a televisão têm contribuído para iniciar um contacto informal com a LP, o que em nosso entender, tem impacto positivo ao nível geral. Mesmo assim e apesar das estatísticas provarem um aumento da taxa de alfabetização e de nível de escolarização básica e secundária, o uso da LP em Cabo Verde de forma mais organizada e intensiva, restringe-se a momentos formais, podendo muito brevemente vir a coexistir com o crioulo (LCV) que tem merecido uma forte atenção do governo nos últimos tempos. Entretanto, a LP falada em Cabo Verde, como todas as línguas é influenciada por vários fatores entre os quais o grau académico, o nível socioprofissional, a exposição às outras línguas, a frequência com que é falada, o que faz com que encontremos variações que vão da realização da língua culta ao que alguns gramáticos chamam de português popular. Mesmo assim, tendo em conta as apreciações de Matos e Silva (1999) e Cunha (1985), existem conceitos empíricos acerca do “correto” ou do “incorreto” no modo de falar resultante de modelos consensuais entre a classe culta ou que tem maior exposição da língua, entre académicos, professores ou ainda afetados por fenómenos linguísticos ou desvios da norma.

Entende-se que a qualidade do ensino depende da língua em que se dá a aprendizagem, daí que é importante o domínio da língua de ensino, neste caso a LP. Nas escolas caboverdianas, a LP tem sido a língua de escolarização e é assumida como instrumento de comunicação escrita e o meio de acesso a diferentes áreas do saber. A didática das línguas é importante nesse processo. O professor deve ser dotado de conhecimento em várias técnicas de ensino sempre delineadas de acordo ao meio que o circunscreve.

A didáctica, de acordo com Oliveira, Botelho, Lamas *et alii* (2000:126-128):

“é considerada como a articulação de vários saberes, visando criar condições favoráveis à aprendizagem de determinada matéria; é constituída por um conjunto de técnicas que preestabelecem, ao ensino, princípios e métodos que se destinam a criar condições favoráveis para que o aluno possa mais eficazmente tirar partido do ensino-aprendizagem a que é sujeito.”

Acrescentam, ainda, *“o que está na mira da didáctica não é o que se ensina, mas sim o como, isto é, as formas, os modos, os meios encontrados e a sua interacção para viabilizar o ensino das matérias em causa.”*

Por outro lado, *“a didáctica é, efectivamente, uma arte que recorre ao diálogo, visando o entendimento, a compreensão mútua, a inserção numa comunidade, no mundo.”* Segundo estas autoras,

“a didáctica torna-se necessária na medida em que só através dela o ensino resulta mais eficiente, servindo, desse modo e ao mesmo tempo, aluno e sociedade – as duas realidades que nela e por ela se confrontam. A didáctica é no conceito lato da educação, o espaço do encontro presente/futuro, ou seja, a preparação das gerações novas para a sua inserção na comunidade.”

Os projetos do Ministério de Educação delineiam ideias que mostram a ambição do ensino centrado no aluno para que o seu perfil de saída tenha bases de manuseamento para as sociedades atuais. A realização do projeto educativo, que se quer dinâmico e ajustado à realidade dos alunos, é feita com acompanhamento. O reforço da aproximação do aluno deve minimizar o estigma com o ensino da Língua Portuguesa. A arte de acompanhar o professor na sua atuação, não passa pelo policiamento do trabalho pedagógico, mas sim pela partilha de ações, conhecimento e reforço das experiências centradas nas coordenações pedagógicas. O acompanhamento para a otimização dos docentes pode ser feito sempre que as boas práticas sejam partilhadas de modo a contribuir para a evolução do grupo disciplinar. Inovação requer um saber com experiência em didática dinâmica e diversificada assente em práticas pedagógicas que motivem os discentes a ultrapassarem a barreira das dificuldades de comunicação e interação em relação a nossa L2.

1.3. Enquadramento Histórico e Social do Ensino da Língua Portuguesa

De acordo com documentos oficiais, Cabo Verde foi visto pela primeira vez em 1460 pelos navegadores portugueses. A história de Cabo Verde deixa referências de que a ocupação deste arquipélago se iniciou em 1462, dois anos depois do seu descobrimento. Os primeiros povos que se estabelecerem nas ilhas foram os colonos brancos, (nomeadamente, os Portugueses, Espanhóis, Genoveses, ...) e africanos (escravos) resgatados na Costa da Guiné. Junto com os colonos, chegaram a Cabo Verde vários dialetos do português, sobretudo do Norte, do Sul, e das ilhas vizinhas.

Mesmo com algumas alterações nos currículos o ensino da língua portuguesa, em Cabo Verde, foi sempre ministrado como que se de uma língua materna se se tratasse, até a Independência, ocorrida a 5 de Julho de 1975, embora este processo ainda continue. Essas alterações, atualmente, enveredaram por um sistema de ensino cujo processo é ministrado para o das línguas estrangeiras o que também não é adequado. Trata-se de um instrumento de comunicação com estatuto definido tanto “*per si*” quanto pela legislação que “Estabelece as Bases do Sistema Educativo”⁶

Há uma maior consciência que a LP, por razões várias, deve ser transmitida como Língua Segunda (L2), até porque não se pode pôr de lado todo o teor histórico, cultural e linguístico, da LCV a que o aluno se recorre e mobiliza, inclusive, em situações de aprendizagem. Há uma maior perceção de que existem outros meios além dos mais tradicionais que apoiam os docentes na sua preparação enquanto coordenador ou moderador dessa aprendizagem.

O ensino da Língua Portuguesa em Cabo Verde, passa por uma conjuntura muito peculiar, tendo em conta que há um número considerável de professores com formação específica na área que debate com maior abertura questões que se prendem com as práticas educativas.

⁶ Lei nº 103 /III / 90, de 29 de Dezembro, 1º Suplemento ao B.O. nº 53/90, de Dezembro.

No programa da disciplina de Língua Portuguesa do Ensino Básico 7º e 8º ano (3º Ciclo do E.B 2012:3) na parte introdutória, refere-se que:

“A LP é veículo de todas as aprendizagens, instrumento indispensável de comunicação e suporte da aquisição de conhecimentos em todos os domínios, tem como papel fundamental incentivar tanto a comunicação oral como a escrita, aprontando a inserção do aluno na vida social, impulsionando a educação para a cidadania, cooperando na formação de um bom utilizador da língua, capacitando-o a ser um comunicador com sucesso, capaz de construir a sua identidade através da linguagem para poder agir com e sobre os outros.”

O Ensino da LP tem como objetivo central a compreensão e produção de unidades comunicativas em que se dá maior importância à produção de textos orais e escritos, adequando ao contexto comunicativo em que se encontra o aluno.

Ao longo dos anos a LP, enquanto disciplina do currículo escolar vem sendo ensinada de forma convencional. O aluno é um mero recetor de conhecimentos, com um programa muito bem delineado e organizado em compartimentos. A escola, neste contexto, é quem tem o papel de transmissor de conhecimentos. Este paradigma, cujo foco são os conteúdos, coloca o aluno numa situação passiva, pois o alvo/objetivo é o cumprimento do programa anual.

Entretanto, reconhecemos as várias mudanças e empenho que as entidades responsáveis vêm fazendo no sentido de se mudar ou repensar as estratégias e metodologias no âmbito do ensino/aprendizagem da LP, considerada como L2. O seu ensino deve ser promovido com metodologias / estratégias próprias com conteúdos ajustados à realidade da criança e tendo em conta as várias situações de comunicação. A *Lei de Bases do Sistema Educativo* caboverdiano traça os seguintes parâmetros como objetivos para o Ensino Secundário:

- *Promover o domínio da língua portuguesa reforçando a capacidade de expressão oral e escrita;*
- *Permitir os contactos com o mundo do trabalho visando a inserção dos diplomados na vida ativa;*
- *Propiciar a aquisição de conhecimento com base na cultura humanística, científica e técnica visando nomeadamente, a sua ligação com a vida ativa.*

Quanto ao perfil de saída dos alunos do Ensino Secundário, o Programa da Disciplina de Língua Portuguesa prevê que o aluno adquira *“conhecimentos que assentam numa base cultural sólida, científica e humana, que permite a interpretação da realidade e ajude na realização profissional”* realçando ainda que o aluno deve ser capaz *“de comunicar, utilizando registos diferentes nas várias situações; expressar artisticamente”*. (cf. Matos e Lopes: 1997).

Para que esses objetivos se concretizem, cabe aos professores de Língua Portuguesa desenvolver atividades que visem potencializar a aprendizagem da leitura/ oralidade e da escrita, visto que é através desses mecanismos que nos comunicamos, transmitimos conhecimentos e valores, interagimos com os colegas, professores assim como com a sociedade em geral.

Nesta ótica, a compreensão/interpretação e a capacidade de expressão são competências privilegiadas no perfil do aluno ao longo de todo o ensino tanto básico como secundário. Essas competências permitirão ao aluno como um cidadão ativo a participar na mudança, contribuindo para maior autonomia na comunicação e uma maior integração social.

PARTE II



O USO DAS TIC NO ENSINO-SITUAÇÃO ATUAL

Com o dinamismo do mundo tecnológico, a educação, também, sofre alterações, o que gera modificações criando espaço para novas formas de construção de ensino e aprendizagem. Perante a importância das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) surge a necessidade dos docentes aprenderem a dominarem essas ferramentas, no sentido de melhor explorá-las. Todos os dias os desafios no ensino secundário são alvos de grandes debates acerca de “*como prender a atenção dos discentes*”, em qualquer contexto de ensino (presencial ou a distância).

Nessa ótica, escolher uma rede para gerir a aprendizagem requer técnicas pedagógicas que se adequem a esse novo ambiente (virtual). Perante a importância das TICs aparece a necessidade dos docentes da disciplina de Língua Portuguesa (Literatura, Comunicação & Expressão), entenderem como podem as explorar abrindo espaço para um maior desenvolvimento no campo educacional. É importante destacar que elas não são, excepcionalmente, responsáveis pelo processo de ensino, mas que sim, ajudam e muito no enriquecimento dos processos de construção da aprendizagem e do conhecimento. Apesar da importância das mesmas são várias as dificuldades que se afiguram nesse processo de ensino/aprendizagem da L2 em Cabo Verde, pelo que se passa a enumerar: leitura, escrita, vocabulário, compreensão do conteúdo, concordância nas frases, sinais de pontuação, sinais gráficos e desenvolvimento de temas.

Por tudo isso, a apropriação da linguagem escrita com suas amplas possibilidades, não é simples. Este é um processo gradual que exige um trabalho mais sistematizado, em que as intervenções de alguém mais experiente (professores, pais, ...) vão mobilizando o sujeito sobre a própria linguagem, o que já provoca aprendizagem.

As instituições de ensino devem ponderar sobre a necessidade e utilidade da introdução das NTICs nas atividades e currículos escolares. São úteis tanto para a transmissão de conhecimento, como para auxiliar os docentes nas diversas atividades que advém da própria classe, como por exemplo: comunicação, planificação dos conteúdos, avaliação, exposição, audição, entre outros.

Nesse sentido, a NOSI⁷ disponibiliza um serviço de alojamento *Web* onde a maioria das escolas já podem contar com a ajuda da SIGE⁸ (Sistema Integrado de Gestão Escolar). Este sistema coloca a disposição das instituições escolares, professores e comunidade educativa uma série de opções nesse sentido (partilha de informações entre escolas com os centros administrativos, informações de dados estatísticos, permite que os pais, também, tenham acesso as informações dos seus educandos, lançamento das avaliações, sumários, planos, ...), ou seja,

é um sistema desenvolvido que proporciona às escolas do Ensino Secundário e do Ensino Básico Integrado, um modelo único para que possam estar interligadas em rede a um sistema comum maximizando a comunicação, a gestão e minimizando os custos. Este sistema permite às escolas do ES e do EBI melhorar a sua gestão, permitindo uma integração rápida entre elas e os alunos e também com os pais/encarregados de educação.

Nosi (<https://www.nosi.cv/index.php/pt/solucoes/educacao>)

Esse espaço virtual ainda vem sendo implementado em algumas escolas, mas na EBSOM conta com um avanço de, aproximadamente, três anos de uso. Várias têm sido as novas funcionalidades que vão sendo atualizadas ou mesmo inseridas de acordo com as sugestões ou mesmo reclamações por parte de quem trabalha com este sistema, diariamente. Por observação direta, tem-se notado o quanto muitos se tem adaptado a essa forma, sobretudo, a nível de avaliação, no entanto outros nem tanto. Parece que sempre há um entrave, na ótica do utilizador, que não lhe permite ser mais célere com o sistema, o que no fim sendo um sistema geral, pode afetar todo um processo, muitas vezes sistematizado pela Direção das escolas.

Todos os docentes têm acesso à plataforma digital, mediante o uso de *password* e chave de confirmação próprios, como meio de trabalho diário. A barreira, que ainda não foi ultrapassada na EBSOM, prende-se com a internet e computadores/portáteis, até então, não disponíveis nas salas de aula. Não tendo acesso a ligações *Wireless*, de maneira a que se

⁷ Núcleo Operacional da Sociedade de Informação.

⁸ O SIGE é um sistema desenvolvido pelo NOSI em parceria com o Ministério da Educação que tem proporcionado melhorias dos processos administrativos de gestão escolar, por meio da inovação e de práticas de gestão participativa, fazendo com que o Ministério da Educação tenha um maior domínio do que se passa nas escolas, a sua capacidade de decisão e o tempo de resposta. **DR/ JMV.** (2017)“*NOSi promete implementar o SIGE em todas as Escolas Secundárias públicas até ao final do ano letivo 2017/2018.*”

In Inforpress. Cabo Verde. Disponível em: <https://www.nosi.cv/index.php/pt/noticias/item/278-nosi-promete-implementar-o-sistema-integrado-de-gestao-escolar-ate-ao-final-do-ano-lectivo-2017-2018-inforpress> [Acesso em Setembro de 2018]

consiga sincronizar as atividades, por exemplo os sumários das aulas, muitos podem fazer esse lançamento assíncrono em casa, ou do dispositivo móvel pessoal, caso haja condições para tal. Essas dificuldades sempre vêm à tona, quando o cumprimento com os prazos não coincide, no entanto, a base está nas condições de acesso e óbvio equipamento. Mesmo que reine boa vontade, os custos do processo não podem se assentar, exclusivamente, do rendimento do docente. Há que se implementar inovações, sabendo dos valores que acarreta e buscar formas de sustento das instituições escolares, que na sua gestão sempre espera o cumprimento dos trâmites acadêmico-pedagógicos, independentemente, do ponto de acesso.

Figura: 2. 1 Página inicial do IGRP - SIGE



Fonte: IGRP (INTEGRATED GOVERNMENT RESOURCE PLANNING) Educação – Pesquisa direta.

Infelizmente, nem todos os estabelecimentos conseguem fazer os investimentos imprescindíveis, para que isso aconteça sem maiores percalços, mas lá onde for possível deverão fazê-lo. Nessa ótica, de fato é preciso: *...uma reconceptualização no quadro da computação ubíqua, assim como, reequacionar a forma como o professor se deve comportar face às tecnologias*⁹, adaptado. Claro que o papel do professor será ainda mais acentuado como um orientador ou “condutor” do conhecimento, já que o aluno se torna ainda mais livre, não precisa, necessariamente, estar confinado a uma sala de aula. Infelizmente, ainda

⁹ MOURA, Adelina. CARVALHO, Ana. “Das tecnologias com fios ao wireless: implicações no trabalho escolar individual e colaborativo em pares”. EPB/ UM:. Portugal: s/d. p.2.

tem quem desconfie e rejeite o uso das novas tecnologias; e aqueles que não sabem dar o devido uso a essas ferramentas, muitas vezes, por exemplo: «massacra» o discente com o uso excessivo e prolongado de *slides* em *power-point*, raramente, contextualizados. Isso é corroborado através do artigo de Cláudio Paiva, citando: *Com a mudança de foco do ensino de línguas para a comunicação, a ênfase no engajamento de alunos com o discurso autêntico, significativo e contextualizado trouxe implicações para a integração da tecnologia na sala de aula*¹⁰.

A *internet* na educação torna-se uma ferramenta de trabalho dinâmica e atrativa para os alunos, onde é possível que haja ainda mais interação e integração entre eles. O aparecimento da *internet* como uma realidade mundial ligada ao aparecimento de computadores e afins, sem dúvida mudou a forma de ser, estar e agir das pessoas. Através desta ferramenta, várias foram as inovações concebidas para um maior uso e aplicação desse meio na vida do homem, como ser social. Ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) têm sido espaços de muita procura devido aos vários serviços oferecidos, como por exemplo, a venda de inúmeros produtos, as bibliotecas virtuais para consulta dos usuários, *chats*, os diários virtuais (*weblogs*), os correios eletrônicos (*e-mails*), as listas de discussão (*mailing lists*), as redes sociais (*social networkings*), entre outros. Esse novo *facto virtual*, que vem se tornando, gradativamente, mais acessível aos indivíduos, tem sido fator crucial para a instalação de uma nova ordem social, que deriva do relacionamento entre homem e máquina. Não se pode, portanto, ignorar a relação inabalável entre a tecnologia e a educação. Entretanto, isso não significa que o computador terá o poder de promover, por si só, todos os progressos no processo de ensino-aprendizagem. Antes de tudo, o computador precisa ser entendido como mais um agente facilitador no processo de construção de conhecimento; assim como não basta saber ler e escrever, mas também saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade moderna nos faz a todo o momento, bem como interagir com as novas formas de socialização (redes sociais) e até de aprendizagem (*e-learning, b-learning, m-learning*). *Os efeitos positivos só se verificam quando os professores acreditam e se empenham de “corpo e alma” na sua aprendizagem e domínio e desenvolvem*

¹⁰ FRANCO, Cláudio. “A tecnologia no ensino de línguas: do século XVI ao XXI” in Letra Magna. Portugal: 2010, p.4.

*actividades desafiadoras e criativas, que explorem ao máximo as possibilidades oferecidas pelas tecnologias.*¹¹

A promoção da língua passa, também, por uma séria afirmação da importância da utilização e do aproveitamento das TIC como instrumento de circulação de conhecimento, em especial na sociedade educativa. Para tal, é fundamental a crescente formação de professores que integre a aprendizagem e o desenvolvimento de competências em TIC, a nível inicial e contínua, no entanto, é importante que se recorde que de facto: "*a tecnologia não deve representar uma ameaça para os professores, pois por mais complexa e fascinante que seja, nunca irá desempenhar todas as funções de natureza humanística do professor*"¹².

O Ministério da Educação de Cabo Verde tem dado mostras de engajamento nesse longo processo, que ainda se desenha pela frente para um maior uso desses recursos no ensino. Têm feito inquéritos no sentido de fazer um levantamento das necessidades dos professores na utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, bem como do nível de conhecimentos destes no que se refere à existência de recursos tecnológicos e a sua devida utilização no processo de ensino e de aprendizagem¹³. No presente ano, foi apresentado pelo ME e o Parque Tecnológico de Cabo Verde, e posto em prática o projeto *WebLab*, sob o lema "*compromissos para esta geração, mudanças nesta geração!*" para jovens/alunos, professores, funcionários públicos e comunidade. Neste sentido o ME espera que no ano letivo 2018/2019 haja uma entrada em funcionamento pleno das *WebLabs*, instrumento que, segundo este Ministério, apoia no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem mais flexíveis e adequados a modernidade tecnológica, assim como de desenvolvimento da criatividade, da colaboração na resolução de problemas com vista à capacitação, à construção e desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Nesse sentido, apresentam os seguintes objetivos¹⁴:

A nível geral:

- *Contribuir para a diminuição da exclusão digital, facilitando o acesso a equipamento das NTIC;*
- *Ensinar a utilizar, mas também aprender a construir e a controlar as NTIC;*

¹¹ **MIRANDA**, Guilhermina Lobato. (2007). "*Limites e possibilidades das TIC na educação*"o. In *sísifo / revista de ciências da educação*. Lisboa: pp. 44.

¹² **FRANCO**, Cláudio. (2010). "*A tecnologia no ensino de línguas: do século XVI ao XXI*". In *Letra Magna*. Portugal: 11.

¹³ Questionário disponível em: <https://goo.gl/wtXaM5>

¹⁴ Fonte: Pesquisa direta.

E específicos:

- *Instalar WebLabs, em todas as escolas secundárias;*
- *Oferecer formação modular nas áreas associadas às NTIC, numa base voluntária;*
- *Alavancar o sector TIC através da capacitação de jovens nas NTIC, a nível nacional;*
- *Estabelecer desde cedo a ligação das Escolas Secundárias com o ambiente do Parque Tecnológico*
- *Criar desde cedo competências potenciadoras de emprego no mercado de trabalho do futuro;*

Figura: 2. 2 Containers da WebLab em Cabo Verde



Fonte: Ministério de Educação (Página no Facebook)

Realmente, todas as escolas selecionadas entre as quais a nossa, já foram contempladas com o contentor. (cf. Anexo I).

Essa boa iniciativa só realça ainda mais o poder que as TIC têm. É de facto uma necessidade primária, que pode aumentar a literacia digital no seio escolar para todos os agentes educativos. De momento, têm-se focado na formação de formadores, professores que possam transmitir as habilidades necessárias neste contexto, onde se almeja:

- *Criatividade;*
- *Pensamento lógico;*
- *Resolução e decomposição de problemas;*
- *Cooperação;*
- *Aprender como aprender de forma independente;*
- *Tentativa erro – Erros como desafios e não fracasso, entre outros.*

Em entrevista com a Delegada de Educação do Sal, Sra. Márcia Pinto, a respeito das TICs e o ensino de Português na EBSOM a mesma fez as seguintes declarações de acordo com os tópicos destacados abaixo:

- **Condições existentes na EBSOM:** “- *Realmente temos de reconhecer que nem todas as condições técnicas estão reunidas e uma das razões passa pela renovação dos aparelhos tecnológicos existentes, outra é equipar todas as salas sem exceção, mas também temos de garantir o total envolvimento dos professores para o seu uso efetivo, não como uma imposição, mas sim como uma mais-valia para o seu trabalho dentro das salas de aulas servindo como elemento motivacional.*”
- **Plano de melhoramento:** “- *O plano passa não só pelo equipar das salas e outros espaços das escolas com as novas tecnologias, não só com computadores, mas também tudo que seja aparelho de uso de novas tecnologias.*”
- **Motivação por parte da Delegação para que os professores utilizem as NTICs:** “- *A política agora traçada pelo Ministério Educação foi a de aquisição dos Tablet, pensando ser uma ferramenta de auxílio pedagógico para novas estratégias pedagógicas dentro e fora sala de aula. Também com os Weblabs pretende-se que toda a comunidade educativa desenvolva as suas capacidades de uso das novas tecnologias, que não passa só pelo conhecimento de digitar/formatar textos.*”
- **Capacitação dos professores para o uso das TIC:** “- *Foram já várias as formações feitas para a capacitação dos professores. Criação de linhas de crédito para aquisição dessas ferramentas de trabalho, implementação do SIGE e agora no presente momento SIGEB¹⁵.*”
- **Importância do projeto *Mundu Novu* para a escola:** “Mundu Novu é/foi um projeto importante, pois iniciou esse percurso de formação dos professores de equipar as escolas com as novas tecnologias. Foi o suporte para a implementação do SIGE e, também, criou uma linha de crédito dando possibilidade de professores e alunos adquirem computadores, portáteis mais acessíveis e com pagamento faseado.”
- **WebLab? Planos para o *container*:** “(...) o *Weblab* será utilizado como uma ferramenta tecnológica no dia a dia dos alunos, professores e, futuramente, dos pais / encarregados de educação como meio de desenvolver as capacidades/aptidões tecnológicas, principalmente, dos alunos despertando o gosto para essas áreas. Servirá de suporte para escolhas profissionais dos nossos alunos e, também, servirá para fazer uma educação interdisciplinar.”

¹⁵ Sistema de Gestão Integrada do Ensino Básico.

- **Classificação da importância de colocar estes suportes em prática nas instituições que tutela no concelho:** “Estes suportes informáticos são de extrema importância para a construção de um ensino de qualidade, o saber fazer, na qual se desconstrói a ideia de que o saber está centrado no professor, isto é, o aluno passa a ter possibilidade de fazer o seu percurso académico, passa a ser um aluno que pensa eliminando a ideia de que o alunos devem ser um mero recetor dos conhecimentos transmitidos pelo professor. Também, para os docentes é um desafio, pois deve ele encaminhar, orientar o seu aluno e levar para a sala de aula fatos/conhecimentos adequados à realidade do aluno a partir desses suportes ou desafiar os alunos a procurarem.”
- **Opinião sobre o uso de AVAs:** “- *Penso que um AVA pode ser uma ferramenta colaborativa desse processo ensino que se pretende implementar, para isso é preciso fazer uma desconstrução de ideias e mentalidades que os alunos aprendem somente dentro de 4 paredes, com mesas, cadeiras e 1 professor que seja o dono da verdade. Todos os intervenientes devem assumir esse recurso sem restrição e claro temos de ter condições de acesso a todos sem limitação, pois enquanto houver desequilíbrio de acesso a AVAs, tanto por parte dos professores como alunos e pais não vamos conseguir implementar verdadeiramente esse tipo de ensino, mas também devo realçar de que deve haver também uma mudança no desenho curricular da formação superior dos professores.*”

A chamada “Aldeia global” ainda não está aberta à todos com as mesmas oportunidades de acesso. A instituição “Escola” tenta alterar ou arranjar um lugar onde se possa abraçar essa nova “casa”, no entanto há sempre um sentido de alerta quando os mais tradicionais não aceitam certas inovações. Esse tipo de atitude contribui para um aprisionamento do recinto escolar, da própria liberdade e autonomia do aluno da sociedade atual. Não basta ter equipamentos é preciso saber usá-las, adaptar os conhecimentos a novos métodos de ensino ao novo contexto ainda por explorar, uma vez que o professor terá de ser um eterno aprendiz uma vez que é sabido que as escolas devem estimular as competências culturais aos discentes: ler, escrever, desenhar, pintar, cantar, contar, mas, também, adquirir literacia digital. Ainda que se deva aqui deixar frisado que o docente deve ser o pedagogo

de excelência na sua área de atuação e que sim pode ser um profissional que trás para perto de boas práticas que permitam o melhoramento das suas aulas.

Por isso, hoje, a escola não pode se afastar da sociedade de informação. Deve fomentar a curiosidade dos alunos na sua busca por informações, saber selecionar, usar e/ou atuar com consciência crítica ao que tem acesso. Com vantagens ou desvantagens, a *internet* ajuda a desenvolver competências linguísticas em contextos diversificados, assim como os temas que são mais variados, devido a dimensão do espaço cibernético.

2.1. Contextualização e caracterização do espaço de investigação – EBSOM

Relembrando o objetivo específico traçado: *refletir criticamente sobre o impacto do uso das TIC na promoção e dinamização das aulas de português*, achamos pertinente pôr em prática diferentes formas e ferramentas no contexto sala de aula. Para tal foi necessário observar o impacto das diferentes aulas, com o objetivo de analisar em termos de estratégias, atividades e objetivos de aprendizagem o sucesso ou não do uso de novas ferramentas. Para a observação das aulas foram utilizadas duas turmas de 11º ano da Escola Básica e Secundária Olavo Moniz. A escolha prende-se com o fato da autora deste trabalho, também, ser docente de português no referido 2º ciclo (11º e 12º anos) nesta instituição de caráter público.

Antes de entrar, propriamente dito, na descrição das aulas, passamos a apresentar as informações sobre o contexto em que se fez a observação, partindo do princípio que este elemento pode influenciar as práticas didático-pedagógicas e o processo de ensino e aprendizagem de uma língua.

A 8 de Outubro de 1988 foi publicado pela portaria 46/88 no Boletim Oficial nº 41, a instituição do Liceu Olavo Moniz como instituição pública de ensino, atualmente, situada na zona da Pretória. No entanto, o seu embrião situa-se antes da Independência de Cabo Verde, por iniciativa de um grupo de profissionais ligados ao Aeroporto do Sal, que no dia 2 de Novembro de 1966, inaugurou o Externato do Aeroporto do Sal cujo mentor foi o médico, Ramiro Alves Figueira. No dia dois de setembro de mil novecentos e setenta e quatro, a comissão constituída pelo Diretor do Externato do Aeroporto do Sal, Dr. Ramiro Alves Figueira, Zilda Estrela e Augusto Tavares, procedeu a entrega a título precário do edifício do Externato do Aeroporto aos Serviços de Finanças do Conselho do Sal, constituído

por: uma sala de professores, uma secretaria, uma arrecadação e quatro salas de aula, lê-se no Auto de Entrega.

Quadro: 2. 1 Distribuição dos alunos por ano de escolaridade

DESIGNAÇÃO	ANO	Nº DE TURMAS	Nº DE ALUNOS	SUB - TOTAL
BÁSICO	5º	14	470	1840
	6º	8	400	
	7º	14	555	
	8º	10	415	
SECUNDÁRIO	9º	10	438	1096
	10º	6	238	
	11º	6	250	
	12º	6	170	
TOTAL		74	2936	

Fonte: Direção da Escola (Subdireção Pedagógica)

O espaço é amplo, no entanto poderia ser melhor aproveitado a nível arquitetónico uma vez que outros espaços têm feito falta à comunidade educativa, por exemplo um anfiteatro, que ainda não tem, como se pode comprovar no Anexo II.

No momento, a instituição é moldada com as seguintes condições físicas:

Quadro: 2. 2 Espaço físico / Regulamento Interno - Gestão de Escola Básica e Secundária Olavo Moniz, 2018

Estrutura física	- 26 Salas de aulas normais (7º à 12º ano); 14 salas (5º e 6º ano) Instalações específicas: - Biblioteca - Placa Desportiva - Laboratórios de Física, Química e Ciências Naturais - Salas de Desenho e Educação Tecnológica - Sala de Informática - Sala Multimédia - Sala de Coordenações Específicas - Sala de Música - Sala de Acompanhamento de Alunos
Serviços administrativos	- Secretaria e espaços anexos para arrumos e arquivos; - Gabinetes do Conselho Diretivo
Espaços de convívio	- Pátios; - Sala de professores.
Serviços de apoio	- Reprografia; - Cantina.
Instalações sanitárias	- Estão em funcionamento 6 casas de banho para uso geral dos alunos; 2 casas de banho no Bloco Administrativo; 4 Balneários.

Fonte: Direção da Escola (Subdireção Pedagógica)

O corpo não docente é constituído por quatro guardas, três como pessoal administrativo e onze como pessoal auxiliar. Enquanto que o pessoal docente tem no total 111 professores (do 5º ao 12º ano).

Quadro: 2. 3 Recursos Humanos da EBSOM

Recursos Humanos por Categorias	Total
Professores com funções letivas	111
Professores sem funções letivas	1
Pessoal Administrativo	3
Pessoal Auxiliar	10
Outros (Esp)	5

Fonte: Direção da Escola (Subdireção Pedagógica)

No que diz respeito aos recursos financeiros a escola vive de um orçamento anual privativo, sendo a principal fonte de receita proveniente das propinas e dos emolumentos. Existem ainda apoios de parceiros cujo financiamento pode ser feito quer através de verbas quer através de equipamentos ou materiais fornecidos. A escola procura estabelecer uma dinâmica de cooperação e inter-relacionamento com a comunidade envolvente. Para o efeito negocia com diferentes parceiros a vários níveis. Esses parceiros são instituições públicas e privadas.

Muitos questionam o estado obsoleto de muitos equipamentos e da própria mobília do espaço escolar, tanto que muitos acham isso inaceitável e que o progresso não tem passado em certas áreas da escola. Várias opiniões e comentários se ouvem, a indagação do porque que a escola não tem acompanhado a evolução tecnológica com mais eficácia, celeridade e sobretudo dotada de equipamentos funcionais e em número suficiente para cobrir as necessidades de uso. Um dilema que se arrasta há muito e não só nessas paragens. A Instituição sofre com esse défice que não o deixa acompanhar a mesmo ritmo as inovações da sociedade em que se insere.

2.2. O percurso do ensino/aprendizagem com uso das TIC

A *internet* passou a influenciar a qualidade dos planos de aula, já que inúmeras vezes se recorre à pesquisas em diversos *sites* sobre os próprios conteúdos programados. Novos horizontes trazem uma lufada de ar fresco ao isolamento da preparação das aulas tradicionais

muitas vezes estagnadas devido ao conformismo. O mundo abre as portas a uma maior rede de partilha, materiais, livros, bibliotecas *online*, *softwares* educativos, jogos, entre outros, que pedem essa atualização ao docente. A formação contínua centrada em novas dinâmicas de aperfeiçoamento da transmissão de saberes.

Os avanços mostram o interesse da instituição em alavancar maiores bases e ferramentas que o permitam. Por isso, ainda neste ano letivo criou-se as bases para permitir que a escola beneficie da *WebLab*.

Figura: 2. 3 Interior do container *WebLab*



Fonte: Direção da EBSOM

Acreditamos que os professores que atuam na sala de aula deveriam reavaliar o ensino da escrita e da oralidade somente como forma de transmissão de conhecimentos. Também deveriam avaliar até que ponto é importante ensinar a escrita através de realização de atividades mais interativas, por exemplo: através de conversas no *chat*, via *e-mail*, *sms*, *viber*, *whatsapp*, *sites*, etc.

Assim, utilizar a prática da escrita, leitura e/ou oralidade somente para a transmissão de conhecimentos é uma atitude tradicional e distorcida da realidade linguística. Percebe-se desse modo a razão da necessidade de se ter uma postura crítica mediante o ensino/aprendizagem da língua portuguesa. O ensino não pode se basear apenas no método

expositivo e interrogativo que ainda imperam nas salas de aula. Infelizmente, a carência de materiais, aliada a falta de formação da maioria dos docentes provoca um desfasamento entre as expectativas do próprio ME, que apenas no ano letivo 2018/2019 começa a implementação do ensino das TIC em regime modular para alunos do 5º ano do Ensino Básico Obrigatório.

O professor precisa mostrar aos alunos que a aprendizagem da língua portuguesa requer a prática da leitura além da prática da escrita. Este é um dos desafios a serem enfrentados pelo professor na sala de aula. É necessário que se adote uma concepção moderna de ensino, levando os alunos a saberem usar os seus conhecimentos em diversas situações comunicativas.

2.3. O Papel do grupo disciplinar de português na promoção do uso das TIC no processo de ensino

Comenta-se sempre nas reuniões de fórum pedagógico que nos dias de hoje, cada vez mais ligado as NTICs, o professor que tem a consciência do contexto a que está ligado e das suas ações enquanto profissional, que é importante desenvolver hábitos que visam o uso das NTICs como instrumento de lecionação. No entanto, na prática a maioria é seguidora do ensino tradicionalista, por motivos vários, a seguir apontados de acordo com os dados dos questionários. O despreparo, o desinteresse, a falta de equipamento ou mesmo a falta de hábito, muitas vezes estão na base desse impasse. A par da base de formação de cada docente, o ensino de hoje requer uma avalanche de transformações a que não se pode ignorar, uma vez que os discentes, sendo jovens, facilmente se enveredam pelo rumo da “moda”, do novo. Se se juntar o conhecimento à diversidade de oferta a nível educacional, sempre se pode quebrar o ritmo monótono que as vezes o próprio programa disciplinar nos impõe, tendo em conta a repetição de conteúdos.

Muitos questionam os hábitos de leitura, a organização da escrita e a própria capacidade de interpretação dos discentes, e não é exagero quando a maioria aponta essa culpa ao professor de português! Então, novas perspectivas podem e devem ser além de vislumbradas, postas em prática. Sempre se pode refletir se os nossos planos têm conseguido ser métodos bem-sucedidos e que conseguem atingir o objetivo pretendido. O mundo virtual pode ser uma sombra para quem seja muito agarrado ao papel, mas porque não “*unir o útil ao agradável?*”

Os alunos, sejam crianças do básico ou do secundário, sempre terão a chance de ler através de um ecrã seja ela em casa ou na escola. É certo que teclar num computador, digitalizar uma mensagem num telemóvel, *tablet*, ou outro, é uma forma de escrita e de comunicação. A esta ideia importa esclarecer que se pressupõe, como é óbvio, que o aluno alfabetizado com o uso de caligrafia, só irá beneficiar de maior desenvolvimento da prática do pensamento lógico através da escrita, sob formas diferentes. É atraente e pode ser um instrumento muito mais chamativo que o próprio professor na sala de aula quando este não o traz para perto de si (entenda-se jogue com isso a seu favor). Essa abertura mostra o quão junto se pode estar com o aluno dentro da sala, mas o quão “perto” se pode estar ainda que a distância, basta estar conectado.

Quando se prepara uma atividade recorrendo às TIC, o aluno sente que àquela aula é-lhe dedicada, porque o docente quer que de facto aprendam, ainda que seja saindo dos hábitos convencionais. Essa técnica pode aumentar a autoestima do aluno se se sentir parte envolvente daquele processo, o “objeto” e o “alvo”.

O professor como motivador tem a chance de fomentar, ainda mais, a prática da escrita e da oralidade em diferentes modos de ensino e práticas educativas¹⁶.

No processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, o professor deve ter como maior objetivo proporcionar o desenvolvimento das competências, especificamente, a nível da oralidade e da escrita, e a melhor forma de alcançar esse desenvolvimento é através da interação contextualizada dos métodos de ensino na sala ou fora dela.

Os professores têm o papel de auxiliar os alunos e motivá-los no trabalho com a prática de situações orais e escritas que vão de encontro com a realidade da sociedade atual. Com ideias assentes nas abordagens relacionadas com as TIC o professor tem dois papéis principais no ensino comunicativo, particularmente, na competência da comunicação oral e escrita com base na literacia digital que é objeto de estudo deste trabalho.

Deste modo, impõe-se às instituições educativas a tarefa de formar professores que possam intervir, no interior do sistema, no sentido de melhorar a competência digital dos alunos na aula de língua portuguesa, valorizando os modos de comunicação.

¹⁶ Oliveira *et alii* (2005:3) “Especialistas em educação estimam que a tecnologia contribui para motivar os alunos e modificar seu comportamento no processo de aprendizagem, ajuda na formação de estudantes especiais, bem como estimula os professores e os libera de determinadas tarefas administrativas para melhor utilizar seu tempo”. Limas, J.C.O.; Cassol, M.; Marqueze, M. (2003:1)



A pesquisa seguiu avante com base em instrumentos selecionados para tal: questionários aplicados tanto para alunos como para professores e análise após coleta de dados. Além dessas variáveis pode-se contar com o relato da experiência *in loco* com aulas de Português ministradas recorrendo às TIC, ou seja, nesse caso o pesquisador é observador e participante ao mesmo tempo. Essas observações e análises baseiam-se num estudo de caso com base na pesquisa-ação participativa com algumas páginas de exposição virtual.

Para uma análise mais exata dos dados e reações, a experiência incidiu-se, essencialmente, em duas turmas num total de 70 alunos (CT1 -29 e ES – 41). Importa esclarecer que da população total o inquérito aos alunos conta com uma amostra representativa de 92,86%, o que corresponde a 65 questionários recolhidos dos 70 possíveis. No dia 15/11/2017 o projeto foi apresentado pela professora em todas as turmas que seriam contempladas com a pesquisa.

A turma 11º CT1 é composta por 29 alunos sendo 5 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. Quanto a turma 11º ES tem um total de 41 alunos sendo 17 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. Alunos com idade compreendida entre os 17 e os 20 anos. (Cf. anexo VI).

As nossas observações e análises primaram pela metodologia quantitativa e qualitativa baseada numa pesquisa ativa e participativa com base em tarefas que trouxeram vários produtos finais virado para a escrita e para a leitura em L2.

Vygotsky já dizia “*a aprendizagem acontece através do compartilhamento de diferentes perspectivas pela necessidade de tornar explícito seu pensamento e pelo entendimento do pensamento do outro, mediante interação oral e escrita*” (Vygotsky, *apud* Mantovani, 2005:12) p. 3 de Schulz, Carolina *et alii*.

Uma perspetiva que se pode adaptar perfeitamente às técnicas de ensino-aprendizagem ora utilizadas. Neste estudo aborda-se, essencialmente, o uso de redes sociais (Facebook) como ferramenta de comunicação de base, o *Padlet* como base de divulgação, armazenamento, avaliação e partilha, para além do uso de *e-mail* e do *chat* como meios de comunicação direta e envio de trabalhos de grupo e/ou individuais.

3.1. Resultado das análises: Professores de português

1º GRUPO: Questionário 1: Professores de Português do (5º ao 12º ano) Escola Secundária Olavo Moniz¹⁷

A pesquisa realizada apresentou dados que demonstraram como os professores das turmas do Ensino Básico (5º, 6º, 7º e 8º anos) e Secundário (9º, 10º, 11º e 12º anos), em que foi aplicado o questionário, ponderam e atuam diante do uso da tecnologia nas aulas da disciplina *Língua Portuguesa*, ainda que por vezes tenha designações diferentes consoante os ciclos e/ou áreas (Comunicação & Expressão, Português).

O questionário, com um total de vinte e nove perguntas, foi entregue a dezassete professores, que tinham a opção de não se identificarem, e com total retorno, pelo que essas informações são, extremamente, importantes para fundamentar este estudo. As tabelas e/ou gráficos espelham a convivência escolar com o uso da tecnologia nesta instituição escolar.

Pergunta 1/ 2 - Identificação / Sexo

As duas primeiras questões prendem-se com dados de identificação e sexo dos docentes inquiridos. Três deles identificaram-se e os restantes preferiram manter o anonimato; no entanto, para prosseguir com a análise dos dados foram coligidos com um código numérico. Neste âmbito vê-se supremacia das mulheres neste universo de 17 docentes no total, sendo 15 do sexo feminino e 2 do sexo masculino.

Pergunta 3 - Tempo de serviço no Ministério de Educação / Pergunta 4 - Nível de ensino que atua:

Esta questão mostra-nos o quão díspares estão esses profissionais a nível de tempo de serviço. Assim, 12% tem 3, 4, 5, 6 e 23 anos de serviço. Os outros de modo individual têm um tempo diferente entre si. O nível de ensino é para quase todos distribuído entre o básico (59%) e o secundário (47%) uma vez que se prima por um sistema de rotatividade nesse processo e por troca de experiências entre os diferentes docentes com o objetivo de se trocar diferentes métodos, estratégias, planos, ideias, entre outros.

¹⁷ Após a construção de 14 novas salas (bloco 4), no segundo trimestre as turmas do 5º e 6º ano, começaram a fazer parte desse recinto pelo que assim que sair o Despacho Oficial, a instituição designar-se-á: EBSOM (Escola Básica e Secundária Olavo Moniz)

Tabela: 3.1 Pergunta 3 (Professores) – Tempo de serviço no Ministério da Educação

Tempo de serviço ME	1	3	4	5	6	10	16	23	24	27	30	Nr.	Total
Nº de Profis.	1	2	2	2	2	1	1	2	1	1	1	1	17
%	6%	12%	12%	12%	12%	6%	6%	12%	6%	6%	6%	6%	100%

Fonte: Pesquisa direta.

Pergunta 5 - Formação (curso de licenciatura concluído ou em curso) / Pergunta 6 - Pós-graduação (curso concluído ou em curso e área de concentração do mais alto):

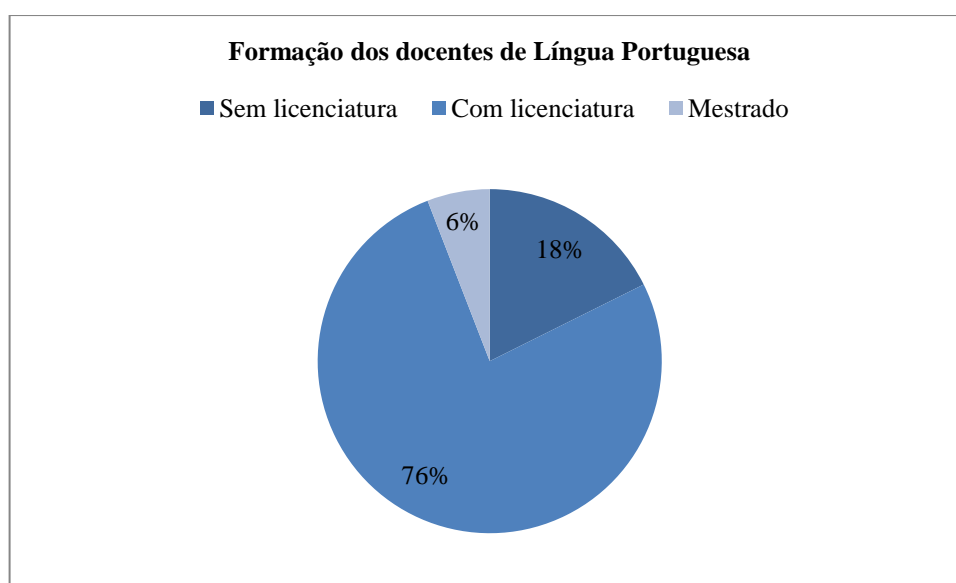


Gráfico: 3.1 Pergunta 5 (Professores) – Formação dos docentes de LP na EBSOM

A quinta questão refere-se à formação do docente. Tendo a maioria (76%) concluído o curso de licenciatura, 6% tem mestrado concluído e 18% ainda está sem concluir a licenciatura, mas com formação na área pedagógica. Assim sendo, todos os inquiridos têm conhecimento acerca da inclusão das TIC no processo de aprendizagem a nível prático, ou seja, possuem bases teóricas suficientes que os permitem refletir sobre o assunto.

Pergunta 7 - Com que frequência você utiliza o computador no seu dia a dia em casa? / Pergunta 8 -Se respondeu sim na questão 7 assinale os recursos que mais utiliza em casa.

O uso do computador é uma prática recorrente e diário para 88% dos docentes, sendo que 12% afirmam não fazer este uso no seu dia-a-dia, conforme ilustra o gráfico correspondente. Esse uso prende-se, nomeadamente, com o editor de texto (*Word*) e *e-mail*, ambos com uma

taxa de 94%. De modo decrescente, vem as redes sociais e uso de *software* de navegação na *internet* com (71%); *software* educacional (35%), *software* de apresentação (18%) e por último *software* de edição de imagens (12%).

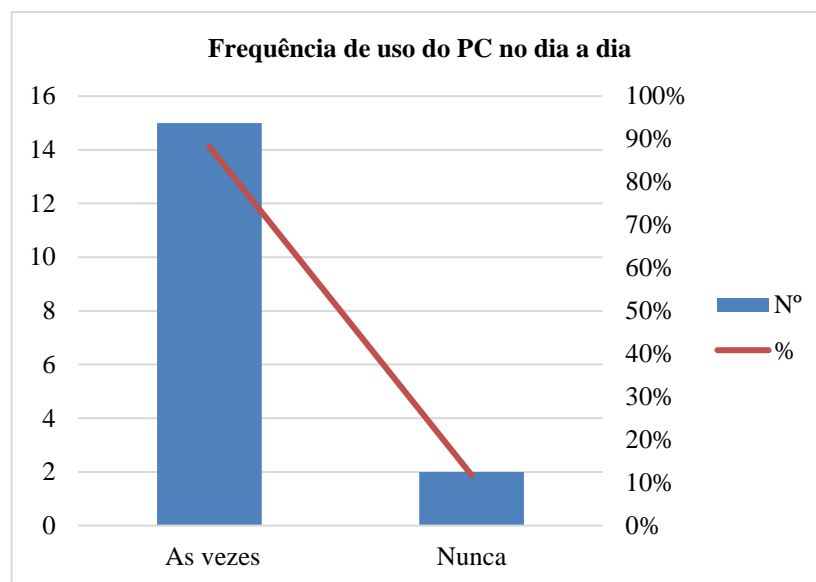


Gráfico: 3. 2 Pergunta 7 (Professores) – Frequência de uso de PC no dia a dia dos docentes

Pergunta 9 - Com que frequência utiliza o computador para preparar as aulas?
/ Pergunta 10 - Acredita que possui conhecimentos suficientes para utilizar o computador, dentro e fora da escola?

Durante a preparação das aulas o uso do computador é utilizado as vezes por 65% dos docentes, outros 35% usam-no sempre. Não deixa de ser notório que se nem todos usam esse instrumento diariamente, o facto é que a totalidade acaba recorrendo a esta ferramenta no preparo das aulas, ainda que seja apenas para pesquisa, elaboração de testes ou preparar as avaliações, no contexto educacional.

Esse uso realça o fato de 76% dos inquiridos acreditarem nas suas potencialidades em relação a conhecimentos como usuário desse equipamento, e apenas 24% acharem que não têm conhecimento suficiente para tal.

Pergunta 11- Usa a *internet* para preparar aulas e materiais de ensino? / Pergunta 12 - Que tipo de material didático você prepara usando o computador?

A esmagadora maioria (94%) recorre à *internet* para preparar as suas aulas e/ou materiais de ensino. No entanto, o tipo de material mais usado com o computador são as avaliações (76%) e, posteriormente, as folhas de exercícios (65%) e para transcrição de textos (53%).

Pergunta 13 - Tem formação específica na área de utilização de computadores? / Pergunta 14 - Você considera que seu domínio no uso de computadores seja (...):

Se se cruzar a taxa dos que acreditam nas suas competências como utilizador do PC (Pergunta 10) com a resposta a esta questão vamos ver que se aproximam bastante; uma vez que 71% desses docentes diz que tem formação nessa área e o restante 29% não tem. Por outro lado, menos de metade (41%) considera que o uso dos computadores esta no nível que se considera normal, 35% como bom, 12% classificam-se como muito bons ou excelentes nesse patamar, como comprova o gráfico abaixo.

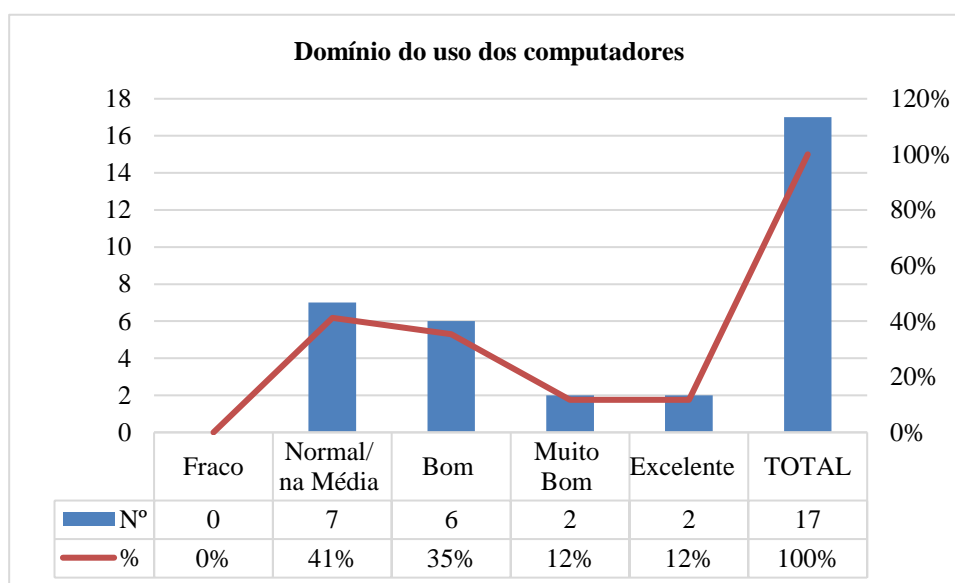


Gráfico: 3. 3 Pergunta 14 (Professores) – Domínio de uso dos computadores pelos docentes

Pergunta 15 - Você recorre às novas tecnologias para ministrar as suas aulas? / Pergunta 16 - Se respondeu sim na questão 15, assinale os recursos que mais utiliza nas suas aulas. / Pergunta 17 - Você utiliza algum *software* educacional nas suas aulas?

O hábito de recorrer às novas tecnologias para ministrar as aulas centra-se em 71% dos docentes. O recurso mais utilizado para tal é a *internet* (59%), enquanto que os outros 35% afirmam usar *softwares* educacionais. No entanto, a pergunta 17 vem contradizer essa

percentagem, já que 47% não usa um *software* educacional nas aulas, deixando 29% que dizem usar e 24% dos docentes inquiridos não responderam a esta questão.

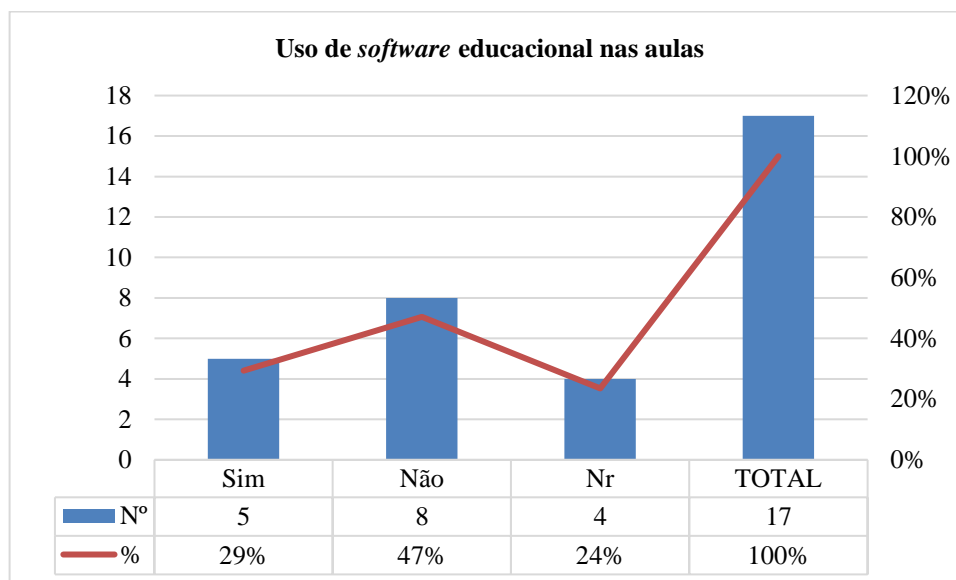


Gráfico: 3. 4 Pergunta 17 (Professores) – Uso de *software* educacional nas aulas

Pergunta 18 - Quais recursos tecnológicos você pode usar em sua sala de aula?
/ Pergunta 19 - Quais recursos computacionais poderiam ser utilizados para trabalhar os conteúdos com seus alunos?

Nas salas de aula é possível usar como recurso tecnológico o projetor (88%), colunas (53%), 12% dizem que podem usar televisão (embora não façam parte do mobiliado das salas convencionais para as aulas diárias) e 18% afirma que não pode usar nenhum dos indicados. Ainda foram acrescentados recursos tais como o *tablet* (indicado como dispositivo pessoal do docente e não da instituição) ou portáteis.

A maior parte dos docentes (59%) é de opinião de que poderia se utilizar o editor de texto, o *software* de apresentação e educacional para trabalhar os conteúdos com os alunos. Ainda se realça o uso de *software* de navegação na *internet* (24%) e, por fim o *software* de edição de imagens (18%), ainda que 6% dos inquiridos não tenham respondido esta questão.

Pergunta 20 - Assinale as opções que lhe ajudariam na utilização do computador em sala de aula. / Pergunta 21 - Acha que ministrar aulas usando recursos computacionais exige um tempo maior de preparação?

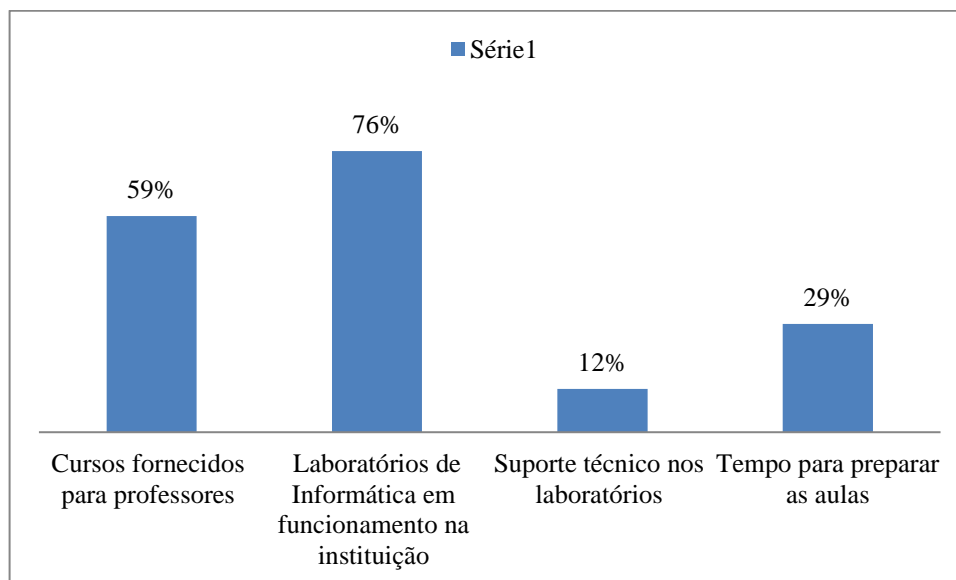


Gráfico: 3.5 Pergunta 17 (Professores) – Opções que ajudariam na utilização do computador em sala de aula

O gráfico acima mostra o quão valioso seria ter laboratórios de informática em funcionamento na instituição, no sentido de ministrar as aulas (além da disciplina denominada *Utilização de Computadores*), como se pode ver pela alta percentagem concentrada em 76% dos docentes da disciplina de Língua Portuguesa. Seguidamente, vê-se a consciência de mais de metade desses mesmos professores (59%) a admitirem que seria bom ter acesso à cursos nesta ótica. Reivindica-se mais tempo para preparação dessas aulas (29%) com recurso às TIC e suporte técnico nos laboratórios (12%). Para além desses, desejam ter mais acesso à equipamentos, tais como: computador e projetor, uma vez que as salas não têm esses equipamentos. (Cf. anexo II).

É notório que a maioria crê que as aulas com recurso às TIC levam mais tempo para serem preparadas, tanto que 71% responderam, positivamente, à questão 21% e os outros 24% dizem que não.

Pergunta 22 - Quais vantagens você vê no uso pedagógico dos recursos computacionais para suas aulas?

A maior vantagem apontada pelos professores para quem recorre ao computador como recurso pedagógico é o aumento da motivação que apresenta uma taxa de 71% da totalidade

da população. Em seguida, destacam o desenvolvimento de competências informáticas (59%), o aumento da rapidez de construção do conhecimento e a possibilidade de uso de ferramentas lúdicas, ambas com 47%; por fim, mas não menos importante têm consciência de que esse recurso pode aumentar a interação professor-aluno e vice-versa (41%).

Pergunta 23 - Quais fatores contribuem para o pouco uso do computador pelos professores?

Tabela: 3. 2 Pergunta 3 (Professores) – Fatores que contribuem para o pouco uso do PC pelos professores

Fatores que contribuem para o pouco uso do computador pelos professores	Nº	%
Turmas grandes	5	29%
Necessidade do cumprimento do programa	3	18%
Alunos indisciplinados	2	12%
Condições ruins do laboratório	5	29%
Não existência dos mesmos	12	71%
Falta de suporte técnico	10	59%
Falta de incentivo da Direção da escola	3	18%
Insegurança pela falta de prática.	3	18%
Outro(s).	1	6%
Qual? " Os alunos demoram a copiar"		

Fonte: Pesquisa direta.

A tabela acima mostra-nos as razões escolhidas pelos docentes da EBSOM para justificar o pouco uso do PC nas salas de aula. Em destaque, a não existência dos mesmos (71%), o que de facto, quando se tem tempo limite para estar no espaço *sala de aula* diminui o tempo disponível à explanação ou prática de conteúdos. Logo de seguida a falta de suporte técnico com 59%. Turmas numerosas (muitos alunos) e condições ruins do laboratório, ambas com 29% também foram realçadas, já que são condições essenciais a que não se pode descurar. Muitos estão preocupados com a necessidade de cumprimento do programa, falta de incentivo por parte da Direção da Escola e com a insegurança por falta de prática, todos representando 18% dos inquiridos. Ainda 12% apontam a indisciplina por parte dos alunos e 6% acrescentam como motivo o facto dos alunos passarem mais tempo a copiar os conteúdos do que a entender o o foco pedagógico das matérias.

Pergunta 24 - Você sabe o que é um AVA? / Pergunta 25 - Você usa um AVA nas suas disciplinas com os alunos?

No que diz respeito aos conhecimentos relacionados a um AVA, os resultados mostram que 53% dos docentes não sabem do que se trata, e 47% afirmam que sabem do que se trata. Coincidentemente, a resposta a seguir confirma a anterior, uma vez que 53% não usa um AVA nas suas disciplinas com os alunos, 24% usa e os outros 24% não responderam à questão 25.

Pergunta 26 - Quais características você acha importante para se fazer uso de um AVA?

Dos que responderam a esta questão, 29% frisou a facilidade de utilização, 18% diz que é de fácil navegação, 12% escolhe a facilidade de compreensão das opções e 6% diz que a *interface* é amigável. No entanto, convém que se tenha em conta que mais de metade dos professores (53%) não responderam à esta questão, o que mostra a falta de conhecimento nesse aspeto.

Pergunta 27 - Quais ferramentas você acha importante num AVA?

Relativamente a este aspeto, os docentes sublinharam a importância das seguintes ferramentas: para disponibilizar material didático virtual para os alunos e para avaliar o progresso e o desenvolvimento dos alunos, 47% cada; para administrar avaliações, testes e exercícios, mantendo os resultados armazenados, 29%; para disponibilizar *links* para outros *sites* na *Web*, ajudar os professores a administrarem aulas e notas e a sua utilidade como ferramenta de comunicação como *e-mail*, *blogs*, *sites*, fóruns, ..., todas com 24%; e a importância como ferramenta de produção de portfólios individuais revelada por 6% dos inquiridos; Outros 47% dos docentes não responderam a esta pergunta.

Pergunta 28 - Quais recursos você gostaria de usar com seus alunos num AVA (ou já usa)?

Para essa pergunta a percentagem das respostas foram: 53% gostaria de usá-la para a entrega de tarefas. O *e-mail* é apontado por 35% dos inquiridos, 29% prefere para os resultados das avaliações, outros 24% para a comunicação em fórum, 18% para o portfólio, 12% tanto para o *chat* como para acompanhamento dos alunos, 6% para FAQ¹⁸ e construção de murais, no entanto 29% dos docentes não responderam a essa pergunta.

¹⁸ Significado: *Frequently asked questions* (perguntas frequentes).

Pergunta 29 - O que pensa sobre a importância do uso destes suportes em seu método de ensino?

Por fim, a última pergunta refere-se à importância das TIC's como método de ensino onde as respostas foram agrupadas na tabela abaixo de modo a se visualizar as variadas respostas, mas que seguem o mesmo rumo a nível de conclusão, ou seja, são importantes, assim como são benéficas tanto para os discentes como para os docentes pelo caráter inovador, facilidade para pesquisas, registos e armazenamento, maior motivação e interação, entre outros que se pode ler na tabela abaixo:

Tabela: 3. 3 Pergunta 29 (Professores) – A importância do uso destes suportes como método de ensino para os docentes

O que pensa sobre a importância do uso destes suportes em seu método de ensino:	Código - Prof.	Nº	%
"O uso destes suportes é muito importante, pois facilita muito o processo ensino/aprendizagem."	1	12	71%
"Penso que é um dos meios benéficos uma vez que desperta mais interesse não só pelo professor, como também para os alunos. É de salientar que já tive resultados satisfatórios com o uso destes suportes."	2		
"Acho que estes suportes seriam muito importantes no processo de ensino aprendizagem, visto que ajudaria muito na transmissão dos conteúdos. O aluno pode ter acesso à matéria em casa e regressar no dia seguinte, já preparado e facilitaria o professor."	3		
"É muito importante o uso destes suportes, visto que os alunos estão interessados é nas novas tecnologias, com o uso dos computadores e outros, de certeza que os alunos apresentavam mais interesse e maior interatividade."	4		
" Por ser inovador ajuda os docentes e discentes no processo ensino-aprendizagem ampliando o conhecimento e a forma de como ensinar ou transmitir os conteúdos."	5		
"Poderia melhorar o desempenho dos professores, aumentar os conhecimentos dos professores e alunos, facilitar pesquisas, facilitar registos, etc."	7		
"Caso fosse possível seria muito bom, visto que facilitava o processo ensino-aprendizagem do aluno."	10		
"Com a globalização as habilidades ligadas às TICs tornou-se um fator de grande importância, pois o professor deixa de ser transmissor de conhecimentos e passa a ser um mediador na formação do conhecimento do aluno. Com as tecnologias no ambiente educativo o acesso à informação / conhecimento torna-se mais acessível, o trabalho do professor também fica mais fácil e os resultados serão melhores."	11		
"Já tentei utilizar projetores nas aulas, mas os alunos demoram a copiar a matéria, a aula não avança muito. Mas para preparar as aulas faço muitas vezes as minhas pesquisas nos <i>softwares</i> educacionais."	12		
"Os trabalhos ficam ali guardados para consultas posteriores, o que facilita muito no ensino-aprendizagem."	13		
" É sempre uma mais valia para os professores como para os alunos e acho que ajuda no domínio da disciplina na sala de aula para além de ter a informação ao seu dispôr".	16		

"Possibilitam a interação professor/aluno e vice-versa, ajudam na execução de atividades lúdicas permitindo aulas mais motivadas, permitem um aumento rápido de conhecimentos e uma melhor organização de dados"	17		
Não responde	6, 8, 9, 14, 15	5	29%
	TOTAL	17	100%

Fonte: Pesquisa direta.

Tendo em conta a aplicação dos questionários aos professores é possível entender-se que a maioria está de acordo com o uso da tecnologia no contexto escolar. No entanto, deixa claro que é preciso se ter acesso aos equipamentos, que carece de formação, de suporte técnico e laboratórios informáticos, assim como uma maior organização dos planos escolares (número de alunos e tempo letivo) para que se possa assumir um maior compromisso de todos que atuam no processo educacional. Os meios de ensino disponíveis no ES são insuficientes e pouco ajudam os professores e alunos na concretização das aulas, bem como no desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem. Nem sempre é aceitável que o professor se contente em utilizar os meios disponíveis, mas pode-se adaptar o que se tem adotando novas técnicas e práticas com os novos recursos.

É evidente que é preciso que se saiba gerir o tempo, entender o quão a criatividade é um item precioso para saber estimular e captar a atenção dos discentes no momento certo tendo em conta a complexidade do processo educativo.

Os meios audiovisuais para o ensino do português, ainda não se encontram generalizados nas escolas secundárias cabo-verdianas, o que remete os professores muitas vezes para um ensino tradicionalista, sem inovação e/ou criatividade.

O professor mostra a sua criatividade quando tenta adaptar os poucos meios existentes, tornando as aulas mais interessantes e frutíferas.

É sempre bom que se discuta e se negocie novos métodos, metodologias e técnicas com os alunos, explicando-lhes as vantagens da aprendizagem e domínio da Língua Portuguesa e que o seu aprendizado não é uma obrigação, mas sim uma necessidade; fazendo com que se sintam desinibidos ao falar, escrever e ler *Português*. No fim, os frutos recolhidos terão um melhor sabor, já que todos se sentem parte integrante desse processo lúdico de interação e maior engajamento e dinâmica para o repassar de conhecimento entre os pares e para o próprio tutor.

3.2. Resultado das análises: Alunos

O resultado das análises é feito com tratamento de dados através da observação estatística uma vez que nos permite ver as tendências através de deduções mais objetivas; também se baseia no método qualitativo já que dará margem, para que se faça exposições narradas e interpretativas dessas tendências com base num raciocínio lógico que muitas vezes pode ser vista como subjetiva. Por isso, os dois métodos são benéficos para essa parte do projeto. Os dados seguem a organização dos questionários, logo conforme a pergunta assim serão abordados os resultados obtidos.

2º GRUPO: Questionário 2: Alunos do 11º ano das turmas Ciência e Tecnologia 1 (CT1) e Económico Social (ES) da Escola Secundária Olavo Moniz

No que diz respeito aos alunos foi aplicado um questionário a sessenta e cinco alunos que fazem parte das turmas de atuação da docente Indira Costa. (Cf. anexo IV). Duas turmas foram selecionadas para análise dos dados desta pesquisa em particular, no entanto todas as turmas da referida docente têm vindo a fazer parte deste «experimento» há dois anos letivos. As turmas do ano letivo transato (2016/2017), também serviram de base para que os planos atuais já tivessem sido, maioritariamente, postos à prova, ou seja, sistema de pilotagem. (Cf. anexo VIII)

Falar sobre a pilotagem é ter consciência de que toda inovação merece ser “experienciada” antes de generalizar novas aptidões, hábitos e /ou técnicas de ensino ou discência. Mediante essa perspetiva é de realçar que o foco no *feedback* e na avaliação, formal ou informal, de qualquer projeto é sempre de grande importância. Permite-nos de fato focar nos aspetos que podem ser melhorados, mantidos ou descartados. Assim sendo, só se pode louvar iniciativas que seguem um padrão de autenticidade, mas que se preocupa com o sucesso do projeto. Talvez haja interesse por parte de algum colega implementar também o projeto para que se consiga ter uma «plataforma» comum e de partilha, onde se pode expor os produtos finais. Todas as etapas de controlo devem fazer parte desta estratégia inovadora de aplicação de atividades de aprendizagem que estimulam as competências do séc. XXI. É nesse sentido que se tem estado a tentar implementar novas formas de abordar certos

conteúdos relacionados com o ensino da língua portuguesa (Comunicação & Expressão ou Literatura). Não tem sido fácil uma vez que o contexto de aplicação não dispõe de todos os recursos ou ferramentas necessárias para ampliação de um projeto desse tipo. No entanto, a adaptação é um processo lento que no final pode vir a dar algum resultado, uma vez que os alunos estão sempre dispostos a «brincar» com a tecnologia, mesmo que seja com uma matéria a que não estejam muito entusiasmados. Logo isso torna-se um estímulo extra que deve ser aproveitado, e é com isso que se conta! Quanto maior o estímulo, maior a dinâmica e pro-atividade dos discentes!

O questionário tem na sua estrutura 25 questões fechadas a que os discentes puderam responder de modo anónimo, com o objetivo de se alcançar um maior grau de sinceridade da parte dos mesmos. Após a seleção de alguns dados mais pertinentes, a apresentação espelha-se nas tabelas e nos gráficos, que são parte de uma análise mais exequível das categorias selecionadas. A apresentação desses resultados veio após a seleção das categorias sobre a inclusão das TIC no ensino do Português.

Deste estudo como já tinha sido referenciado, anteriormente, fizeram parte 65 alunos voluntários que responderam ao instrumento - questionário. O quadro 1 e 2 permitem-nos caracterizar a amostra. Dá-nos indicações de que 26,15% são do sexo masculino e 73,85% são do sexo feminino, conforme a tabela 3.4 e que a maioria tem 17 anos de idade, tabela 3.5.

Tabela: 3. 4 Pergunta 1 (Alunos) - Nº de inquiridos (turma e sexo)

Turma	Sexo				Total de alunos inquiridos	% TOTAL
	Feminino	% Fem.	Masculino	% Masc.		
CT1	24	36,92%	12	18,46%	36	55,38%
ES	24	36,92%	5	7,69%	29	44,62%
SUB-TOTAL	48	73,85%	17	26,15%	65	100,00%

Fonte: Pesquisa direta.

Tabela: 3. 5 Pergunta 2 (Alunos) - Ano de nascimento / idade

Ano	Feminino	Masculino	Total	Idade	%
1998	2		2	20	3,08%
1999	3	3	6	19	9,23%
2000	5	6	11	18	16,92%
2001	38	8	46	17	70,77%
Sub-total	48	17	MÉDIA	18,5	
TOTAL	65				

Fonte: Pesquisa direta.

O segundo grupo de questões prende-se com a escola/ professores e disciplina específica, com o resultado adjacente às perguntas abaixo indicadas.

Pergunta 3: Qual é o teu nível de satisfação com organização da sala e equipamentos da sala; relação com os colegas, professores de português, disciplina de Comunicação & Expressão e, por fim, com a atual professora de C&E.

Tabela: 3. 6 Pergunta 3 (Alunos) - Nível de satisfação com a escola/ professores e disciplina específica (Português)

Nível de Satisfação com:	M/S		S		NS/NI		PS		Ins		TOTAL
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	
a) Organização da sala	4	3	19	5	11	5	8	3	6	1	65
b) Equipamentos da sala	0	2	10	1	13	6	14	3	11	5	65
c) Relação com os colegas	16	5	23	10	5	1	2	1	2	0	65
d) Relação com professores de português	18	4	20	11	5	2	5	0	0	0	65
e) Disciplina de Comunicação & Expressão	16	5	20	8	9	1	2	2	1	1	65
f) Relação com a atual professora de C&E	27	7	16	7	2	1	2	2	1	0	65

Fonte: Pesquisa direta.

Nota-se que os inquiridos estão satisfeitos com a organização das salas 52%, com a relação entre colegas (51%), com os professores de português (48%), com a própria disciplina de Comunicação & Expressão (43%) e a maioria está muito satisfeita com a atual professora de

C&E (52%) ; no entanto, não sabem ao certo se estão satisfeitos ou não com os equipamentos que lá estão (29%), como ilustra o gráfico 3.6.

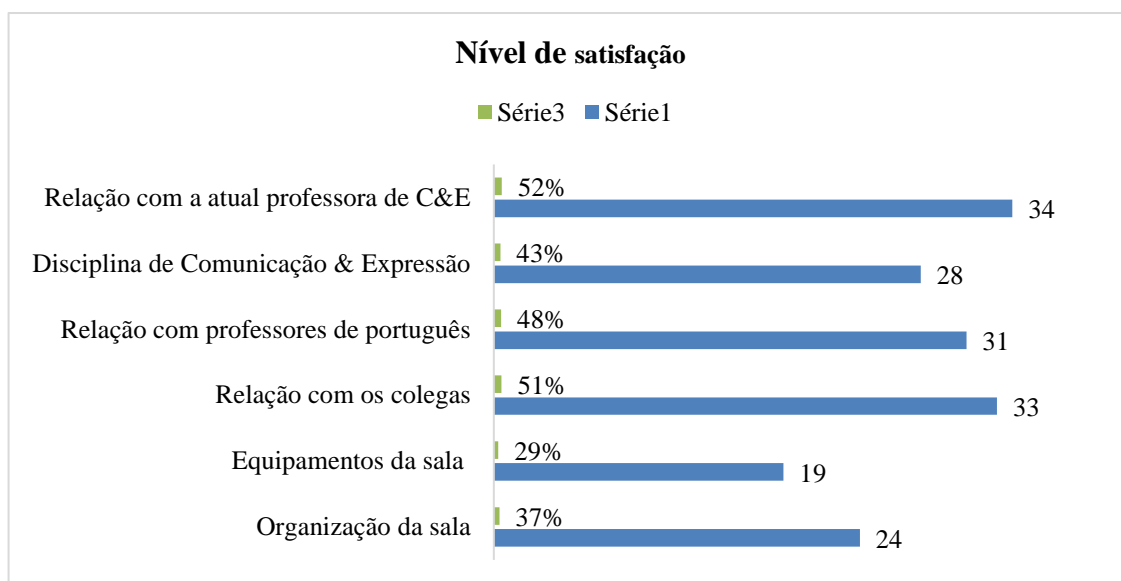


Gráfico: 3. 6 Pergunta 3 (Alunos)- Nível de satisfação com a escola/ professores e disciplina específica (Português)

Pergunta 4: Frequência de utilização do computador:

Relativamente a esta questão, é importante que se leve em conta que muitos não usam (pouco mais de metade), frequentemente, o computador, mas a percentagem está muito próxima como se nota pelo gráfico.

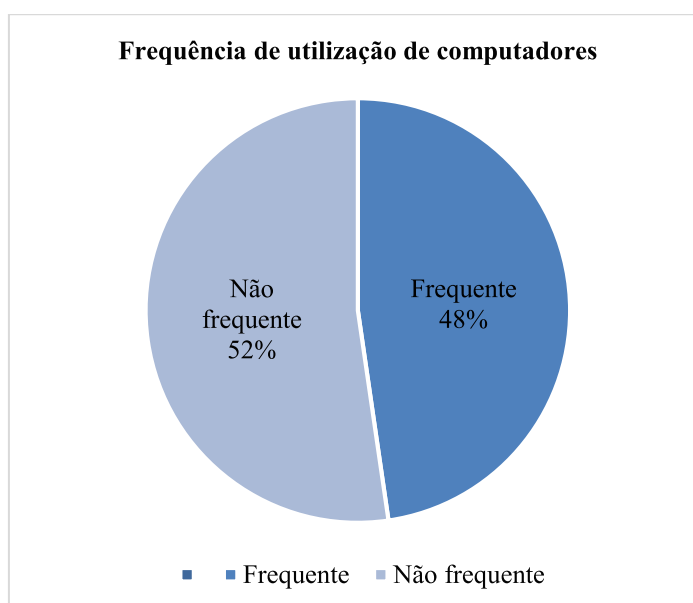


Gráfico: 3. 7 Pergunta 4 (Alunos) – frequência de uso de computadores

Pergunta 5: Locais onde costuma utilizar o computador:

Os alunos fazem uso de computador, maioritariamente, em casa (66%) e apenas 15% dos mesmos utilizam essa ferramenta na escola.

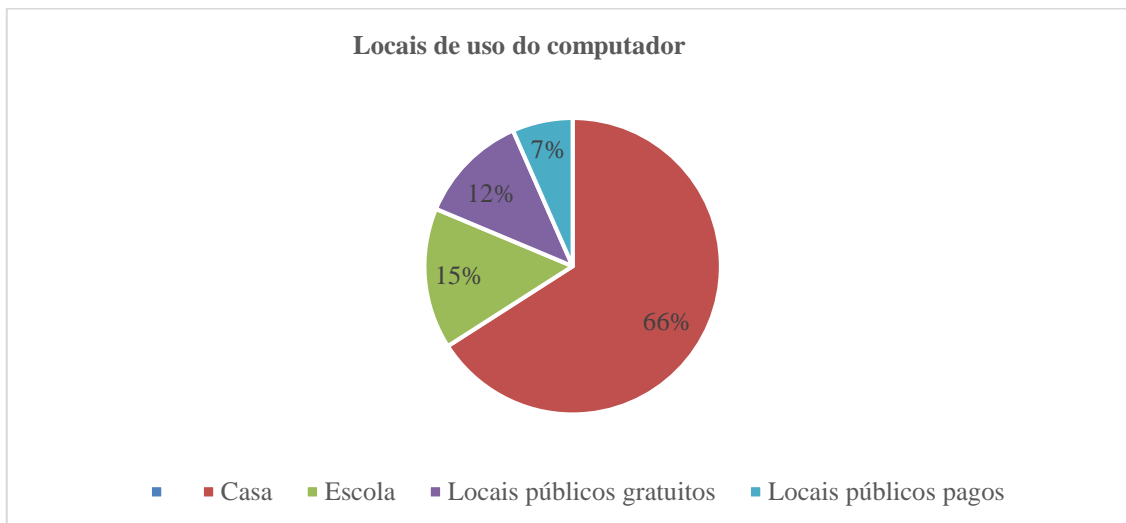


Gráfico: 3. 8 Pergunta 5 (Alunos) – Locais de uso do computador

Pergunta 6: Posse de computador no agregado familiar:

Esta questão justifica a questão 5, uma vez que 50 (77%) dos inquiridos tem computador no ceio familiar.

Pergunta 7: Posse de telemóvel. /Pergunta 8: Com que frequência usa internet através do telemóvel?

Quanto a posse de telemóvel nota-se como quase todos os alunos têm este aparelho. 10 alunos não têm (15%) e 55 correspondendo a (85%) fazem uso diário do telemóvel muitas vezes e sempre para aceder a *internet*.

Tabela: 3. 7 Pergunta 7 (Alunos) – posse de telemóvel

Posse de telemóvel	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Possui	41	14	55	85%
Não possui	7	3	10	15%
TOTAL	48	17	65	100%

Fonte: Pesquisa direta.

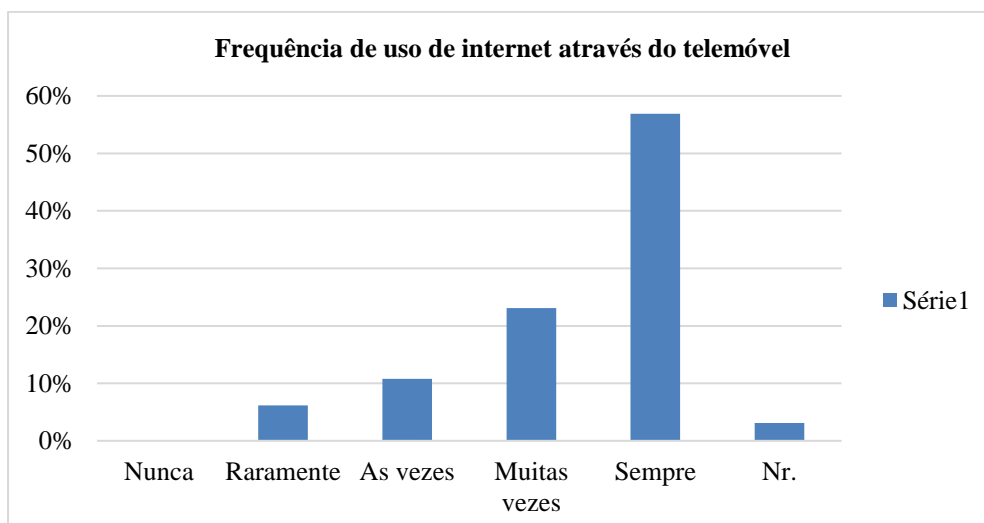


Gráfico: 3.9 Pergunta 8 (Alunos) – Frequência de uso de internet através do telemóvel

Pergunta 9: Frequência com que desenvolve as atividades indicadas no quadro 3.8.

A *internet* é usada sempre para atividades de lazer por 60% dos alunos, enquanto que apenas 32% muitas vezes leem livros e 37% nunca escrevem textos livremente. Nota-se a supremacia de atividades relacionadas com as TIC. 52% recorrem muitas vezes ao telemóvel para fazer atividades relacionadas com a escola e 46% dos inquiridos sempre usam o computador, para desenvolver as tarefas escolares.

Tabela: 3.8 Pergunta 9 (Alunos) - Frequência com que desenvolve atividades diversas

Com que frequência:	Sempre		Muitas vezes		As vezes		Raramente		Nunca		Nr.	TOTAL
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.		
	a) Utiliza a internet para atividades de lazer (chat, música, jogos, redes sociais, vídeos, etc)	28	11	15	5	3	1	2	0	0		
b) Lê livros por prazer (não escolares)	7	1	13	8	8	1	14	3	6	4		65
c) Escreve textos diversos (poemas, frases, contos, opiniões) sem imperativo escolar	1	3	9	0	8	3	13	4	17	7		65
d) Usa o telemóvel para fazer pesquisas sobre conteúdos escolares	21	7	27	7	0	2	0	0	0	0	1	65
e) Usa computador para fazer pesquisas e trabalhos escolares	23	7	21	5	1	2	2	3	0	0	1	65

Fonte: Pesquisa direta.

Pergunta 10, 11, 12, 13 - Frequência da utilização da internet / Atividades realizadas através da Internet / Ligação à Internet no agregado familiar / Com que frequência se envolve em aprendizagem mais independente, apoiada pela tecnologia.

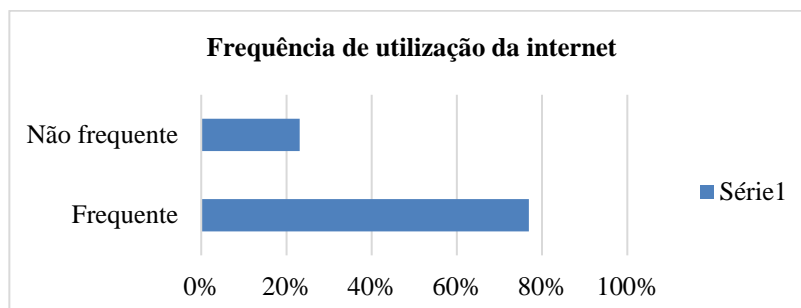


Gráfico: 3. 10 Pergunta 11 (Alunos) – Frequência de utilização da internet

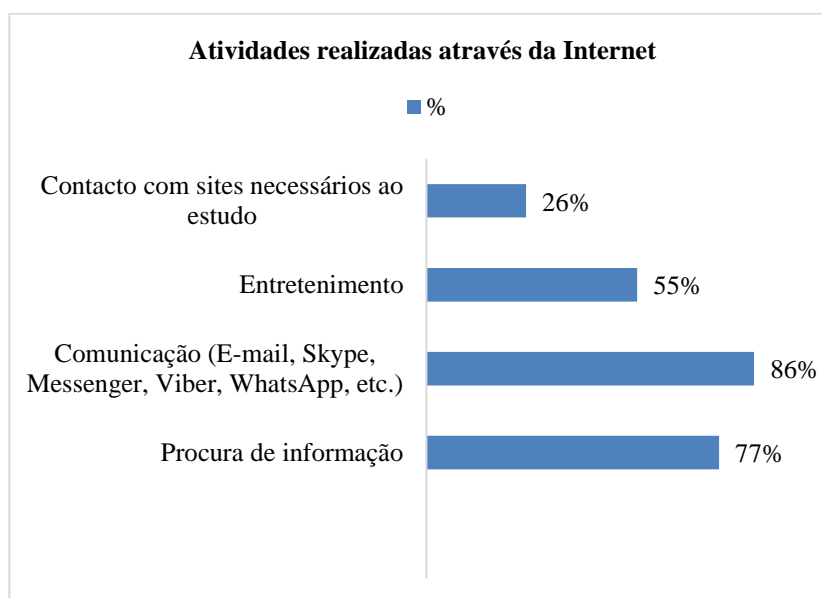


Gráfico: 3. 11 Pergunta 11 (Alunos) – Atividades realizadas através da internet

No que diz respeito ao uso de *internet*, 77% dos inquiridos fazem um uso frequente, nomeadamente, para comunicação (86%), procura de informação (77%), entretenimento (55%) e poucos fazem contacto com *sites* necessário ao estudo (26%). A maioria faz uso da *internet* em casa (77%), sendo que 37% deles usam muitas vezes o apoio da tecnologia de modo independente para ajudar na aprendizagem.

Pergunta 14 - Quantos anos tinhas quando realizou pela primeira vez as atividades seguintes: digitalizou um texto no *Word* , apresentou um trabalho de grupo em *PowerPoint*, usou um retroprojektor para apresentar um trabalho, ingressou no *Facebook*, usou o *Messenger* ou o *WhatsApp*; publicou uma foto numa rede social, escreveu, publicando, um *post* numa rede social, um vídeo no *Youtube* ou numa rede social; usou um grupo de *Facebook* como extensão da sala de aula?

Esta pergunta mostra-nos o quão cedo ou não os alunos têm tido contacto com certos equipamentos e/ou situações. Com menos de 12 anos a maioria dos inquiridos digitalizam um texto no *Word* pela primeira vez, o que nos faz crer que é quando entram em contacto com um equipamento desse tipo. 25% dos inquiridos tiveram contacto com a apresentação de trabalhos em *Power Point* a partir dos 13 anos. No entanto, só aos 15 anos a maioria projeta trabalhos num (retro)projektor. O ingresso em redes sociais, em particular o *Facebook* começa cedo para a maioria, 25%, menos de 12 anos. Entre os 12 e os 14 anos iniciam comunicação com o uso de *Messenger*, assim como o *Whatsapp*. Escrevem, publicam, postagem centra-se até aos 12 anos na maioria dos itens indicados. Publicar um vídeo no *Youtube* ou numa rede social parece trazer alguma dificuldade à maioria uma vez que a maioria nunca o fez, como se pode ver pelo gráfico abaixo; e os poucos que já o fizeram começam a partir dos 15 anos. O uso do *Facebook* como extensão de sala de aula para a maioria essa experiência iniciou-se agora, aos 15 anos.

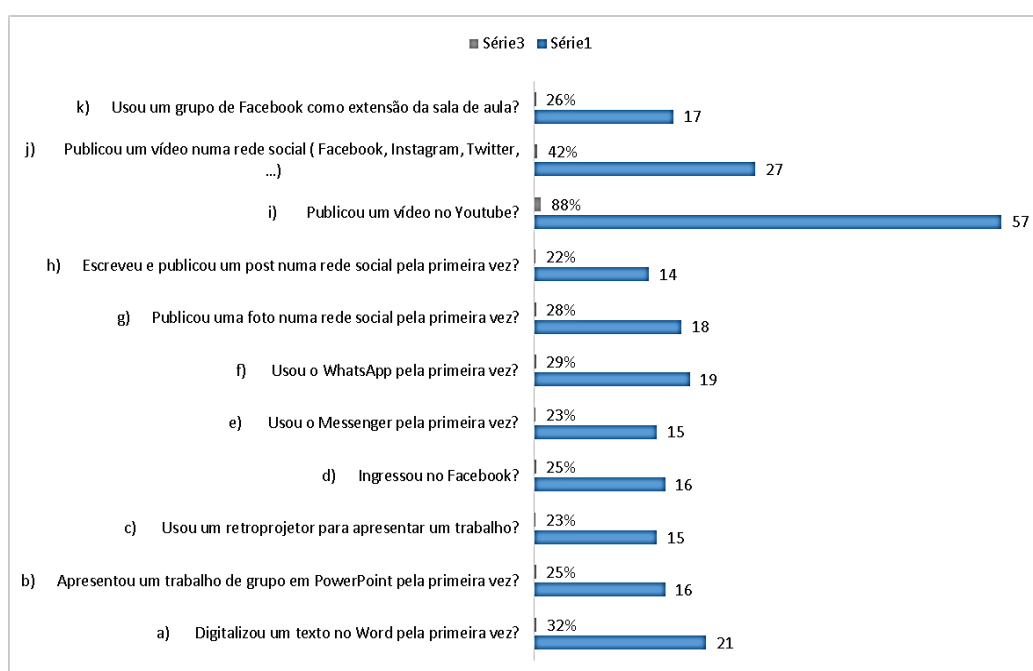


Gráfico: 3. 12 Pergunta 14 (Alunos) – Quantos anos tinha quando...

Pergunta 15, 16, 17- Com que frequência acedeste ao grupo Comunicação & Expressão no Facebook? / Tem dificuldade em aceder ao grupo? / De que tipo?

Quando se fala do grupo criado na rede social *Facebook* (Comunicação & Expressão) nota-se que 11% nunca acederam ao grupo, 20% raramente lá esteve, 28% acedeu as vezes, mas que a maioria (31%) faz uso desse espaço e 11% sempre se faz presente. Dos que acederam apenas 25% teve dificuldade de acesso, os outros restantes 75% afirmam não ter tido nenhum problema relacionado com isso. As dificuldades apontadas prendem-se com a falta de acesso a internet, não possuir computador nem telemóvel digital.

Pergunta 18, 19 - Quantas vezes pediu esclarecimento à professora para execução de algum dos trabalhos propostos? / Qual foi a língua que usou para se comunicar por escrito com a professora (*e-mail, chat, ...*)?

Aquando do aparecimento de alguma dúvida em relação a execução dos planos preconizados pela professora, 15% nunca pediu esclarecimento, 6% raramente solicitou, 40% as vezes, 28% muitas vezes e 11% sempre pediu ajuda e/ou esclarecimentos nesse âmbito!

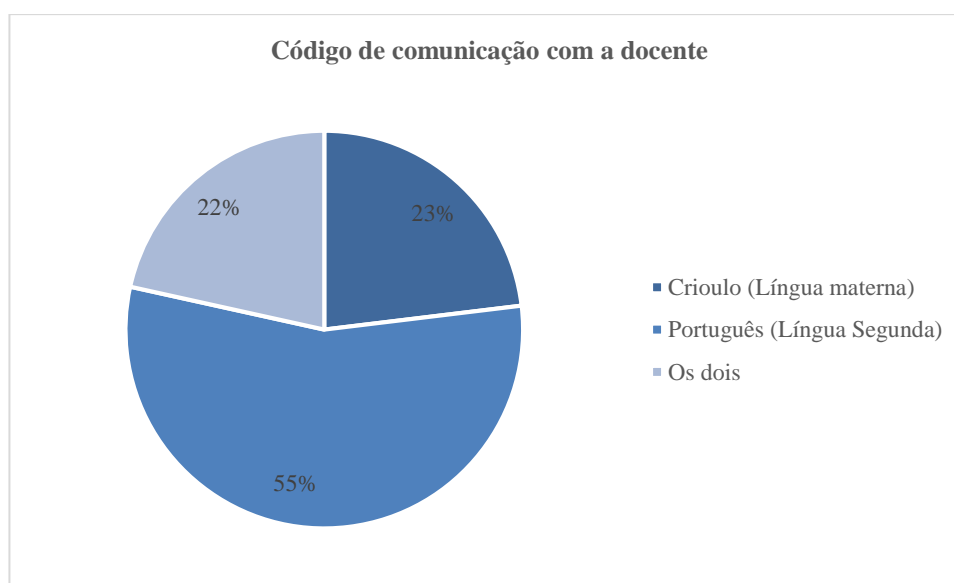


Gráfico: 3. 13 Pergunta 19 (Alunos) – Qual foi a língua que usou para se comunicar por escrito com a professora

Este item é interessante uma vez que o estudo mostra que a L2 é usada com maior frequência (55%) quando é para se comunicar com a professora, ainda que seja num ambiente tido como “*mais informal*”. Fica provado que é possível que os alunos usem o português fora do contexto sala de aula, mesmo que seja a nível escrito, o que lhes permite uma maior prática da língua que não é a materna. Claro que há aqueles que se sentem mais a vontade com o

uso da LCV (23%) como se pode ver pelo gráfico 3.13 e os que não têm qualquer problema em fazer o uso de ambos (22%) conforme a conveniência e contexto do tema de conversa.

Pergunta 20 - Como é que avalias o desempenho das turmas em relação ao trabalho de grupo incluído no projeto *Mon ne Clima* com o uso do Padlet?

Para dar sequência ao plano de ensino e prática da L2 seguindo métodos e estratégias diferentes a professora abriu uma «nova porta» para todos os que estiveram em contacto com o projeto “*Mon ne clima*”, o uso do *Padlet*, com os seguintes resultados: 22% dos inquiridos avaliaram essa experiência como excelente e outros 22% afirmam que essa experiência excedeu as expectativas; 9% comprovam que foi superior a média, no entanto a maioria considerou essa experiência “normal”; dos que têm um ponto de vista menos bom 5% foram pelo bem inferior a média e 3% ficaram pelo fraco.

Pergunta 21 - Como avalias a experiência de poder partilhar e ler trabalhos dos teus colegas?

Usando o *Padlet* a nível individual e como modo de partilha com todo o público com acesso ao *link*, notou-se um maior entusiasmo, tanto que a maioria (43%) avaliou isso como excelente. Os restantes avaliaram-no do seguinte modo: normal (25%), superior à média (17%), excedeu as expectativas (8%), 5% bem inferior a média e 3% como fraco.

Pergunta 22 / 23 - Dos trabalhos que teve a oportunidade de fazer a nível individual preferiu (...) / Essa experiência despertou (...)

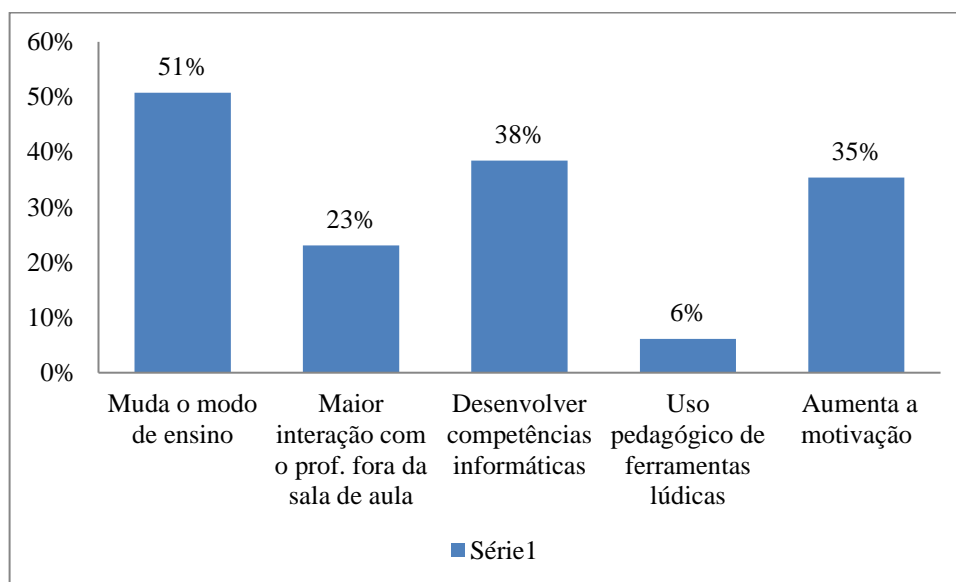
Publicar no *Padlet* foi a escolha da maioria dos alunos (40%). O que não deixa de ser interessante uma vez que este foi um item “surpresa-novo” da qual não estavam a espera; ou seja, o novo acabou por cativar com maior taxa àqueles que se interessam por aprendizagens autónomas ligadas às TICs. Não obstante, 32% preferiram enviar via e-mail, 25% através do *chat (Messenger)*, 5% não fez e outros preferiram entregar manuscrito (8%) ou impresso (3%).

Toda essa experiência despertou vários sentimentos, mas o que mais se destacou foi a curiosidade (62%). Em modo decrescente também estão os seguintes: vontade de ler os trabalhos dos colegas (32%), preocupação com o desempenho a nível do conteúdo (26%), preocupação a nível da escrita (23%), satisfação com os comentários dos outros (14%), preocupação com a opinião dos colegas e espírito de solidariedade/ partilha com os que tiveram dificuldades (12%) cada e, finalmente, 8% com um sentimento de partilha.

Pergunta 24 - Na tua opinião, quais são as capacidades educativas da utilização de ferramentas da Web 2.0 nas aulas de Língua Portuguesa?

Esta questão mostra o quanto o modo de ensino muda o ponto de vista dos alunos, tanto que 51% dos inquiridos apontam, exatamente este como uma das principais capacidades educativas desse tipo de utilização nas referidas aulas. Seguidamente, focam-se no desenvolvimento de competências informáticas (38%), aumento da motivação (35%), maior interação com o professor fora da sala de aula (23%) e uso pedagógico de ferramentas lúdicas (6%), conforme o gráfico abaixo:

Gráfico: 3. 14 Pergunta 24 (Alunos) – Capacidades educativas da utilização de ferramentas da Web 2.0 nas aulas de Língua Portuguesa



Pergunta 25 - Que dificuldades encontrou, até agora, na integração dos planos com o uso das TIC?

Quando se questiona acerca das dificuldades nota-se que a maioria (46%) afirmou não ter encontrado nenhuma; 29% não responderam a essa questão e 8% apresentaram outras razões. As dificuldades apontadas comprovam que os poucos recursos não são impedimento de

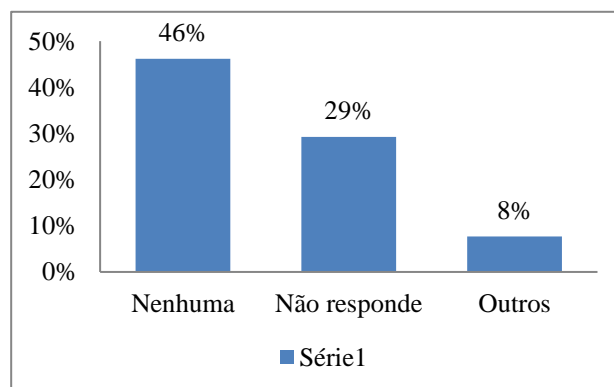


Gráfico: 3. 15 Pergunta 25 (Alunos) – Dificuldades encontradas na integração dos planos com o uso das TIC

desenvolvimento a nível da literacia digital, mas que pode limitar.

As maiores dificuldades têm a ver com o não acesso a *internet*, não entender como funciona ou se publica no *Padlet*, não ter telemóvel ou computador e os que dizem convictamente que é a falta de “aprendizagem” em informática. De fato limitações a nível da literacia digital várias vezes dificultam o andamento de certos planos com recurso às TIC. Mas é, precisamente, este o objetivo, pegar desses obstáculos e transformá-los em pontes que um dia servirão de alicerce à essa prática gradativamente.

3.3. A experiência: estudo de caso

A intenção do projeto prende-se, essencialmente, com o resolver de dificuldades de ensino-aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda (L2) com o uso das TICs. Para tal fez-se uso da produção de textos (jornalísticos) e análise literária (“*Chiquinho*” – obra de leitura obrigatória) pelo seu carácter histórico, pelos conteúdos temáticos, culturais, narrativos e sua importância na nossa literatura (caboverdiana). Experiências anteriores não têm sido satisfatórias uma vez que a prática de leitura nos jovens é, também, um tema que deve ser mais e melhor debatido tendo em conta o contexto. Com esse preceito o projeto com o objetivo de tornar os resultados satisfatórios a nível da sua compreensão, do uso do português para comentar, argumentar e apresentar os trabalhos escritos ou orais. Há que se destacar que os processos de ensinar e de aprender acontecem em sentido duplo, isto é, tanto para a docente como os alunos ensinam e aprendem, uns com os outros. Os desvios, muitas vezes, são justificados pela interferência do crioulo, isto porque os alunos pensam na língua materna, logo as interferências das expressões dessa língua ocorrem com frequência no português falado ou escrito. A maior parte dos alunos só pratica a língua portuguesa no contexto sala de aula. Quando interagem com o professor e os colegas não observam, em muitos casos, os preceitos da gramática explícita. Muitas vezes há uma falta de estudo orientado, noutras escassez de materiais didáticos e de outros suportes (audiovisuais, por exemplo) que possibilita uma aprendizagem lúdica e mais autónoma. Com as conversas informais de grupo várias vezes os próprios conteúdos programáticos são apontados como causa dessa “barreira” no ensino da L2, para além da falta de hábito de leitura e prática da oralidade, já aqui apontadas.

Claro que quando se procura o melhor e maior conhecimento é preciso que se escolham métodos adaptáveis e com o mínimo de crédito nesse processo. As tecnologias educativas são opções a que se pode recorrer nesse campo de ação. O que não quer dizer que as instituições de ensino perdem o seu carácter de principal ponto de socialização e abordagem estudantil nessa busca pela recriação e difusão de conhecimento. Com o uso do computador, *internet*, aumenta-se as chances de partilha, de troca de informações. A aprendizagem hoje em dia deve conseguir sobrepor-se às barreiras do contexto uma vez que a prática colaborativa assim o permite. Quanto mais se compartilha, mais enriquecedor se torna a experiência. Então é normal que se tente sair da barreira do ensino tradicional para novos

horizontes mais aprazíveis e chamativos para o nosso público alvo nos estabelecimentos de ensino. Há que se tentar, cada vez mais, fazer com que ao aluno tenha autonomia o suficiente para cumprir as tarefas que lhe sejam exigidas ou mesmo as que de livre e espontânea vontade tenta alcançar por mérito e autonomia própria. As novas tecnologias permitem esse avanço. Diante disso a educação vê-se a frente de um movimento que lhe enreda. Sobreviver nesse contexto é despertar para o mundo e não lutar contra o inegável. O movimento contínuo de tudo o que nos rodeia, seja a língua, sejam as novas tecnologias, todas levam ou deveriam levar ao desejo de adaptação aos novos rumos (alunos, professores, instituições). Os novos instrumentos colocam-nos diante de um panorama onde se pode criar Ambientes Virtuais de Aprendizagem, como um processo colaborativo de aprendizagem, isto é, a Educação a Distância.

Nesse tempo conhecido como digital e, considerando as justificações prévias, principalmente, a necessidade de sensibilizar o corpo docente para o uso das novas ferramentas de trabalho (virtuais), visa uma predisposição de aproveitar os benefícios de tudo isso para o ensino de LP, desenvolvendo novas propostas metodológicas de trabalhar os recursos já referidos.

A ação do projeto passa pelo encadeamento entre as aulas presenciais e tarefas com uso das TICs à distância, mas sempre que necessário, as dúvidas são esclarecidas em qualquer um desses contextos. A realização conta com a criação de AVAs. Os ambientes virtuais de aprendizagem apareceram como sistemas computacionais dedicados a dar apoio para as ações envolvidas entre comunicação e tecnologia. Esses ambientes facilitam a comunicação e interação entre docente vs discente, assim como entre os próprios discentes, quando se trata de turmas diferentes, como é o caso deste projeto. Ainda que, de fato “*os estudantes mais motivados, empenhados e que mais valorizam a aprendizagem e o sucesso acadêmico os que mais proveito tiram dos meios e recursos postos à sua disposição*”, Miranda (2007:48).

Neste cenário em concreto, onde a tecnologia está associada, pressupõe-se que o aluno desempenhe o papel principal (ativo) e o professor assuma o papel de mediador. É crucial que os professores organizem o processo de ensino e aprendizagem de modo a preparar os alunos para uma sociedade em que a informação e o conhecimento têm um novo *status* e na qual predominam as tecnologias digitais.

O professor assume o papel de facilitador do trabalho dos alunos, investigando em função dos interesses dos projetos. Deve organizar o trabalho no sentido de aproveitar as competências evidenciadas pelos alunos para assumirem o papel de especialistas e/ou coordenadores de equipa. O docente centra a aprendizagem no aluno e, por ser digitalmente competente, usa ferramentas da *Web2.0* para promover a comunicação e enriquecer o processo de ensino/aprendizagem. Basicamente, deve orientar, apoiar e acompanhar o trabalho realizado pelos alunos por forma a que estes alcancem os seus objetivos.

Enquanto que ao aluno lhe compete:

- **Investigar/Aprender:** Inicialmente ,os alunos familiarizar-se-ão com os cenários virtuais (Grupo no *Facebook* ou *Padlet*) e com os conteúdos programáticos do 2º ciclo;
- **Planear:** Os alunos antes de iniciarem os seus projetos devem planear o trabalho a desenvolver por cada elemento do grupo, estipulando prazos a cumprir (trabalho de grupo).
- **Criar:** Os alunos criam /produzem textos próprios destinados à comunidade educativa e a todos com o *link* de acesso.
- **Avaliar:** Os alunos fazem uma autoavaliação do seu projeto de acordo com os objetivos delineados e tendo em conta a *feedback* dos professores.

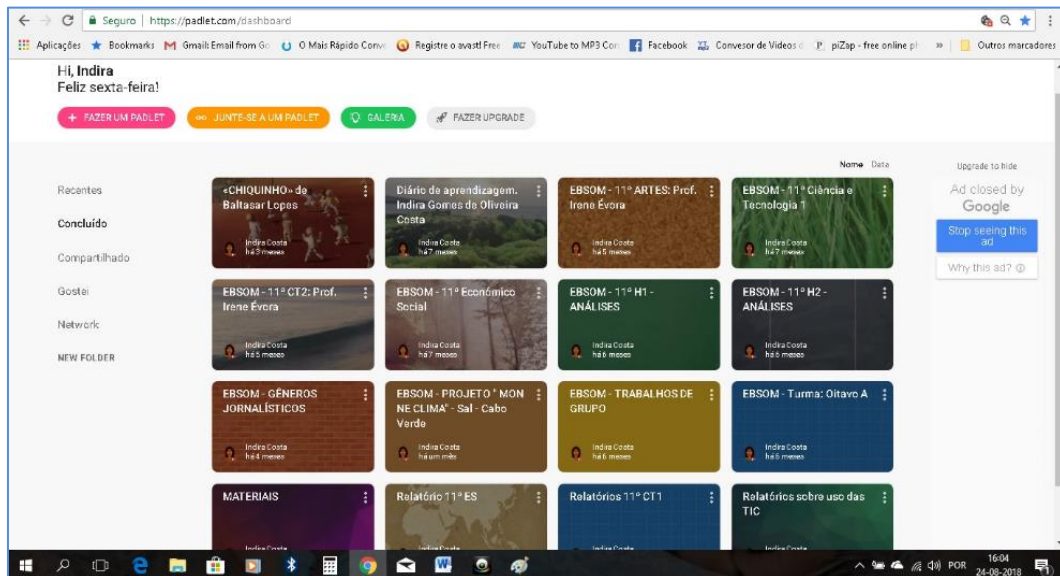
A evolução dos alunos no sentido da concretização dos seus objetivos é feita através do constante *feedback* do professor, assim como dos outros grupos ou a nível individual, que avaliam as fases da sua elaboração. Tanto os grupos criados para o efeito (rede social – *Facebook*)¹⁹, quanto o *Site*²⁰ (Humanística – Literatura: Esom) e as plataformas no *Padlet* têm permitido à docente conduzir, de forma complementar, várias atividades à distância. São experiências diferentes, mas que se complementam com o decorrer do tempo. O *Simple Site* serve, também, como forma de organizar e expor conteúdos, diretrizes, testes, exercícios, trabalhos dos alunos, *links* para consulta, entre outros que possam ser de interesse no momento de atuação. O *Padlet*, a semelhança do *site*, pode ser usado nestas mesmas linhas de pensamento, embora seja de manuseamento mais fácil para os alunos. Pode-se dividir o

¹⁹ Endereço do grupo no Facebook: <https://www.facebook.com/groups/1693683134256667/>

²⁰ Endereço do Site: <https://sites.google.com/site/literaturahumanistica/home>

endereço em várias “páginas” com títulos, propósitos e organização diferentes ao gosto de quem seja o administrador, como se pode ver abaixo:

Figura: 3. 1 Imagem da Plataforma em uso – Padlet.



Normalmente, os alunos têm uma certa resistência quando o foco é analisar e comentar textos. Para cada experiência um patamar, onde se estipulou um prazo de cumprimento, contextualizado e/ou explicado como modo de orientação.

O uso de rede social *Facebook* serve como ponto focal de agrupamento do coletivo, assim como da amostra. Qualquer rede social tem como ponto fulcral a ideia de troca social, interação feita por pessoas de diferentes grupos sociais, profissionais e, claro, educacional através de uma comunicação virtual ligada em rede. Essa ferramenta foi escolhida, pela popularidade entre os discentes, tanto que a maioria dos discentes têm uma conta (apenas um sem conta, por opção pessoal); pela facilidade na comunicação através do seu *chat*, criação e comunicação em grupo, troca de informações, conteúdos e tarefas, apresentação de trabalhos, compartilhamento de conteúdos, entre outros. Essa ferramenta permitiu que a análise da obra / construção de conhecimentos fosse feita com base em cooperativismo entre turmas e pares, tendo em conta o desenvolvimento do projeto em formato colaborativo. Já Kensi *apud* Camarotti (2014: 4) defende:

“Interagir com as informações e com as pessoas para aprender é fundamental. Os dados encontrados livremente na internet transformam-se em informações pela ótica pelo interesse e pela necessidade com que o usuário os acessa e os considera. Para a transformação das informações em conhecimentos é preciso um trabalho processual de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderações que é mais facilmente conduzido quando partilhado com outras pessoas. As trocas entre colegas, os múltiplos posicionamentos diante das informações

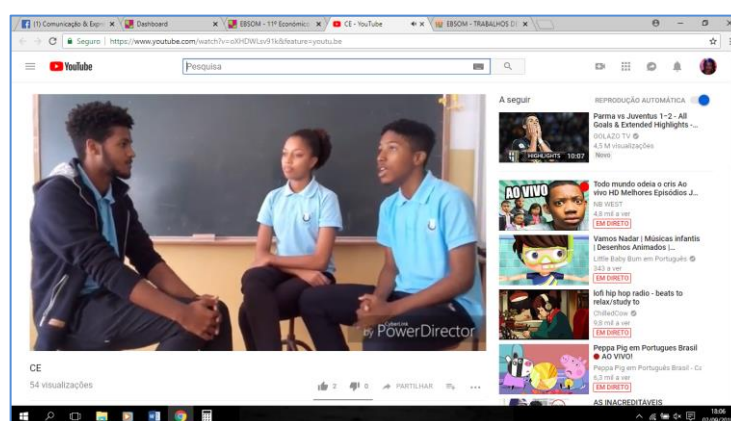
disponíveis, os debates e as análises críticas auxiliam a compreensão e a elaboração cognitiva do indivíduo e do grupo”. Kensi (2012:122)

Para aplicação das tarefas, vários foram os recursos utilizados, por exemplo: *Word, Padlet, Adobe (PDF), Windows Media Player, Youtube, Power Point, Chat, Messenger, WhatsApp, E-mail, Google Drive, Hot Potatoes, Voki*. O funcionamento das redes sociais é um conteúdo abrangente assim, é necessário que se delimite a nossa abordagem nos seus respetivos contextos de ação. Neste trabalho, teremos como ponto de partida a proximidade de alunos de duas turmas do décimo primeiro ano do Ensino Secundário às NTICs, sobretudo em ambientes virtuais específicos – *Facebook, Chat (Messenger) e Padlet* com especial atenção. Embora cada um tenha a sua importância conforme o objetivo pretendido, por isso algumas são aqui focadas e descritas como exemplos de atuação:

Youtube

Youtube como instrumento educacional para a maioria não é uma tarefa simples, mas há sempre um aluno que consegue lidar com esse instrumento na sua vertente mais prática, como se pode ver na imagem abaixo, aquando da gravação de um vídeo e execução de entrevista²¹ como conteúdo da disciplina, Língua Portuguesa. Por vezes, o *upload* é uma tarefa morosa e que requer meios e conhecimentos que ajudam a concretizar o processo, mas findo a tarefa o sucesso é a visualização sempre que se queira, onde se quiser no ritmo que se pretender.

Figura: 3. 2 *Youtube* como instrumento educacional



Fonte: Pesquisa direta. URL do aluno

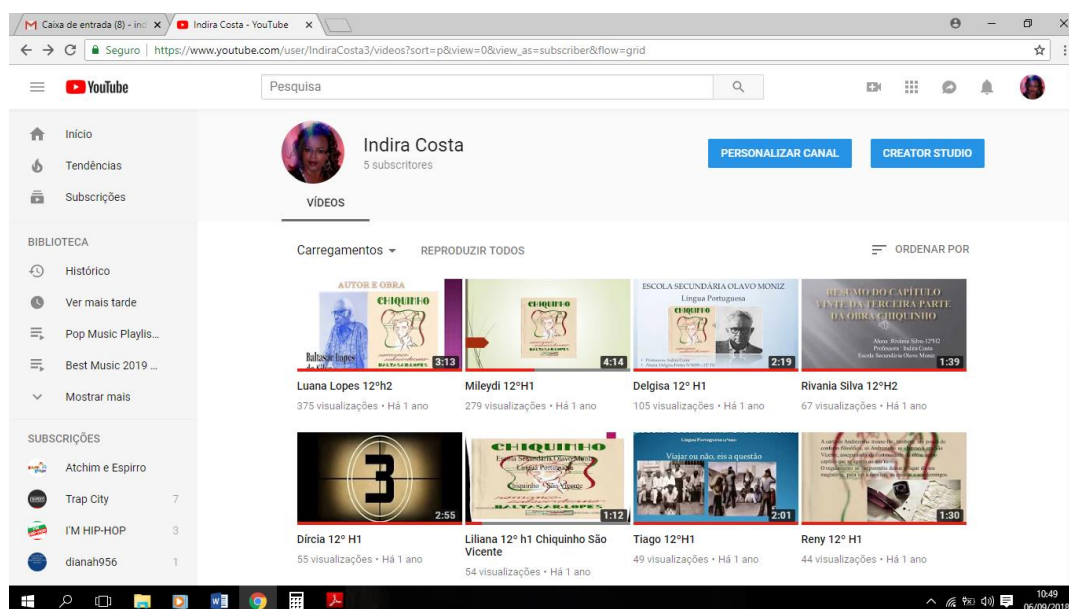
²¹ Entrevista feita pelo aluno Amílcar Brito no âmbito das tarefas da disciplina Comunicação & Expressão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oXHDWLSv91k&feature=youtu.be>

Como disse e bem Ítalo Almeida *et alii* (p.3-4):

O YouTube e todos os portais de vídeos on-line constituíram uma nova maneira de criar e absorver conteúdo, criando um ápice nesta ação fomentando o uso da imagem, onde se dá quando nós mesmos tornamo-nos a própria mensagem. Este site tornou-se fascinante, pois, expor a opinião, produzir informação, debates, conteúdos científicos, educacionais, humorístico entre outros fazem parte do que podemos chamar atualmente de cultura popular o que o torna útil para a compreensão das relações sociais, evolução das tecnologias e das mídias, auxiliando na práxis escolar.

Ainda se pode criar um canal onde se consegue fazer *upload* de vídeos ou *slides* diversos com caráter educativo e partilhá-los com a comunidade ou alguém que pesquisa por um determinado conteúdo, como se pode ver na *fig. 3.3*.

Figura: 3. 3 Canal criado pela docente no Youtube



Fonte: Pesquisa direta.

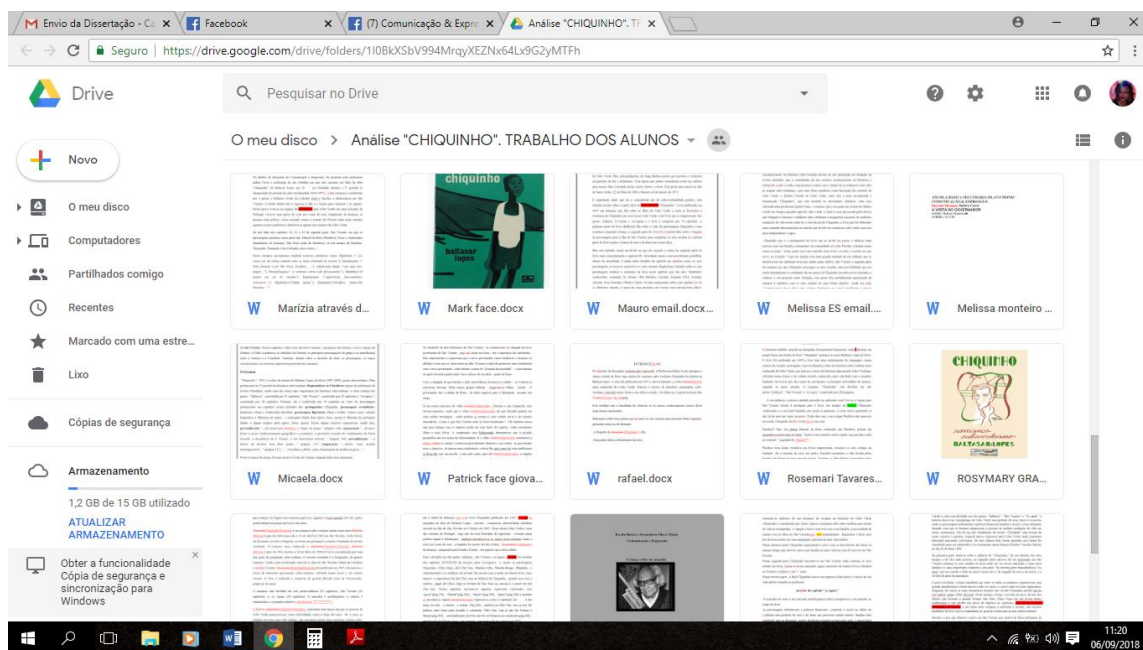
Google Drive

É uma plataforma de armazenamento (imagens, documentos, vídeos, ...) *online* gratuito em nuvem que permite criar, gerir e editar ficheiros em modo semelhante aos dos programas do *Microsoft Office* de forma colaborativa.

Com várias funcionalidades esta ferramenta é, extremamente, útil para o docente que gosta de encontrar tudo que lhe der mais jeito para uma aula num único espaço, como se pode ver na imagem acima, ou consultando diversas outras informações possíveis na

internet²². A fig. 3.4 ilustra o *feedback* de avaliações feitas e enviadas aos alunos através de um único link e compartilhado no grupo. Todos podem ter acesso à diferentes análises, pontos de vista, interpretação, exemplos e sempre se pode enriquecer os nossos conhecimentos através da leitura da produção do outro e sugestões de melhoramento.

Figura: 3. 4 Uso do Google Drive para partilhar *feedback* de correção de trabalhos



Fonte: Pesquisa direta.

Hot potatoes

O *software* educacional *Hot Potatoes*²³ tem uma vertente mais prática, como se pode ver na figura 3.5²⁴. As atividades podem ser preparadas pedagogicamente de acordo com o

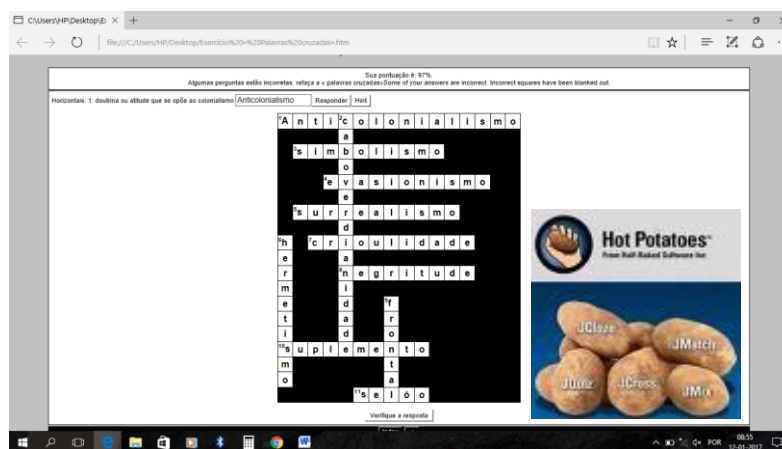
²² Vide: PROFJ.C. (2010). Blog – Professor digital. “Uso pedagógico do google docs”. <https://professordigital.wordpress.com/author/profjc/>

²³ O *Hot Potatoes* é um *software* de autoria de cunho educativo e gratuito, formado por um conjunto de seis ferramentas digitais, desenvolvido pela equipe de professores e técnicos da Universidade de Victoria (Vancouver/Canadá). A utilização do *Hot Potatoes* é muito simples, não havendo necessidade de conhecimentos mais elaborados em informática, somente sendo necessário inserir os dados, textos, perguntas, respostas e arquivos de mídia (imagens, vídeos, áudios, arquivos do flash), e o próprio programa se encarregará de gerar, no formato web, os exercícios que poderão ser postados em algum servidor web ou ser trabalhados no próprio computador caso a internet esteja indisponível (*HOT POTATOES*, 2013). In SALES, Flávia. BATISTA, Maria. “Aplicação do hot potatoes 6 como ferramenta de ensino/aprendizagem no ensino de educação ambiental”. II Congresso de Educação. Editora realize. Brasil. P. 5-6. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA10_ID566_0807_2015110147.pdf Acesso em Setembro 2018.

²⁴ Fonte: pesquisa direta - <file:///C:/Users/HP/Desktop/Exercício%20«%20Palavras%20cruzadas».htm>

critério de cada docente conforme o conteúdo a ser avaliado, com atividades e tarefas de formatos diversificados.

Figura: 3.5 Uso de *Hot Potatoes* (exercício: palavras cruzadas)



Fonte: Pesquisa direta

Voki

O *Voki* é uma boa opção: porque se consegue ouvir a dicção de leitura de algum poema, texto narrativo ou, simplesmente, deixar uma tarefa, o que aproxima mais os alunos das atividades, ainda que seja virtual. Para o cenário em questão foi usado como parâmetro de comunicação e apresentação²⁵ no grupo de *Facebook*, através do Avatar da docente, *fig. 3.6*.

Figura: 3.6 Uso de Avatar da *Voki*

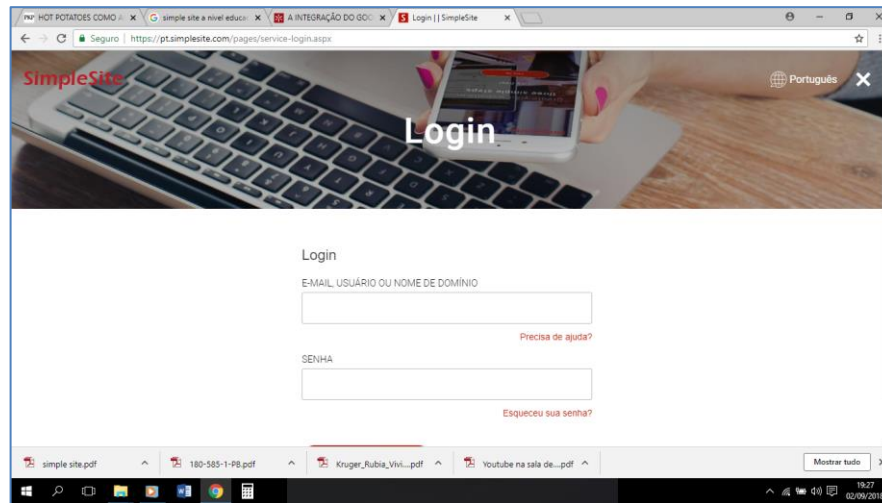


Google sites

Google sites é uma ferramenta da *Web. 2.0* que permite a criação de *sites* na *Web* à qualquer utilizador, onde se pode criar e editar páginas, *fig. 3.7*. Ainda que tenha as suas limitações, o docente pode explorar e fazer com que valha a pena esse espaço. Com organização diferenciada e agrupada das páginas pode-se concentrar conteúdos de análise num único espaço de visualização.

²⁵ *Link* com apresentação na *Voki* – áudio, disponível em: <https://www.voki.com/presenter/create...>

Figura: 3. 7 Janela de entrada do *Simple sites*



As vantagens e desvantagens de acordo com João Júnior & Clara Coutinho (s/d :.386)²⁶ são as que se pode ver na *fig. 3.8*.

Figura: 3. 8 Vantagens e desvantagens do *google sites*.

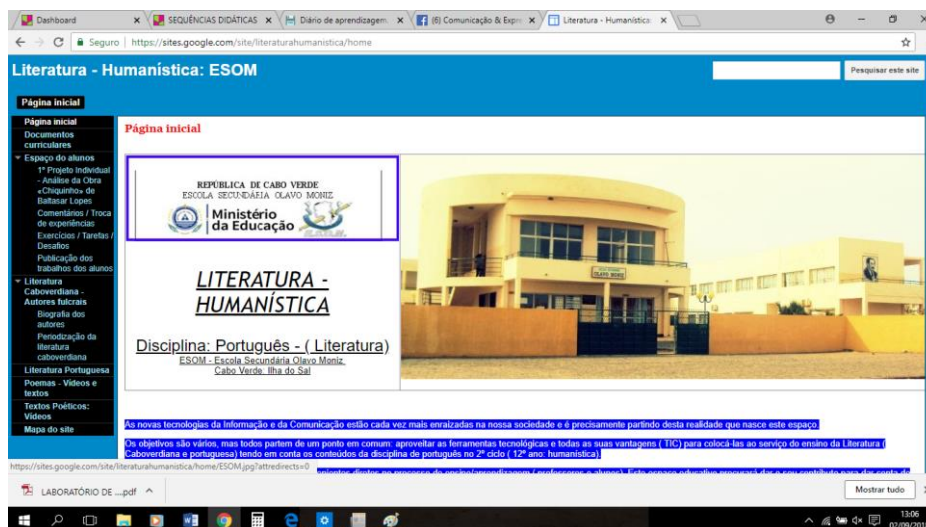
Vantagens	Desvantagens
Uma nova forma para disponibilizar conteúdos na web	O espaço limitado de armazenagem de ficheiros (100mb)
Permite criar sites sem ter grandes conhecimentos de linguagens de programação;	A ferramenta não permite o uso do RSS para informar outros utilizadores sobre as possíveis actualizações;
É um espaço gratuito para disponibilização de conteúdos de forma imediata;	Todas as modificações são realizadas com os recursos do editor, ou seja, é impossível ver o código HTML dos sites.
Um canal directo de informação entre professor e aluno;	Embora seja possível fazer alterações pontuais aos atributos do site, a estrutura geral é rígida não possibilitando grandes mudanças;
Pode constituir um incentivo à escrita e produção textual;	Todas as vezes que se faz uma modificação ao site é necessário guardar, ou seja, não são permitidas múltiplas modificações sob um único comando.
Pode ser utilizado como ferramenta didáctica, portfólio digital ou espaço de debate;	
Pode constituir-se como um espaço de aprendizagem e trabalho colaborativo;	

Fonte: 1 João Júnior Batista & Clara Coutinho “*O digital e o currículo. A integração do google sites no processo de ensino e aprendizagem: um estudo com alunos em licenciatura de matemática da universidade virtual de Maranhão*”.

²⁶ JÚNIOR, João Batista. COUTINHO, Clara. (s/d). “*O digital e o currículo. A integração do google sites no processo de ensino e aprendizagem: um estudo com alunos em licenciatura de matemática da universidade virtual de Maranhão*”.

Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9232/1/Joao&Clara.pdf> Acesso em Setembro de 2018.

Figura: 3.9 Site criado com fim educacional



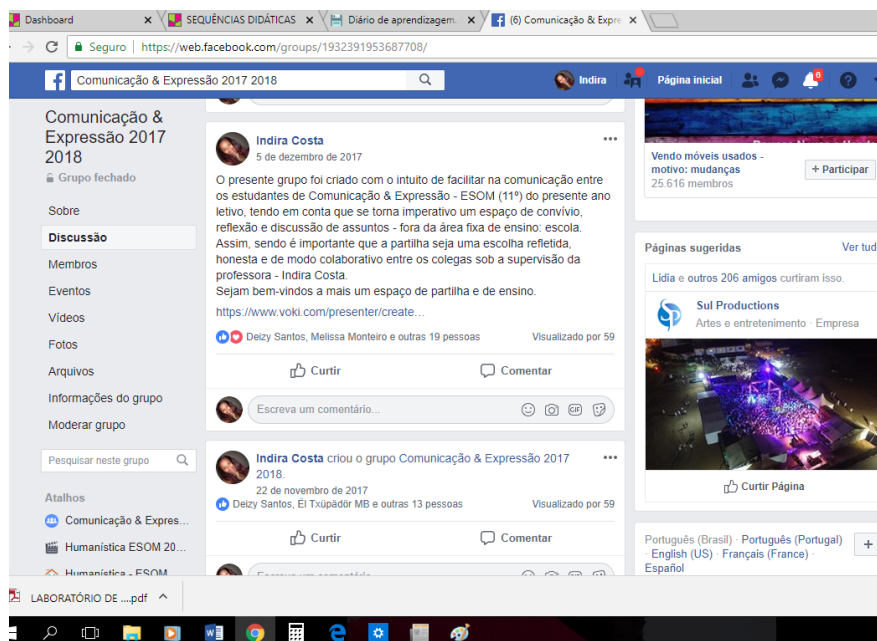
Fonte: Pesquisa direta. - <https://sites.google.com/site/literaturahumanistica/home> .

Redes sociais

Escolher uma rede para gerir a aprendizagem requer técnicas pedagógicas que se adequem a esse novo ambiente (virtual). De acordo com Miranda (2007:43) “o conceito de Educação Tecnológica implica saber usar a tecnologia e ainda analisar a sua evolução e repercussão na sociedade”. Quando se recorre à rede, pode-se ver a imensidão de recursos como, textos, imagens, vídeos, áudios, que nos permitem alinhar novos métodos de ensino com tarefas que envolvem de modo entusiasta os alunos através dos seus dispositivos móveis, computador, *tablets*, entre outros. Assim, o professor poderá enquadrar-se nesse ensino com recurso às ferramentas tecnológicas de modo a tentar transformar o aluno “passivo” à “ativo”.

Este espaço permitiu que a análise da obra / construção de conhecimentos fosse feita com base em cooperativismo entre turmas e pares, tendo em conta o desenvolvimento do projeto em formato colaborativo. Inúmeras vezes se vê postagens dos próprios discentes de *links*, figuras, documentos que podem lhes esclarecer ou ampliar conhecimento sobre um determinado assunto que tenha sido abordado durante as aulas ou que de facto, conscientes da dificuldades ou complexidade do item ofazem. Essa disposição feita com autonomia própria prova o quanto esse espaço pode ser benéfico a nível das práticas educativas diversificadas.

Figura: 3. 10 Criação do grupo Comunicação & Expressão no Facebook



Fonte: Pesquisa direta.

Essa abordagem assenta-se na ideia do construtivismo, segundo Moreira (2000) *apud* Salgueiro (2013:8): “o movimento construtivista dá preferência a uma pedagogia centrada no aluno, habilitando-o na obtenção, resumo e representação da informação, mas também apelando à sua criação e partilha”.

A falta de recursos das próprias escolas, formação dos docentes e, muitas vezes dos próprios discentes, na literacia digital cria um clima de instabilidade no seio de quem não concorde com esse tipo de inovações.

Mas,

“É preciso voltar à sala de aula, mudar conceitos, derrubar tabus e, sobretudo, encarar o aluno como um parceiro no processo de aprendizagem das NTICs. Tal postura não é nova, mas vem sendo defendida e difundida por pensadores renomados, tais como o próprio Vygotsky, Pierre Levy, Lantolf, Soares e Almeida, Orihuela, e O’Reilly, entre outros, mesmo antes da realidade virtual bater à nossa porta”.

Schulz *et alii* (2012:2)

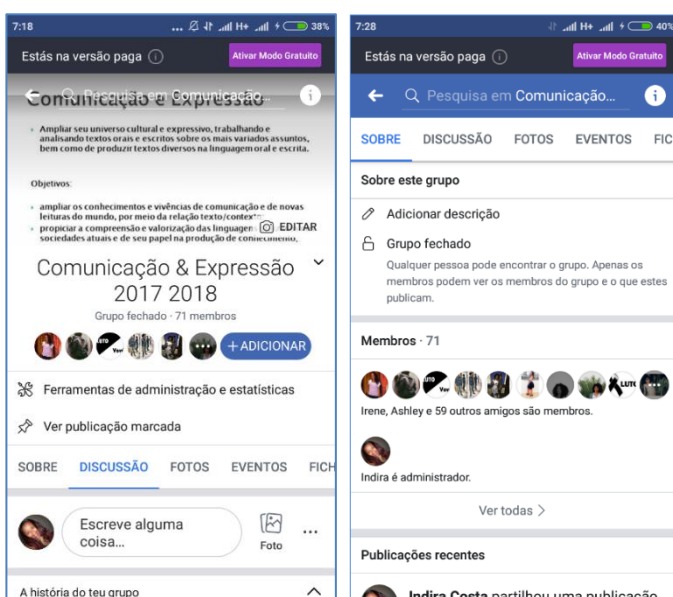
O Facebook é uma das redes sociais que mais tem sido utilizada devido a facilidade de acesso e a sua função básica, que tem sido de entretenimento. O usuário pode conectar-se e partilhar informações em formatos diferentes (textos, fotos, vídeos, áudios) de modo dinâmico.

A forma com que a comunicação se desenvolve através desse aplicativo faz com que pessoas, mesmo à distância, sintam-se menos longe uns dos outros. Pode-se usar as suas funcionalidades com outro tipo de abordagem, conforme o administrador de conta ou de página, por exemplo com um formato educacional, ainda que gere controvérsias, no seio dos menos crentes. De facto, há que se ter cautela na sua implementação uma vez que ainda essa relação entre tecnologia e a escola é bastante controversa e antagónica. Nem todos apoiam essa prática com a justificação de os próprios alunos se perdem com outros post existentes na página inicial e individual de cada aluno; no entanto, relembra-se que devido ao tempo limite de execução das tarefas, já negociadas por ambas as partes (professor e aluno), será um inibidor nessa ótica. Mesmo que haja vontade e que o façam efetivamente, há que se saber lidar com a situação, já será considerado um trabalho prático, logo será avaliado.

O primeiro contacto com os alunos foi, coincidentemente, feito à distância uma vez que a docente não iniciou o ano letivo com as turmas. A primeira fase foi solicitar que os discentes preenchessem um papel indicando se têm ou não *Facebook*, *e-mail*, contacto (opcional). Feito isso a docente dedicou-se a agrupar os alunos no grupo de *Facebook* criado já com a finalidade de assim que regressasse ao convívio escolar

pudesse dar vazão ao projeto. Das duas turmas, 2 alunos não tinham conta no *Facebook*, apenas por opção pessoal. O que não lhes restringiu em nenhum momento de ter acesso às informações e /ou documentos, já que houve sempre um intercâmbio de informações com a sala de aula servindo como “ponte”. Esta fase é a mais trabalhosa, se o professor fizer tudo sozinho, mas não foi o que aconteceu. Os primeiros a serem convidados a fazerem parte do grupo, adicionam os colegas que ainda não estavam, por dificuldades diversas, por exemplo o uso dos *nick names* que como é obvio não coincide com o nome do discente na lista de alunos. Mesmo assim, com o regresso a docente só teve de perguntar e os mesmos, prontamente, respondiam se já estavam ou não no grupo *Comunicação & Expressão 2017-*

Figura: 3. 11 Grupo Comunicação & Expressão - Facebook



2018²⁷, que seria a “sala de aula virtual”. Serve como ferramenta educacional se assim for tratada, trabalhada, organizada e se assim for estabelecido e entendido pelos elementos que dela fazem parte.

O grupo tem um total de 71 membros:

Tabela: 3. 9 Membros constituintes do grupo Comunicação & Expressão

Membros do grupo: Comunicação & Expressão	
Alunos – CT1 & ES	<ul style="list-style-type: none"> • 66 alunos adicionados
Professora - Administradora	<ul style="list-style-type: none"> • Indira Costa
Professores de português convidados	<ul style="list-style-type: none"> • Irene Évora
Membros da Direção	<ul style="list-style-type: none"> • Luísa Gomes Graça (Diretora / Professora de Português) • Lévine Silva (Subdiretor pedagógico / Professor de português)
Encarregado de Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Helga Gisela da Luz

Fonte: Pesquisa direta.

Quando se trata de parceiros e tendências para inovações deve-se envolver todas as partes interessadas. Logo, os pais, assim como os diferentes especialistas da área podem estar a par das atividades realizadas com os alunos em prol de uma maior dinâmica educacional. De facto, deve-se pensar e estar sempre em contacto com as novas tendências, só assim os programas estarão de acordo com o contexto indicado. As inovações podem ser utilizadas por todos àqueles que não querem sentir que estão sendo ultrapassados pela modernidade.

O plano sempre foi usar os recursos disponíveis, já sabendo que a sala de informática não seria uma opção para tal (questão de horário, disposição da sala, equipamentos obsoletos e insuficientes, entre outros). Sendo assim, todos usaram o que cada um tinha em casa (computador/ portátil), *tablets*, mas sobretudo telemóvel. A interação deu-se, especialmente, via *Internet* (dentro ou fora do horário das aulas). Por exemplo, o primeiro trabalho de grupo foi de interação e uso completo de telemóveis dentro da sala de aula. Muitos se perguntariam: “- *Permitiu o uso de telemóvel dentro da sala? Ainda mais com acesso à internet? Como?*”. A resolução desse contexto é simples: negociar a meta e/ou objetivo da aula, o que deve ser entregue no final dos 50 ou 90 *mn*, caso contrário o grupo não poderia acompanhar os que a cumpriram. Os telemóveis ajudam sobretudo nas pesquisas de *internet*. Os alunos que não têm acesso, conseguem trabalhar com os colegas sem perder o *timing*, com a justificativa de que

²⁷ Endereço: <https://web.facebook.com/groups/1932391953687708/?ref=bookmarks>

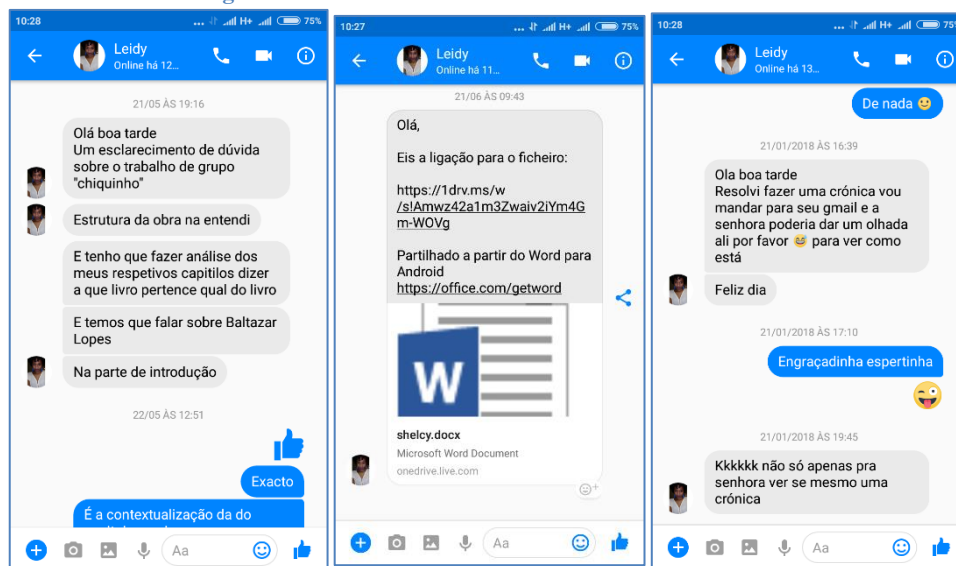
não tinha material, sente-se parte integrante e funcional, uma vez que todos são interpelados a cumprir uma parte em prol da entrega do produto final.

As sequências didáticas²⁸ foram concretizadas com tranquilidade na base do diálogo e sempre com negociações e esclarecimentos de fórum funcional entre docente e discentes. Sair do conforto da habitual ideia da aula expositiva (quadro, giz e saliva) é fácil para quem se entrega às novas dinâmicas, ainda que tenha limitações. Sempre que aparece algum obstáculo como se pode ver mais a frente com o *chat*, os esclarecimentos fazem-se propagar pessoal e virtualmente sem problema nenhum.

O plano iniciou-se em novembro de 2017, ainda no primeiro trimestre, (4 ou 5 elementos), para trabalhar o projeto “*Mon ne clima*”²⁹ por meio das NTICs. Nesse processo, os alunos usaram o grupo (Comunicação & Expressão) para a 1ª fase (pesquisa e partilha de *links* relacionados com clima), posteriormente o *Padlet* para compartilhar/publicar o produto final, trabalhando as competências, a nível de conteúdo de língua portuguesa, relacionadas com a escrita: esquema, síntese e resumo.

Chat

Figura: 3. 12 Chat vs Word / Conversa formal e informal



O *chat*, como um ambiente virtual de aprendizagem, permite uma interação mais descontraída entre a professora e os alunos. Se se comparar com a sala de aula convencional nota-se a semelhança com o facto de os mesmos terem mais um lugar onde podem

²⁸ Disponíveis em: <https://padlet.com/Indiracosta/seqdidatica>

²⁹ Disponível em: <https://padlet.com/Indiracosta/monneclima>

questionar, pedir esclarecimentos e muitas vezes compartilhar e/ou enviar documentos de acordo com a necessidade do momento. A conversa do dia a dia, a «conversa espontânea», informal, hoje é ligada, também, ao mundo digital através das várias ferramentas de uso: telemóveis, portáteis, *tablets*, entre outros.

A *fig. 3.12* comprova o fato de se poder fazer uso do *chat* como canal de envio de arquivos e de conversação entre professor – aluno. Nota-se que o aluno consciente que fala (tecla) com o professor, ainda que muitas vezes hesite, na maioria dos momentos que aconteceram fizeram uso do português, mesmo quando a conversa tinha um caráter mais informal (*kkkkkkkk* - risos). O espírito cooperativo espelha-se nessa figura uma vez que na impossibilidade de um colega enviar seu trabalho, solicita ajuda à alguém que o possa fazer por si. Este é o tipo de pessoa que se quer na sociedade, alguém que saiba pedir ajuda quando precisa e outra que consiga estender a mão a quem lho solicita de modo consciente e despretensiosa.

O perfil de saída dos alunos do ambiente escolar privilegia a competência que lhe permite saber fazer de acordo com o contexto inscrito. Nessa linha de pensamento entende-se que as competências a serem desenvolvidas devem estar centradas no aluno para que se possa atingir o perfil almejado. A capacidade de trabalhar em equipe, a criatividade, a inovação, assim como um olhar atento aos pormenores não podem passar despercebidos nesse perfil de aprendizagem que se quer para o século XXI. O espírito de camaradagem e de partilha, também são competências que não podem ser descuradas. No entanto, a realidade tem sido outra. São mais as vezes em que os conteúdos são postos em primeiro plano do que as competências do aluno. É sabido que saber aliar esses dois paradigmas de ensino é o que muitos querem, mas não conseguem devido aos meios não disponíveis. O certo seria ter sempre em conta a competência do aluno para que se possa atingir o grau de instrução que lhe permita estar inserido no mercado de trabalho ou mesmo nas comunidades com uma capacidade de literacia considerada senão elevada, ao menos considerável. Enquanto isso não é uma realidade geral, o “tentar” até conseguir pode estar à vista para o professor que se quer neste século!

A nível de competência é possível que se faça desencadear um desenvolvimento da criatividade, do pensamento crítico para a resolução de problemas e a tomada de decisões, além do tão almejado: maior domínio da língua portuguesa e de técnicas de expressão, por exemplo o uso de conectores. Como é visível nesta mesma figura, existem erros de

digitalização; mas será que o docente não consegue avaliar a competência linguística desta forma? É possível, já que se consegue vislumbrar a organização das ideias, o respeito ou não da gramática nas suas mais diversas formas (léxico, sintaxe, morfologia, ...). Além desse ponto de vista, também se pode conceber um projeto desenvolvendo perspectivas interdisciplinares, cooperando para o emprego da ciência e pensamento computacional em outras áreas disciplinares.

Ao considerar o aparecimento de novas tecnologias, comprovamos que o espaço da *internet* modificou a aparência textual escrita, contudo não fez aparecer formas tão diferentes daquelas já existentes. Na verdade, há uma troca na reestruturação formal das anteriores, para que consiga atingir cabalmente o seu processo comunicativo num novo suporte (virtual) já enraizado no contexto social atual.

“o chat é um gênero bastante complexo por possuir um grau absortivo muito grande. Isso o faz transmutar muitos gêneros, como a conversa cotidiana, a aula, a entrevista, e, possivelmente, muitos outros. Ao que parece, o fenômeno da transmutação torna-se bastante produtivo para estudar a constelação que se forma em torno de um gênero como o chat.” (Araújo 2004:1289).

Desta forma, o *chat* é envolvido por um conjunto de combinações que servem para transmitir ideias, informações, emoções com uso de ferramentas e caracteres próprios de modo sócio interativo. É um gênero atual que trará especial incentivo à prática educacional, não só pela facilidade de uso como pelo incentivo que trará aos próprios alunos, afinal como afirma e bem a Irina Grebennikova (2008:7) *“le chat est un complément et un prolongement des techniques de communication préexistantes, qui contribue à l'émergence de nouvelles formes de sociabilité”*. O trabalho com esse gênero pode alavancar as práticas de *“letramento”* intra e extraescolares e, ao mesmo tempo, capacitar os alunos face a novas descobertas com o uso do próprio contexto inovador.

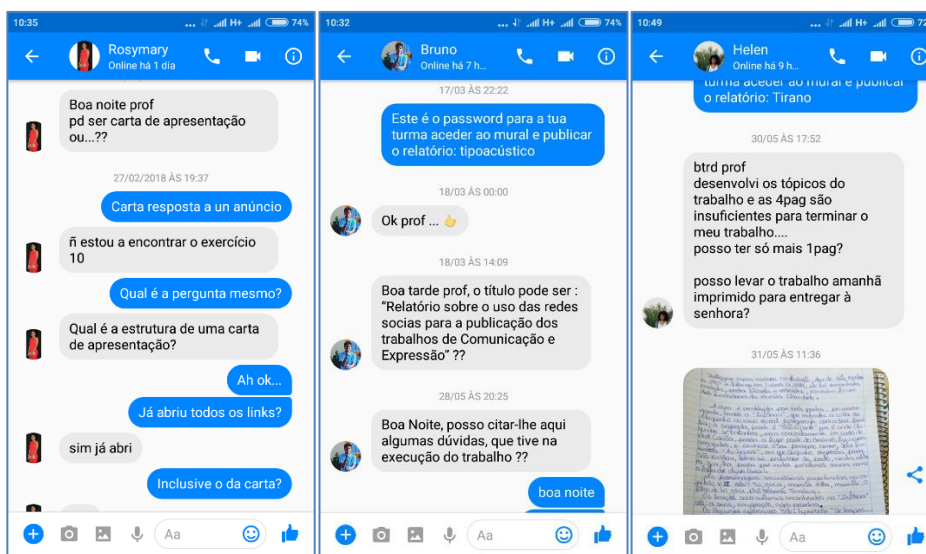
O *chat* insere-se na categoria de *“gêneros conversacionais – aqueles que possuem menor estabilidade e apresentam uma composição e uma organização temática mais instável como as conversações, por exemplo”*, Maingueneau *apud* Barbosa (2012:156). Pode ser realizado individualmente ou em grupo, é interativo (*on* e *offline*), com um caráter síncrono permitindo o cultivo de vários tipos de relação entre os internautas.

A trajetória das conversações³⁰ feitas pelo *chat* é demarcada, essencialmente, pela relação estabelecida entre os interlocutores e pela própria temática em discussão. Assim,

³⁰ ABUSA’ALEEK, Atef (2015: 137) Crystal (2003:433) states that *‘electronic discourse, as a way of information exchange, are “unusual, compared to face-to-face interaction- but they are conversations”*.

como a sua dinâmica prende-se, fundamentalmente, com o estado “ativo” dos intervenientes em contexto comunicacional. Várias vezes, a forma de tratamento implica inclusive uma postura do outro. Quando se faz esta afirmação, temos como exemplo a relação de hierarquia que existe entre um professor e aluno ou vice-versa que com certeza será diferente daquela estabelecida entre amigos apenas. É nessa perspetiva, que as conversações que servem de *corpus* para o referido trabalho, foram, maioritariamente, estabelecidas. Sendo a docente, tutora do projeto, contemplada a nível profissional com a disciplina de português L2, a tentativa foi de essencialmente, fazer com que os alunos fizessem uso desta ferramenta (*chat*) como utilidade prática da língua em questão. Como é óbvio não sendo língua materna (L1), tem trazido muitas dificuldades de utilização, principalmente, no emprego em contexto real de comunicação, no entanto, nessa atividade “*o mais importante é a credibilidade do professor, sua capacidade de estabelecer laços de empatia, de afeto, de colaboração, de incentivo, de manter o equilíbrio entre flexibilidade e organização*” Moran (2000:55) *apud* Barreto *et alii* (2014:6).

Figura: 3. 13 Chat: abreviaturas / modo - esclarecimento de dúvidas



Quanto a linguagem com uso da escrita eletrônica, o “teclar”, tem-se mostrado muitas vezes «banalizada» com excesso de abreviaturas, por vezes incomuns entre interlocutores. Neste aspeto, Crystal afirma que *a pontuação é minimalista, a ortografia é bizarra, com abundância de SIGLAS, abreviaturas, já mencionadas, estruturas fráscas pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética*, adaptado. (Crystal *apud* Marcushi 2004:18-19).

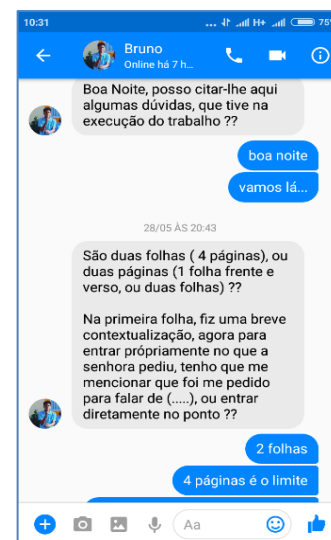
Apesar do uso de abreviaturas (fig. 3.13) a comunicação é exercida muitas vezes com esmero e até em tom coloquial (“*posso citar-lhe aqui algumas dúvidas...*”). As formas de tratamento em nenhum momento foram regras para se interagir com a docente ao longo do processo, mas a consciência e o *timing* do próprio aluno muitas vezes fizeram-no fazer o uso, que se pode considerar formal no *chat*, próprio do contexto sala de aula (fig. 3.13 e 3.14).

A nível linguístico o docente de português consegue muitas vezes observar dificuldades a nível da acentuação (“*propriamente*”), emprego dos clíticos, redundâncias, (“*tenho que me mencionar que me foi pedido...*”), fig. 3.14. Essas

observações permitem que o docente pense e planeie novas estratégias de emprego da fala / escrita recorrendo ao uso de expressões semelhantes, ou seja, explorar a tão falada pedagogia do erro.

A questão do uso da língua materna é uma realidade corriqueira, que em desejando, o professor pode ultrapassar, se só responder ao aluno com uso do português, por exemplo. Mas se o objetivo é trazer o ensino de estratégia comunicacional para mais perto da realidade do aluno, não se pode pô-lo de parte. O hibridismo linguístico nessas conversas é a presença do próprio carácter de inferência da língua materna em contexto «sala de aula», ainda que seja num AVA. Alunos que no contexto sala de aula, quase que não «falam» com o professor, muitas vezes desinibem-se um pouco mais e enveredam pela escrita, ainda que seja no *chat* ou em crioulo. Mas são degraus que se sobem devagar sempre com o intuito de mais tarde, de modo consciente, o discente mude de «postura». Há um carácter evolutivo ao longo do processo de implementação de projetos desse tipo. O “impor” nem sempre dá melhores frutos do que o “envolver” o aluno no próprio plano. A título de exemplo, a fig. 3.15. exemplifica essa evolução. Se no privado a língua materna é privilegiada, em público³¹ as coisas mudam de formato e o português reina, ainda que se note gralhas “*serca*”, ou erros de concordância “*achei a iniciativa da professora muito bom*”. Os erros não são ignorados, mas há que se ter em conta o que se quer do aluno (que ele saiba escrever o tipo de texto solicitado). A estrutura do texto, composição gráfica e o respeito pelo tema, no caso relatório,

Figura: 3. 14 *Chat* - questões linguísticas



³¹ Grupo: Comunicação & Expressão 2017-2018 – Rede social: Facebook.

são os itens máximo da avaliação. A gramática (organização frásica, ortografia, sintaxe, ...) são os aspetos que têm de ser trabalhados continuamente, já que a prática é a “luz” da aprendizagem com sucesso.

Figura: 3. 15 Língua Materna vs Língua Segunda



Essa organização justifica o «hibridismo» característico dessas conversações vistas como um tipo de “*fala por escrito*” a que Marcuschi (2004: 28) distingue, apontando cinco tipos de *chat*, a saber: *chat em aberto*, *chat reservado*, *chat agendado*, *chat privado* e *chat educacional (aula chat)*³². O *chat educacional* tem ganhado muita popularidade, ainda que “*esta escrita tende a uma certa informalidade, menor monitorização e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo*”, Marcuschi (2004: 29). No quadro educacional é possível que se ultrapasse barreiras já que:

«Os gêneros digitais podem ser grandes ferramentas educacionais para o processo de ensino e aprendizagem. Isso porque, além de ser o local onde a língua efetivamente é empregada, os gêneros possibilitam, através do estudo desses enunciados, um contato com as “condições específicas e as finalidades de cada campo, não só pelo seu conteúdo (temático) e pelo estilo da

³² “**Chat em aberto** (bate-papo virtual em aberto – room –chat) – inúmeras pessoas interagindo simultaneamente em relação síncrona e no mesmo ambiente. Surgiu como IRC na Finlândia em 1988.

Chat reservado (bate-papo virtual reservado) – variante dos room-chats do tipo (2) mas com as falas pessoais acessíveis apenas aos dois interlocutores mutuamente selecionados, embora possam continuar vendo todos os demais em aberto. **Chat agendado** (bate-papo agendado –ICQ) – variante de (3), mas com a característica de ter sido agendado e oferecer a possibilidade de recursos tecnológicos na recepção e envio de arquivos.

Chat privado (bate-papo virtual em salas privadas) – são os bate-papos em sala privada com apenas os dois parceiros de diálogo presentes; uma espécie de variação dos bate-papos tipo (2). **Chat educacional** – interações com número limitado de alunos tanto no formato de e-mail ou de arquivos hipertextuais com tema definido em contatos geralmente assíncronos”.

linguagem (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua), mas, por sua construção composicional”

Bakhtin (2000: 263) *apud* Laís (2014:8)

Creio que a linguagem deve ser doutrinada dentro de critérios reais e trabalhada através de teses que vão além de simples registros linguísticos, como a observação dos contextos socioculturais e históricos. A prática com esses gêneros, na sala de aula, vai favorecer a interação com o próprio grupo social, já conhecido pelo discente,

“o que lhe proporciona múltiplas semioses (textos, imagens e sons) em relação à natureza dos recursos linguísticos utilizados. A escola deve aproveitar a competência comunicativa dos adolescentes que usam bem os gêneros digitais disponíveis na rede virtual para transformá-los em bons produtores de gêneros textuais valorizados na sala de aula e no mundo real”,

Laís (2014:8).

O *chat* permite que se faça uso da escrita de modo inconstante ou mesmo intemporal, uma vez que pode ser feita conforme a disponibilidade e/ou urgência da conversação. A sua escrita é acessível na sua versão espontânea e mais original possível, tanto que é uma escrita “fixa”, que permite que se faça correção apenas na mensagem posterior, caso o emissor ache necessário ou não haja descodificação. Pelo caráter, muitas vezes, versátil, dessas conversações, não há limitação de tema nem emoções que podem ser traduzidas através da linguagem escrita. Esta pode ser reforçada com o uso de imagens, sons, e *emoticons* que lhe dão maior carga semântica na situação de enunciação, caso dos *smiles*.

Uma observação corroborada por Tânia Sardinha (2011:2117), quando alega que essa revolução tecnológica “(...) nos fez modificar / adaptar a comunicação oral e escrita e apresentar as características de semiotização desses textos com a utilização dos *emoticons* (ícones indicadores de emoções) que imprimem no texto digital aspectos informais (...)”.

Os enunciados que introduzem as conversações, por exemplo o ‘*Oi*’ baseiam-se de fato “no uso de fórmulas, idênticas, aliás, às da conversação presencial” Alves (s/d:82). Este exemplo, comprova a ideia anterior, assim como o fato do *chat* educacional partir de um simples ‘*Oi*’ (informal), mas desenvolvida na língua segunda e oficial (mesmo com o desrespeito pela pontuação e acentuação) como é o caso do português em Cabo Verde, trazendo-lhe essa peculiaridade de caráter híbrido ao longo do desenvolvimento linguístico, mas que não impede a interação.

Dotada de uma alta dinâmica e interatividade, em todas as suas utilidades, a sua escrita é enriquecida pela experiência recíproca, tendo em conta que se espera a intervenção dos

participantes, através das suas mensagens. A coexistência entre texto, imagens e sons, reforça a construção de sentido nas mensagens subjacentes. O resultado confere a esta forma de comunicação a singularidade de beneficiar a socialização, admitindo mesmo que se criem uma relação, ainda que virtual, acentuando, mais do que a interação, a ideia de posse e até mesmo de uma intimidade que muitas vezes não se consegue, facilmente, só na sala de aula tradicional.

Marcushi (2004:13, 17-18) alega que o *chat* “*não implica a importação automática da fala*”, para além de questionar a sua função; no entanto, aponta algumas, tais como: “*passar tempo, propiciar divertimento, veicular informação, permitir participações interativas, criar novas amizades*”. São várias as vantagens que se pode apresentar, como por exemplo, o fato de ser uma prática interativa que permite uma maior aproximação entre o professor e o aluno ou com os colegas, serve como uma fonte de criação, construção e desenvolvimento de conhecimento; permite o contato entre os intervenientes de modo assíncrono ou síncrono, permite a prática da escrita na língua-alvo; pode ser estabelecida em vários tipos de aplicações diferentes, a título de exemplo: telemóveis, portáteis, *tablets*, entre outros; pode ser realizado individualmente ou em grupo, é interativo (*on e offline*).

Enquanto as desvantagens, prendem-se basicamente com a falta de domínio desse género eletrónico. Quanto maior o número de participantes num *chat* mais limitado o mediador fica para dar conta da quantidade de informações e / ou mensagens recebidas. São inúmeros os internautas que fazem esse uso deste género e “*por não disporem da presença física uns dos outros, os usuários não monitoram suas escolhas lingüísticas, de maneira que o resultado é um estilo de tendência informal*”, (Araújo 2004:1285). Já a linguagem utilizada muitas vezes não é bem vista tendo em conta o uso da escrita eletrônica, o “teclar”, que se tem mostrado muitas vezes «banalizada» com excesso de abreviaturas, por vezes incomuns entre interlocutores. Neste aspeto, Crystal afirma que *a pontuação é minimalista, a ortografia é bizarra, com abundância de SIGLAS, abreviaturas, já mencionadas, estruturas fráscas pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética*, adaptado. (Crystal *apud* Marcushi 2004:18-19).

Essa prática diferenciada da escrita deve trazer aos jovens adolescentes a capacidade de adaptação à diferentes formas de escrita em contexto e géneros diferentes. Sob nenhuma maneira devem confundir o uso de agramaticalidade numa carta formal, por exemplo como um ato lingüístico aceitável. Nesse âmbito, Junqueira (2010:2) elucida que “*o chat permite*

trocas entre alunos e professores que parecem suprir, de forma mais satisfatória, a carência dos alunos por espaços e práticas que remetam às tradições da sala de aula presencial”. O professor como mediador pode dotar-se de diferentes estratégias de análise, investigação e avaliador das competências do aluno uma vez que esse espaço se torna um local de partilha e convivência.

Assim, o *chat* serve para apoiar o processo, muitas vezes em simultâneo para a referida correção / melhoramento. Entende-se que os conteúdos são o apoio de qualquer trabalho didático e, portanto, uma vez limitados devem ser considerados e pensados a que tipo de metodologia didático-pedagógica pode ser adotada para contextualizá-los, torná-los mais aprazíveis e a serviço da aprendizagem do aluno. Ao considerar o aparecimento de novas tecnologias, comprovamos que o espaço da *internet* modificou a aparência textual escrita, contudo não fez aparecer formas tão diferentes daquelas já existentes. Na verdade, há uma troca na reestruturação formal das anteriores, para que consiga atingir cabalmente o seu processo comunicativo num novo suporte (virtual) já enraizado no contexto social atual.

Conclui-se que o *chat* é envolvido por um conjunto de combinações que servem para transmitir ideias, informações, emoções com uso de ferramentas e caracteres próprios de modo sócio interativo. É um género atual que trará especial incentivo à prática educacional, não só pela facilidade de uso como pelo incentivo que trará aos próprios alunos. O trabalho com esse género pode alavancar as práticas de “*letramento*” intra e extraescolares e, ao mesmo tempo, capacitar os alunos face a novas descobertas com o uso do próprio contexto inovador.


Padlet

São várias as formas de uso do *Padlet*³³, mas para o estudo em questão, pode-se dizer que a compilação da maior parte do material de apoio está alojado nesta plataforma com fim educativo; serviu como ambiente de armazenamento e divulgação da maioria dos trabalhos realizados pelos alunos. Deste modo criou-se uma espécie de cartaz digital, onde se pode ler, ver e ouvir os trabalhos ou documentos partilhados.

³³ MENDES, Lúcia. “*Propostas de atividades para o século XXI. 20 maneiras úteis para se utilizar o Padlet.*” <https://luciamendes.com/20-maneiras-uteis-para-usar-padlet-em-sala-de-aula/>

Os exemplos podem ser consultados, conforme o interesse de quem lê, em qualquer um dos *links* facultados abaixo:

Quadro: 3. 1 Designação descritiva de conteúdos do programa / endereço das postagens no Padlet

PADLET  Indira Costa	
DESIGNAÇÃO - EBSOM	DESCRIÇÃO / ENDEREÇO
TRABALHOS DE GRUPO	Português e Comunicação & Expressão. Turmas: CT1 & ES. Análise de tiras – BD. / Produção de comentários e notícia. Turmas: H1 & H2: Pesquisas (época medieval) ³⁴ https://padlet.com/Indiracosta/trabalhosdegrupo
PROJETO " MON NE CLIMA "	Análises de tira / notícia: https://padlet.com/Indiracosta/monneclima
GÊNEROS JORNALÍSTICOS	Crónica, reportagem e entrevista criadas pelos alunos: https://padlet.com/Indiracosta/alunos
RELATÓRIOS (TIC)	Uso das Tic para realizar a tarefa (criar texto jornalístico) / Produção de relatórios: https://padlet.com/Indiracosta/RelatoriosTIC
«CHIQUINHO» de Baltasar Lopes	Partilha de análises de capítulos da obra (espontaneamente): https://padlet.com/Indiracosta/chiquinho
MATERIAIS	Documentos escolares: antologia / diretrizes de análise da obra «Chiquinho» de Baltasar Lopes : https://padlet.com/Indiracosta/materiaisescolares
11° CT1	Todos os trabalhos feitos ao longo do ano letivo são copiados para este endereço de modo a compila-los num único espaço: https://padlet.com/Indiracosta/CT1
11° ES	Este mural destina-se a postagens relacionadas com a turma 11° ES: https://padlet.com/Indiracosta/ES
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	Planos com a sequência das aulas recorrendo às TIC: https://padlet.com/Indiracosta/seqdidatica

Durante esse tempo dedicado a observação desses espaços virtuais como ferramenta educacional vislumbrou-se algumas limitações nesse percurso de inserção das NTICs na educação, tais como:

- Nem todos têm a possibilidade de usar *internet* durante as aulas;
- Uma minoria não tem móvel do tipo digital;
- Alguns discentes não o acham relevante para a aprendizagem;
- Nem todos alunos têm interesse em participar;
- São mais comunicativos se estiverem em perfis como “anónimos”;

³⁴ Apesar do estudo de caso ser centrado nas turmas 11° ES & CT1, o uso das TIC foi feito em todas as turmas da professora, inclusive uma de 8° e outras duas de 11° Humanística (literatura), os últimos com sequência no ano letivo (2018-2019).

TIC em contexto escolar: ponto de vista dos alunos

Tendo conhecimento do projeto, aos discentes foi-lhes solicitado que escrevessem em modo relatório os respetivos pontos de vista acerca do uso das TIC no contexto escolar / partilha no *Padlet*. Sendo assim as observações extraídas dos relatórios foram as seguintes:

Vantagens:

- Partilha de ideias;
- Ganha-se mais conhecimento sobre a disciplina;
- Visualização de erros;
- Põe-se em prática os conhecimentos das aulas da disciplina: Utilização de Computadores;
- Aperfeiçoar o português;
- Aumento de leituras: curiosidade com o que os outros escrevem;
- Esforço mais racional;
- Clima de desafio;
- Facilidade no estudo;
- É um método: eficaz, moderno, funcional, prático; inovador;
- Uso das redes sociais como auxílio no processo de aprendizagem;
- Aperfeiçoamento das relações interpessoais;
- Maior liberdade;
- Desperta um lado cómico-emotivo, criativo;
- Oportunidade de partilhar com os outros;
- Melhora o sentido de responsabilidade;
- Sai-se da rotina habitual das tarefas escolares;
- Trabalha: as competências do aluno, o orgulho de quem não tem meios (aprende a pedir ajuda e receber críticas);
- Reforça os laços de irmandade entre os alunos; espírito colaborativo;
- Não se precisa entregar um documento físico (minimiza o custo);

Desvantagens:

- Desrespeito pelos prazos indicados;
- Maior possibilidade de plágios;
- Nem todos conseguem lidar com as novas tecnologias / limitações a nível informático, ou seja, falta de conhecimento a nível informático;
- Não ter meios para publicação de trabalhos (ferramentas, aparelhos eletrónicos ou *internet*);
- Rigor dos prazos;
- Muito preocupados com «likes»;

Sugestões:

- Maior familiarização com essa nova ferramenta;
- Reconhecer os melhores trabalhos;
- Criação de uma rede sem fios na escola;

Nota-se de facto que as vantagens são em maior escala e que as dificuldades se prendem, essencialmente, com a falta de recursos e não com falta de vontade. Na ótica dos alunos constatou-se que a *Internet* proporcionou formatos distintos de produzir o seu conhecimento e cooperar para a aprendizagem dos colegas. Repararam que o Português pode se tornar prazeroso se for desenvolvido de forma a contemplar as alterações que os adolescentes e a educação têm encarado defronte dos imensos avanços nas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Atividade de aprendizagem

Todas as ideias que foram aqui descritas seguiram, além das ideias de projeto com às TIC, foi aliada à concretização de uma atividade de aprendizagem no âmbito do estudo de conteúdos relacionados com a primeira parte da Literatura Caboverdiana, como se pode comprovar com a tabela 3.10.



Tabela: 3. 10 Atividade de aprendizagem – rede social

Título:	Rede social – ensino interativo de literatura / Português como L2
Descrição geral	<p>Atualmente vários são os conceitos linguísticos que têm sido fundamentados ao longo de pesquisas nas várias áreas científicas, dentre elas os géneros de discurso, nesse caso tratados como géneros textuais. A partir de textos diversificados com temáticas, organização e características diferentes os alunos apreendem a técnica de uso tanto oral como escrito, assim como, a função social inerente a cada um dos tipos disponibilizados, analisados e /ou produzidos.</p> <p>Esta atividade está assente na base do trabalho cooperativo inter-turmas. Numa rede social é possível partilhar diferentes pontos de vista sobre determinados conteúdos, trabalhados em grupo, pares ou individual. Cria-se uma base de dados ou documentação que pode ser consultada quando o aluno achar por bem. Desde que a tecnologia usada esteja ao serviço dos conteúdos preconizados, não haverá barreiras intransponíveis para quem o queira fazer.</p>
Ideias para recursos úteis:	<ul style="list-style-type: none">• Quadro branco/ negro / projetor;• Trabalhos individuais e coletivos (escritos e orais);• Telemóvel;• Obras diversas e específicas da literatura caboverdiana;• Áudio / auscultadores;• Portátil (Programas: <i>word, power point, pdf, slide, excel, media player, movie maker...</i>);• <i>Facebook</i> (grupo fechado)• <i>Chat, Messenger, WhatsApp, E-mail; Google Drive, (...)</i>• <i>Voki; Youtube; Hotpotatos; Padlet, (...)</i> <p>Cada um com a sua utilidade conforme o objetivo pretendido. Após a escuta de cada capítulo em áudio (<i>Windows Media Player, Mp4</i>) todos passaram pela fase de revisar o primeiro texto com uso do <i>Word</i>, até escolherem o formato de entrega, à escolha, do trabalho final.</p>

<p style="text-align: center;">Motivação para os docentes</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As vantagens apresentadas têm que ver com o fato de terem a oportunidade de trabalhar fora da sala, usar a rede social para tal, aprender de modo descontraído, a interação com os colegas e professor fora da sala, o facto de se postar um trabalho para que todos tenham acesso; aumenta os seus conhecimentos, a partilha de informações, entre outros. Qualquer rede social tem como ponto fulcral a interção social junto a diversidade de género, classe social, ponto geográfico ou classe soial, idade, entre outros. É uma ferramenta que facilita a comunicação e muito popular. • Desenvolver a autonomia, criatividade, originalidade, espírito de equipa e responsabilidade; • Criar um espaço de interação e de partilha colaborativa para a publicação de trabalhos; resolução de tarefas dentro e fora da sala de aula; partilha de materiais / recursos educativos; • Fomentar o recurso às novas tecnologias como forma de adquirir / consolidar aprendizagens; • Propiciar aos alunos novas formas de produção de comentários / resenhas e textos argumentativos; • Adquirir competências comunicativas e tecnológicas; • Desenvolver competências de escrita, de leitura e de audição; • Proporcionar aos alunos uma oportunidade de contacto com suportes digitais; • Fomentar a utilização pedagógica da Internet como ferramenta de aprendizagem; • Fomentar a sociabilização, a interação, o trabalho em equipa e o espírito de entreatajuda; • Promover de valores e comportamentos adequados a um trabalho e aprendizagem colaborati-vos; • Tornar a aprendizagem mais lúdica e motivadora; • Promover o ensino/aprendizagem da língua e cultura caboverdiana e da literatura portuguesa; • Explorar diferentes ferramentas tecnológicas para motivar os alunos; • Promover a interdisciplinaridade entre as disciplinas de: português (literatura), cultura caboverdiana, história ou outras áreas afins.;
<p style="text-align: center;">Motivação para os alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o gosto pela Literatura (Caboverdiana e Portuguesa); • Desenvolver o conhecimento do nosso país – Cabo Verde: (literatura, hábitos, crenças, festas de romaria, história, ... • (Re)conhecer sua necessidade pela leitura; • (Re)conhecer-se como parte integrante da tradição caboverdiana; • Desenvolver o gosto pela leitura; • Aplicar técnicas de análise textual / Interpretação • Produzir comentários escritos e orais recorrendo as TIC; • Uso de vocabulário adequado; • Conjugação das partes da gramática na produção de enunciados; • Aplicar técnicas de comunicação; • ...
<p style="text-align: center;">Preparar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar uma das maiores dificuldades de escrita da língua portuguesa como L2; • Criar um ambiente de partilha de informações, tarefas e de comunicação inter-turmas; • Negociar com os alunos o trabalho individual; • Compartilhar no grupo dos alunos; • Analisar / interpretar os trabalhos uns dos outros; • Contribuir para a correção; • Corrigir (esboço do trabalho compartilhado); • Resolver tarefas específicas sobre a obra literária «Chiquinho» de Baltasar Lopes – Literatura Caboverdiana;

	<ul style="list-style-type: none"> • Escolher formato de entrega: (conforme o aluno se sentir mais confortável); • Publicar no blogue específico para o efeito; • Consultar <i>site</i>; • Comentar o resultado final;
Inspirar	<ul style="list-style-type: none"> • Negociar a proposta de trabalho; • Ouvir e respeitar a opinião dos outros; • Expressar opiniões e defendê-las; • Leitura integral da obra “<i>Chiquinho</i>” de Baltasar Lopes; • Conhecer o autor da obra; • Conhecer o valor atribuído à obra na literatura caboverdiana; • Investigar informações complementares para contextualização • Auscultar a leitura do capítulo da obra (disponibilizado pela professora – <i>pen drive</i>, cartão de memória...); • Comentar um capítulo; • Compreender a função social de um texto literário • Compreender os componentes de um texto literário (narrativo): personagens, narrador, tempo, espaço, ação; • Compartilhar no grupo criado para o efeito; • Comentar o trabalho dos colegas (podem fazê-lo por escrito no grupo ou oralmente durante aulas criadas com este propósito para que se tenha uma ponte de base / de sustento do projeto); • Resolver as tarefas propostas;
Orientar	<p>A continuidade do projeto revela-se através de mais uma tarefa que se prende com a introdução ao estudo do 4º período da literatura caboverdiana (Tarefa: palavras cruzadas). Tudo decorre na tranquilidade, com momentos sincrónicos e assincrónicos, tendo em conta que se espera a autonomia do próprio aluno. O conteúdo é levado em conta como noutros tempos, no entanto o processo como o aluno tem chegado a ele será foco de especial atenção, tendo em conta a expectativa dos discentes e da própria docente em relação ao uso frequente das TICs e de manutenção, organização do <i>Site (aberto ao público)</i>, que todos podem ver os resultados finais. Qualquer docente poderá levar o projeto a cabo durante o ano letivo, tendo em conta o enriquecimento do site com o trabalho dos próprios discentes com diferentes conteúdos.</p> <p>Obs. : Haverá no grupo criado um documento que explica todo o processo. Caso haja dúvidas o aluno pode tentar o esclarecimento com o docente via chat (<i>messenger</i>) ou mesmo durante as aulas.</p>
Avaliar	<p>Espera-se que na discussão dos resultados com o aluno :</p> <p>Se considere as condições de produção e o desempenho de todos os participantes envolvidos no projeto ;</p> <p>Se avalie todas as etapas do processo ;</p> <p>Se parta dos objetivos do projeto, salientando o que o aluno é capaz de fazer (proficiência para...) e o que pode fazer para melhorar.</p>

	<p>Rendimento, numa aula de português (literatura), envolve :</p> <ul style="list-style-type: none"> • Usar, considerando o contexto de produção e de receção; • Saber dizer/contar o que usou; • Saber nomear o que usou?); • Saber o que pode fazer para melhorar. • O ensino da literatura / leitura irá desenvolver a atitude que estimula nos alunos a busca de informações e referências; irá desenvolver a independência do leitor, fomentando a confiança em seus próprios recursos, capacitando-o para iniciar por si próprio, atividades leitoras, e facilitando-lhe a adaptação ao tipo de leitura para diversos fins. O ensino da escrita deve ser feito de tal modo que sua aprendizagem faculte o aluno a obter êxitos nas suas necessidades gráficas escolares e extra-escolares que são feitas em L2.
--	---

Fonte: Pesquisa direta.

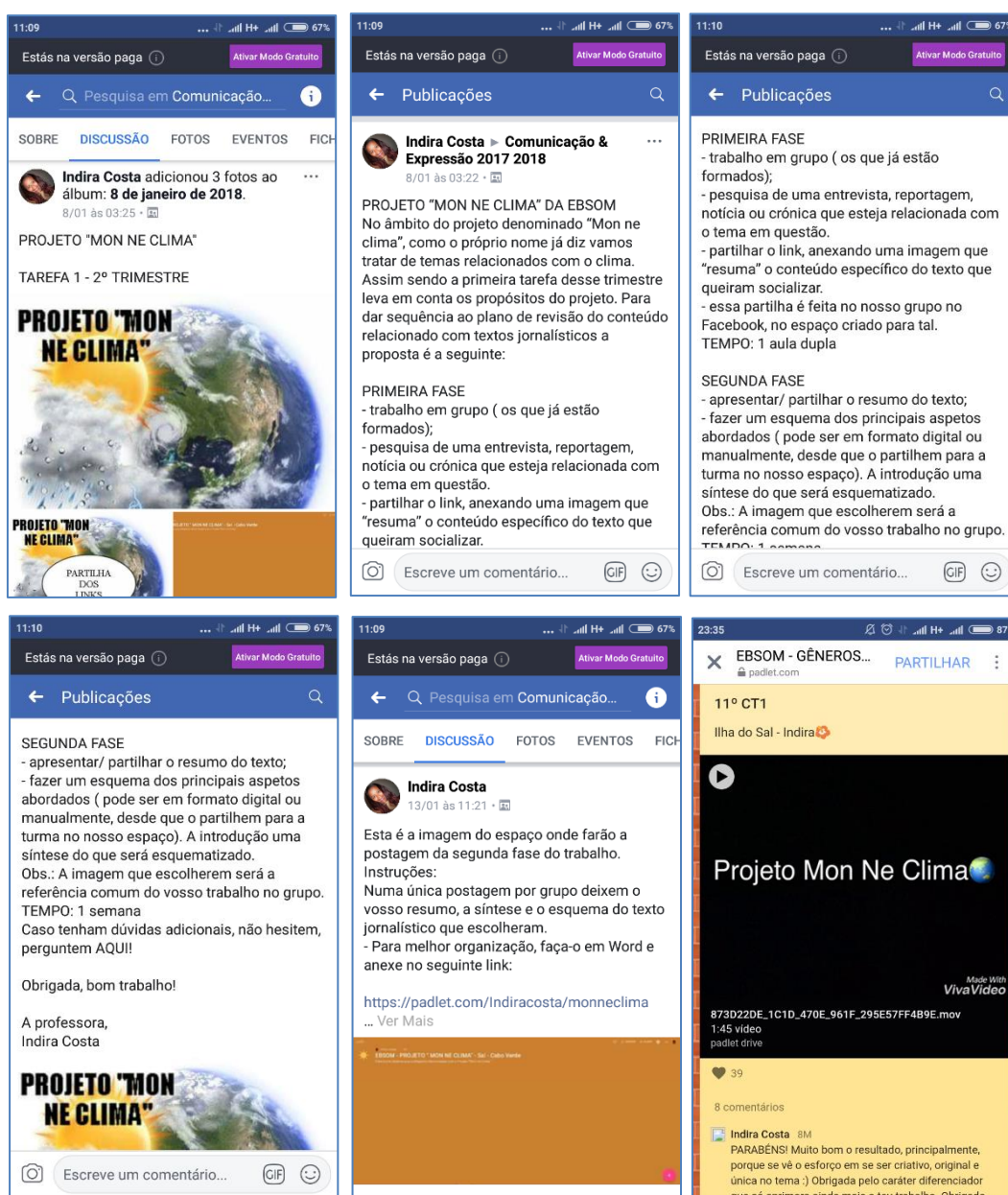
Narrativa: Rede social – ensino interativo de literatura / Português como L2

- ✓ Entende-se que todos os alunos já tenham conhecimentos mínimos de uso de computadores e telemóveis *android*.
- ✓ Pretende-se que os alunos criem textos de diferentes tipos (português) destinados a partilha *inter* turmas no grupo (Facebook).
- ✓ Todos poderão recorrer aos seus dispositivos móveis para aceder ao grupo, pesquisar, publicar, comunicar ...
- ✓ Na disciplina de português o professor vai promover atividades que permitam aos alunos (re)formularem perguntas da área de português com uma linguagem adequada aos alunos.
- ✓ Nas disciplinas de história e cultura, poderão ser promovidas atividades de contextualização histórico-social da(s) obra(s) literária em análise. Poderão ser promovidos debates em torno das diversas temáticas subjacentes ao mesmo.
- ✓ Todo o processo segue com a supervisão do professor de português no âmbito das correções a nível de execução linguística e com fundamentos científicos.
- ✓ O professor que criar o grupo (nesse caso de português) é o mediador dessa aprendizagem, salvaguardando o seu desenlace e progresso sempre com base na comunicação síncrona ou não sobre o seu progresso.
- ✓ O *site* (por exemplo no *Simple Site* ou o *Padlet*) serve como ponto focal de publicação dos trabalhos finais que podem ser acessados pelo público em geral.
- ✓ O tema dificuldade de aprendizagem na língua portuguesa, (L2), nos alunos do ensino secundário, constitui um problema de atualidade generalizada. Sempre se apresenta uma preocupação constante por incorporar no sistema de ensino e a todos os níveis, novos métodos, que desenvolvam o próprio sistema. Inserido neste contexto abordado o objetivo

geral dessa sequência de atividades é utilizar o gênero narrativo como meio de produção oral, através da exposição oral e debate temático. Por isso, essa atividade de aprendizagem faz uso da interdisciplinaridade entre outras disciplinas

A interdisciplinaridade pôde ser trabalhada em diversas vertentes, principalmente, a nível temático, como se pode ver pela tarefa realizada, com as turmas-alvo, na composição da *fig. 3.16*:

Figura: 3. 16 Tarefa - uso das TIC na interdisciplinaridade (Geografia / LP)



Várias outras tarefas, exercícios, atividades foram realizadas no âmbito do projeto, para além da partilha de informações, criação de eventos, entre outros. Todos foram desafios superados com aprendizagem de ambas as partes. As figuras abaixo exemplificam alguns dos factos, anteriormente, mencionados:

TAREFAS

Figura: 3. 17 Tarefa – produção de textos jornalísticos

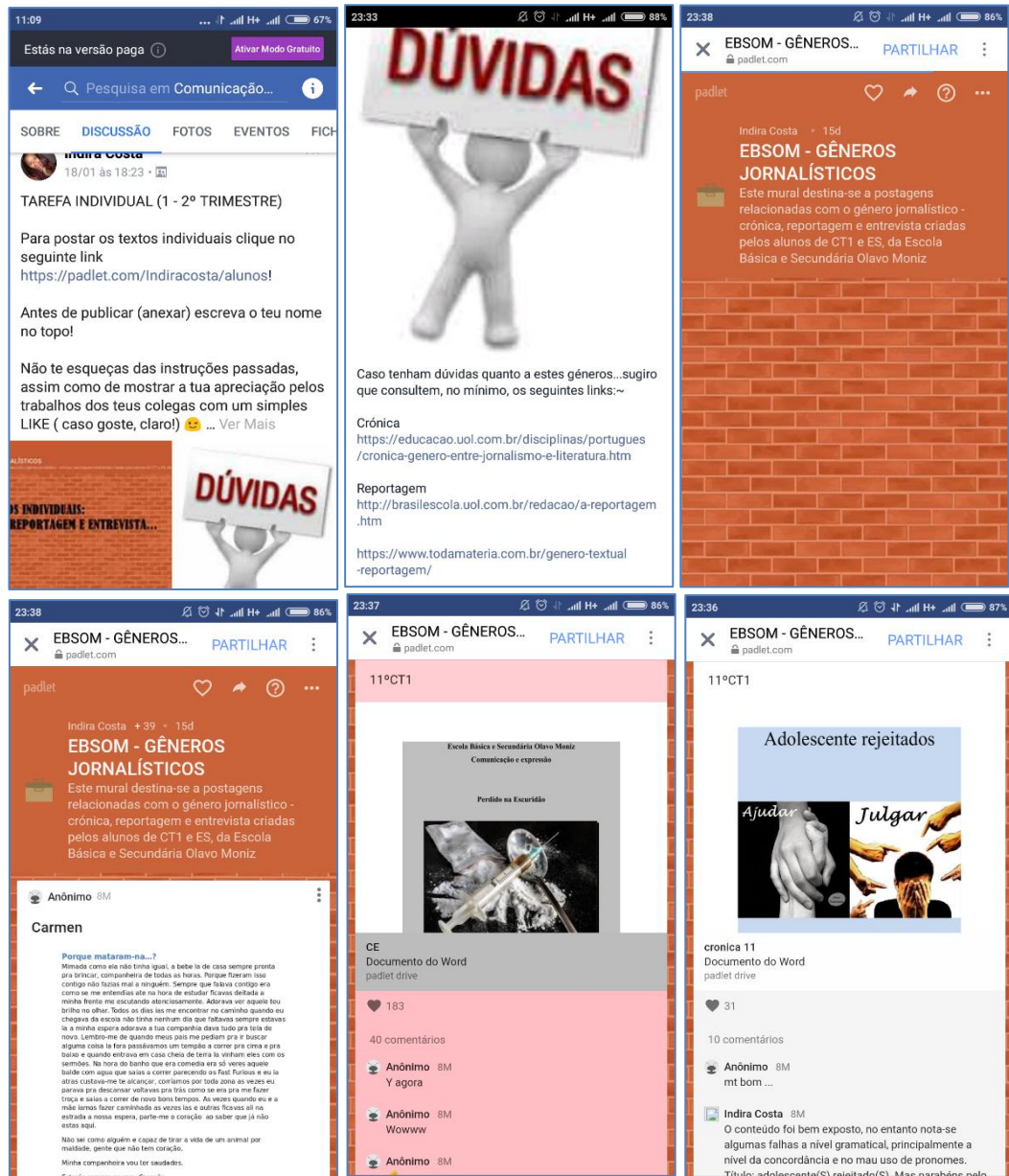


Figura. 3. 18 Tarefa – Produção de textos utilitários

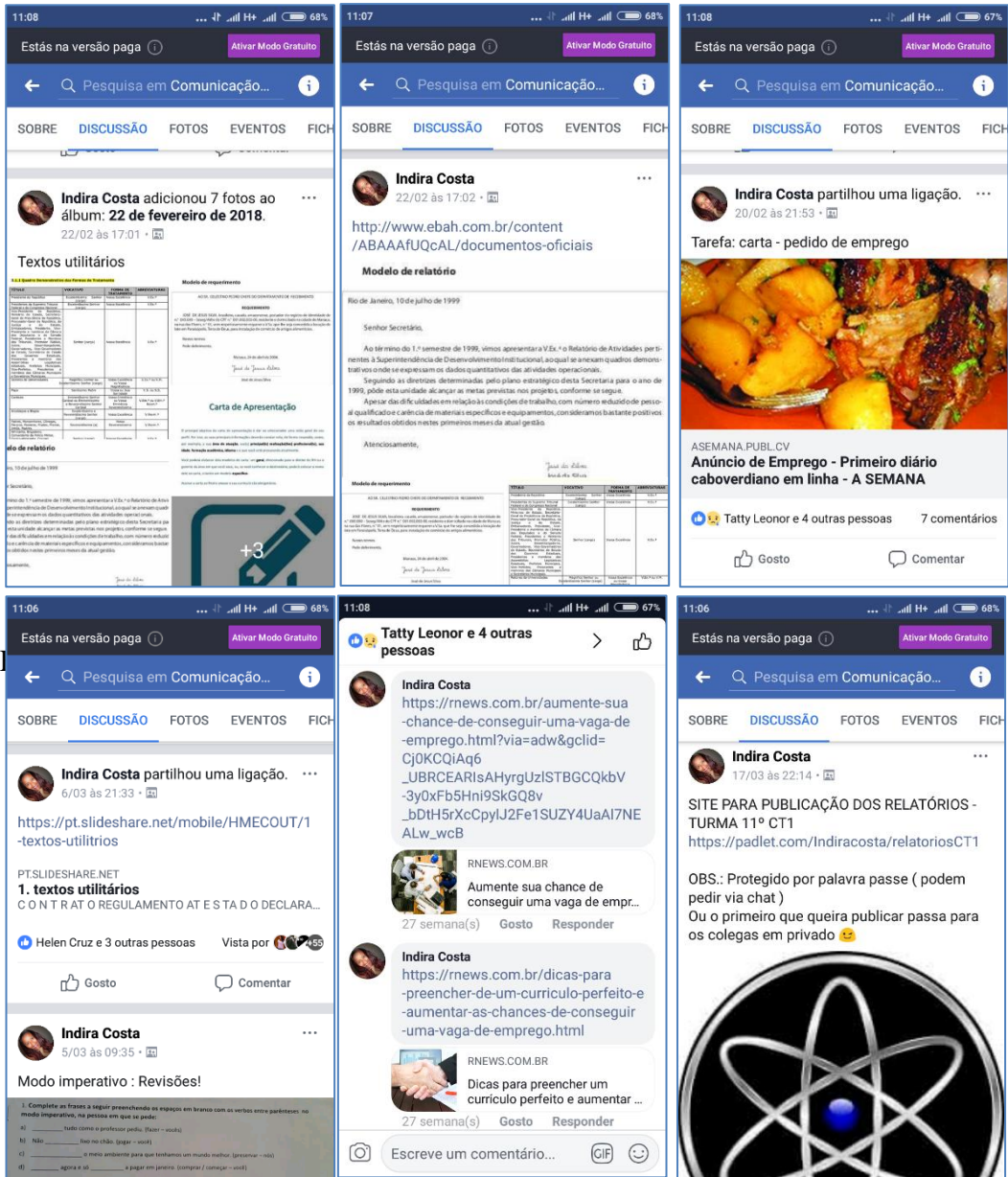


Figura. 3. 19 Tarefa – Análise da obra “Chiquinho” de Baltasar Lopes

The figure consists of six screenshots from a WhatsApp group chat, arranged in two rows of three. The top row shows the initial challenge and the first four replies. The bottom row shows a reply, a shared document, and a post about the group's work.

Top Row, Left Screenshot (11:02): A WhatsApp message from Indira Costa (2/06 às 06:58) with the text: "DESAFIO: Como é do vosso conhecimento, «Chiquinho» é o personagem principal da obra com o mesmo nome. Assim, compreender o trajeto que ele faz da infância à idade adulta por meio da sua personalidade é de extrema importância. O desafio que vos deixo aqui é que respondam a seguinte questão: QUEM É CHIQUINHO? ... Ver Mais". Below the text is a small image of a person's face with the word "chiquinho" written over it.

Top Row, Middle Screenshot (11:02): A WhatsApp message from Indira Costa (2/06 às 07:08) with the text: "DESAFIO n° 2 - Reconto Conta a estória de Chiquinho, seguindo uma linha de raciocínio em que as imagens estejam contextualizadas. 😊 Compartilha o que sabes com o teus colegas. «Não tenho medo de compartilhar conhecimento... Ver Mais". Below the text are four small images related to the story of Chiquinho.

Top Row, Right Screenshot (11:03): A WhatsApp message from Eilene Estrela (12 semana(s)) with the text: "Chiquinho é uma pessoa que nasce no Calejão". Below it are replies from Alicia Spencer (12 semana(s)), Eloah Abu-Raya (12 semana(s)), and Leidy Ramalho (12 semana(s)).

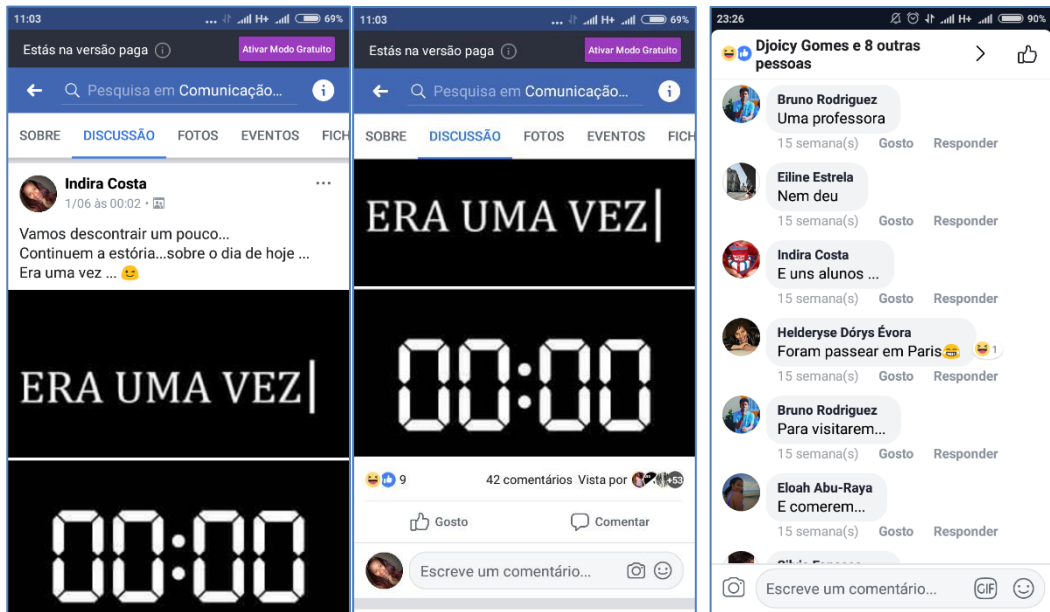
Bottom Row, Left Screenshot (11:02): A WhatsApp message from Sara Sidiane (12 semana(s)) with the text: "As imagens retratam crianças brincando em São Nicolau, mostrando a infância rural de chiquinho, naquele tempo em que as crianças brincavam com outras crianças e não com a tecnologia. A imagem do cais do Porto Grande mostra a imigração de pessoas saonicolenses o que inclui chiquinho para são Vicente, onde ele conhece Nuninha, por isso a imagem com o casal apaixonado. As pessoas no jornal retratam... Ver Mais".

Bottom Row, Middle Screenshot (10:33): A screenshot of a Google Drive document titled "Análise 'CHIQUINHO'. TRABALHO DOS ALUNOS - Google Drive". The document contains a table with columns for "NOME" and "Tarefa de". The table lists names and their corresponding tasks.

NOME	Tarefa de
TEREZA	I. Análise 2. Localização (com base em mapas e imagens) 3. Apresentação das personagens Vellozo, Lúcia, Nuninha 4. Relação entre as personagens pai 5. Suposições
CLEONIA	II. 1. Análise 2. Análise da paisagem 3. Caracterização do pai (pai) 4. Análise da paisagem 5. Análise da paisagem
CARMEN	III. 1. Análise da paisagem 2. Descrição do ambiente
DANIELA	IV. 1. Análise da paisagem 2. Descrição do ambiente 3. Análise da paisagem
EREGÁRIA	V. 1. Análise da paisagem 2. Descrição do ambiente 3. Análise da paisagem 4. Análise da paisagem 5. Análise da paisagem

Bottom Row, Right Screenshot (11:02): A WhatsApp post from Indira Costa (10/06 às 23:05) with the text: "Feedback: de modo geral, a maioria desenvolveu os tópicos individuais com esmero e precisão. Lembraram-se de exemplificar e quem argumentou está de parabéns. Muitos já dominam o Padlet!!! Boaaaa!! No entanto, notou-se a falta de conhecimento em relação ao uso de citações e organização bibliográfica. Muitos erros de concordância. Mau uso dos clíticos. Poucas conclusões personalizadas, mas as que têm são ótimas. Ainda assim, os resultados a nível do conteúdo são bons! Hoje começamos a parte oral, acredito que será, no mínimo, uma partilha animada! 😊". Below the text is a link to a Google Drive document titled "Análise 'CHIQUINHO'. TRABALHO DOS ALUNOS - Google Drive".

Figura: 3. 20 Tarefa – escrita criativa



ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

Figura: 3. 21 Atividade extracurricular – Divulgação da tarde cultural “Jorge Barbosa”

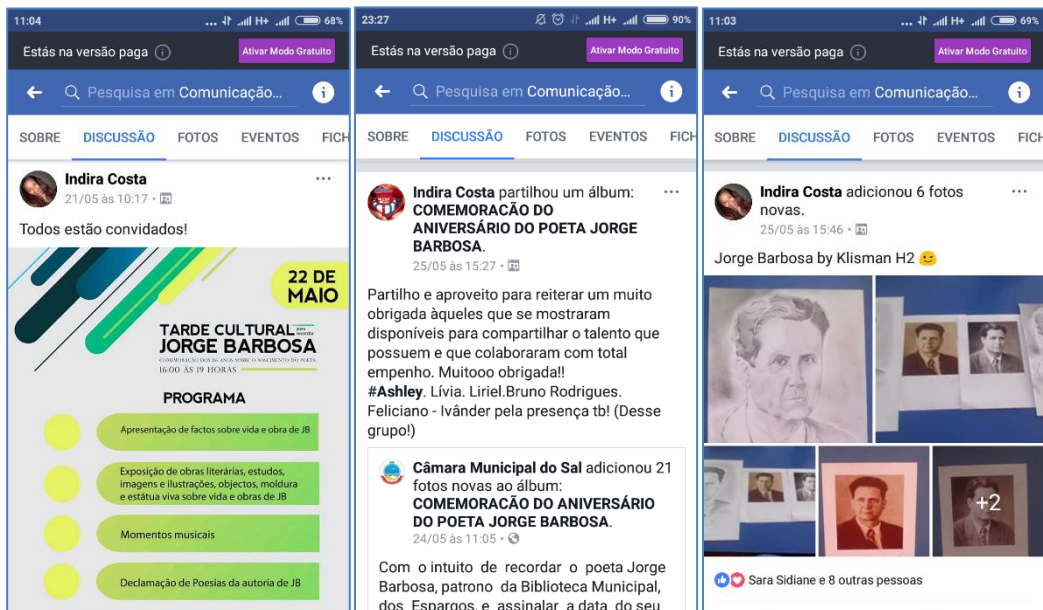
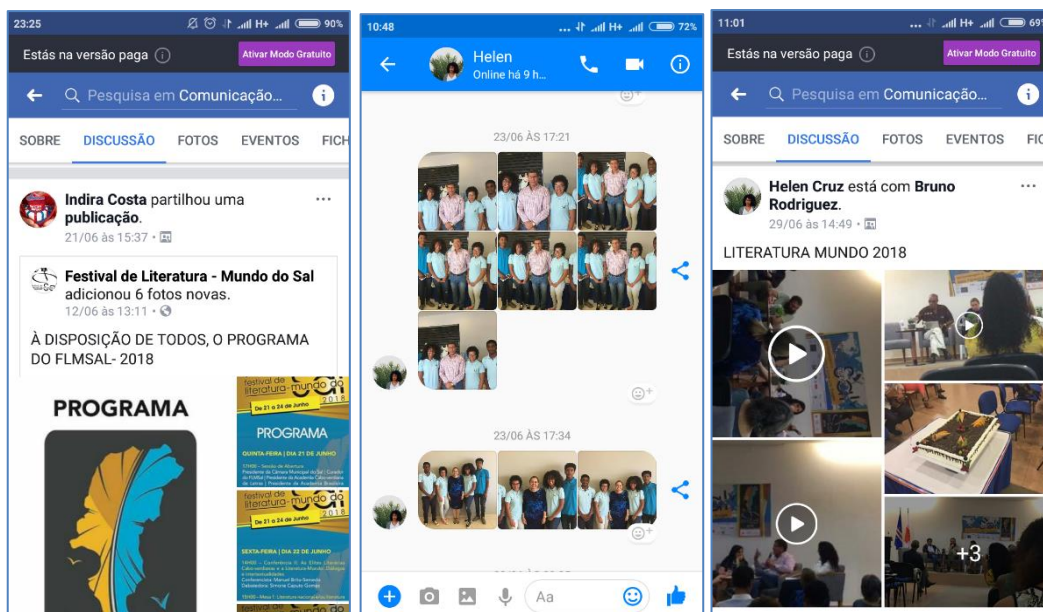
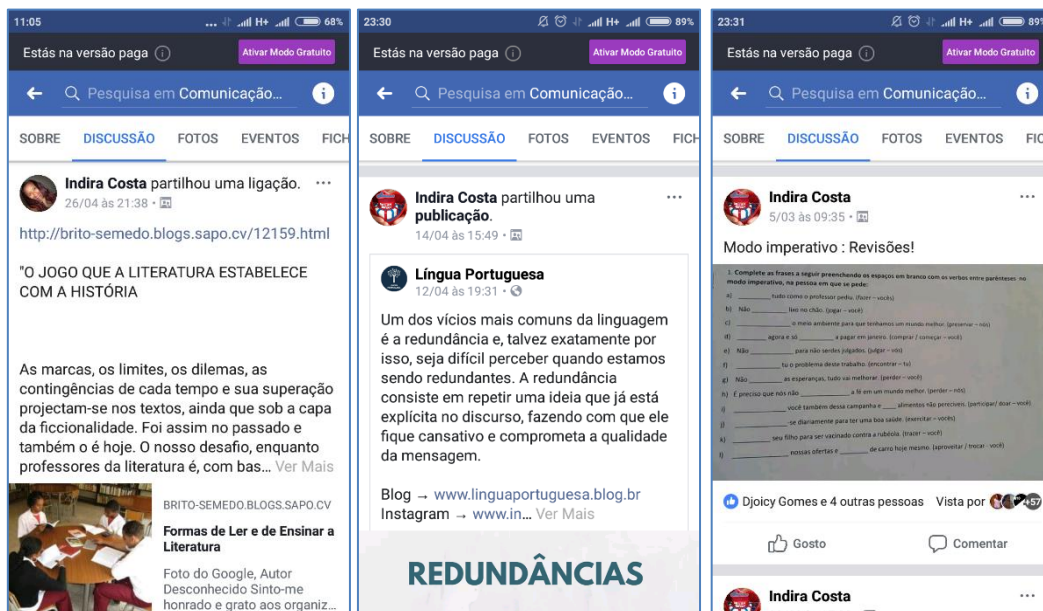


Figura: 3. 22 – Atividade extracurricular. Divulgação de fotos e vídeos (Literatura Mundo: Sal 2018)



INFORMAÇÕES / EXERCÍCIOS GRAMATICAIS

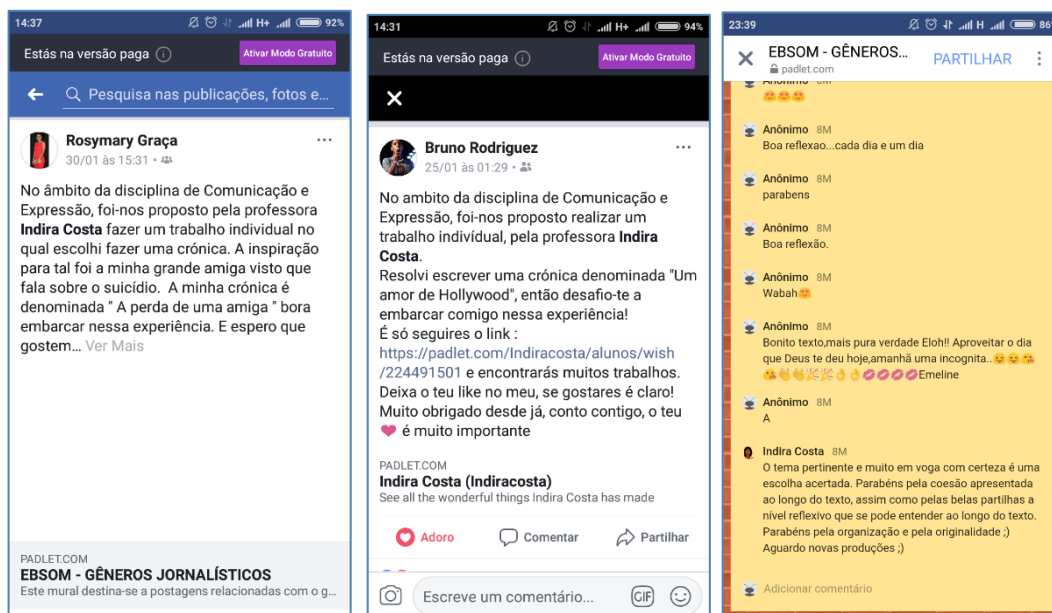
Figura: 3. 23 – Divulgação de Informações / Exercícios



No meio de todo o processo sem dúvida que o que maior sucesso fez foi o conteúdo: género jornalístico (*entrevista, crónica, reportagem* ...), principalmente, na turma de Ciências e Tecnologia 1. A maioria dos alunos, no início apresentaram dificuldades na

escrita da crónica, posteriormente, este foi escolhido pela maioria. Isso deve-se a liberdade que lhes foi concedida de criarem o próprio texto, com o género onde se sentiam mais confiantes, e principalmente, de tema livre. Não há dúvidas de que a liberdade temática lhes traz uma motivação, entusiasmo e inspiração para pesquisar e criar diferente, tanto que os temas após leitura e avaliação dos mesmos, são atuais e centrados na vivência de cada um. Foram retratados temas como: *futebol, gravidez precoce, o papel da mulher, o valor da vida, adolescência hoje, o suicídio, a dependência química, as tecnologias*, entre outros. Houve inclusive campanhas, que designo como *marketing educacional individual*, para que todos lessem um trabalho, até porque o público pôde ler, comentar e avaliar (foi ativado a opção de dar *likes* nos trabalhos).

Figura: 3. 24 Marketing educacional individual – Likes como item de avaliação pública



O que nos leva a entender que, se nas salas de aula há um certo estigma, uma certa timidez em ler ou expor trabalhos, com o nosso projeto, quando é exposto para todos que tenham acesso ao *link*, as coisas se invertem. Todos ficam afoitos e desejosos para que haja *feedback*, de encontrar comentários. Há uma vontade crescente de leitura na sala de aula, o que muitas vezes tem sido difícil em alunos dessa camada etária.

As estratégias desenvolvidas nesse estudo dão-nos abertura para refletir sobre esse ponto de vista de inserção das tecnologias em sala de aula e os efeitos para os envolvidos no processo.

Todas as ferramentas utilizadas para a concretização dos planos de atividade desempenharam um papel crucial e determinante, mas sempre houve interação entre as mesmas. Um espaço que em larga escala é consumida com base em entretenimento, *Facebook*, torna-se sob o projeto uma autêntica sala de aula, com as características que lhe é inerente. É certo que a *internet* funcionou como o recurso tecnológico primordial. Foi notório que: o *Facebook* *facilitou a interação entre os alunos de modo muito produtivo*. Já era de se esperar que a facilidade de uso dessa ferramenta pelos mesmos iria contribuir para esta ação.

Apesar de ser uma forma diferenciada de agir e de pensar, essa postura educacional torna os discentes mais capazes, mais críticos e quiçá mais engajados nas causas sociais, uma vez que adquire uma capacidade inovadora que estimula a sua competência nessas áreas.

No que diz respeito ao retorno, pode-se afirmar que todos foram utilizados numa medida considerada boa, uma vez que a maioria soube usar as diversas ferramentas nos momentos pretendidos de modo diferenciado. O elemento considerado “*estranho*”, o *Padlet*, que na totalidade dos alunos era novidade, passa a ser objeto de uso frequente, inclusive com interesse demonstrado por outros professores em utilizar esta mesma ferramenta nas suas abordagens pedagógicas.

A participação dos alunos foi mais intensa com trabalhos individuais, com liberdade de entrega no dispositivo de mais fácil manuseamento. Por um lado, enviam via *e-mail*, por outro querem ver o trabalho publicado, inclusivamente muitos partilharam os seus trabalhos no *Padlet* sem que lhes fosse um imperativo.

Foi observado então, a partir dessa pesquisa, que a atividade desenvolvida no *Facebook*, para esse grupo de alunos, ofereceu atrativos o suficiente para colaborar com a aprendizagem significativa que era esperada. Alguns discentes não souberam usufruir construtivamente dessa ação. Mas a maioria mostrou satisfação em poder fazer uso do *Facebook*, o que trouxe contribuições na aquisição de conhecimentos.

Se por um lado os alunos, com menos literacia digital apresentaram dificuldades na realização das tarefas, por outro com o desenrolar do processo a cada meta alcançada pelos mesmos houve um ganho. Aprendem novas funcionalidades dos próprios equipamentos e

superam as próprias barreiras. Assim como para a docente que a cada dificuldade soube dar resposta uma vez que representaram sempre mais um desafio a ser superado na tarefa seguinte.

Conclui-se então, esse trabalho, com uma reflexão sobre a utilização das TIC. Nota-se que nem sempre o que é novo para ser trabalhado significa sucesso e retorno satisfatório. As atividades desenvolvidas devem ser minuciosamente preparadas, no entanto haverá sempre uma de maior preferência de acordo com o grau de dificuldade de manuseamento. Aproveitar a *Internet* é saber conjuga-la com os preceitos do professor. Nunca o ensino pode ser centrado apenas numa estratégia de ensino. Há que se diversificar sob pena de se tornar monótono e exaustivo. O ideal será intercalar as metodologias inovadoras às que já se tem como “*bem adquirido do ensino tradicionalista*”. Até porque nem todos os alunos têm a mesma facilidade e vontade na aquisição de todas as configurações possíveis de uma ferramenta ou recurso ligada às TICs, uns são mais práticos e outros mais teóricos. Não se pode ter como um dado certo de que o uso das TIC é sinónimo de sucesso a 100%, mas sim que as suas ferramentas contribuem para melhorar, dinamizar e sobretudo motivar os discentes no uso das suas competências sob pontos de aprendizagem diferentes, enquadradas no seu dia a dia. Se as ações não forem bem desenvolvidas e planeadas, para atrair a atenção do aluno, essas ferramentas serão apenas mais um estratagema empregue dentre muitos para promover, hipoteticamente, um ensino de qualidade.



Fonte: G1 > Tecnologia – NOTÍCIAS

CONCLUSÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As TICs representam um veículo promotor e dinamizador do ensino do português L2, uma vez que a diversidade de ferramentas disponíveis permite aguçar a curiosidade e criatividade dos discentes. O uso dos AVA possibilita sempre novas formas de avaliação, mais dinâmico, construtivo, cooperativo e interativo, para além de que permite um maior armazenamento e difusão de materiais e/ou trabalhos dos próprios discentes.

Ao longo do desenvolvimento do projeto apresentado, foram apresentadas atividades desenvolvidas utilizando o *Facebook*, o *Padlet*, o *Simple Site*, o *Voki*, o *Google Drive*, o *Hot Potatoes*, o *Youtube*, o *E-mail* e o *Chat*. Reparou-se a importância dessas para a aprendizagem dos alunos, pontos de vista enumerados por eles e algumas dificuldades encontrados no tempo da pesquisa.

Os jovens estão sempre a procura de algo “novo”, que lhes traga curiosidade e satisfação; e as TICs oferecem a maior parte dos itens que despertam este sentimento e desejo de aprender, com novas aplicações, *posts* curiosos ou uma simples foto numa rede social. Importa esclarecer que cada realidade implica técnicas de adequação e/ou adaptação que estejam contextualizadas com o local de implementação e que o saber do pedagogo está acima de qualquer uso exaustivo dessas ferramentas, afinal importa muito mais o “saber fazer” para transmitir e não, exclusivamente, competências tecnológicas e/ou digitais.

O ensino de hoje tem nas escolas um local de formação que deverá se ligar às zonas de aprendizagem: apresentar, interagir, investigar, criar, colaborar, desenvolver, uma vez que o perfil de saída para a comunidade requer cidadãos aptos a trabalhar no mercado atual, que tem muitos destes conhecimentos como base de atuação ou mesmo de seleção dos próprios candidatos. Essa cultura digital não pode ser ignorada tendo em conta que os planos atuais não permitem que as escolas fiquem alheias a essas transformações para sociedades cada vez mais competitivas.

As TICs nesse contexto de uso das novas ferramentas, em especial a *internet* e os computadores, estão diretamente ligados à educação, comunicação, às diversas formas de estar nas sociedades. Este uso traduz-se numa forma de educação não formal, onde o professor passa a desempenhar o papel de moderador. As novas tecnologias contribuem para o sucesso escolar uma vez que as aulas se tornam mais atraentes, inovadores, lúdicas, dinâmicas, com maior espaço e liberdade. O espírito de cooperativismo, irmandade e independência desperta nos discentes um sentimento de pertença, que lhe dá mais força para

exercer as suas competências de modo autónoma. A interação entre o professor e o aluno transmitem um espírito de camaradagem, solidariedade e afeto diferenciado do distanciamento das salas de aula tradicional. Novas formas de ensino e estratégias podem ser aplicadas de modo inovador o que permite um melhor aperfeiçoamento nas novas metodologias, ou seja, a qualidade de ensino ganha um novo requinte. Com a evolução da cultura digital há um aguçar de curiosidade dos alunos para as novas descobertas o que contribui na construção de novas competências, que ajuda na diminuição de reprovações e abandono escolar. A atenção distinguida às capacidades práticas do aluno desperta interesse para uma maior produtividade e estímulo, já que o espaço de aula virtual e horário tem um alargamento extra e flexível.

Como se sabe não se pode impor ao Ministério de Educação que mude as suas práticas recentes e que comece a disponibilizar os mesmos meios, instrumentos e ferramentas a todas às instituições escolares. Dotar as escolas com novos equipamentos é importante, mas a qualidade do ensino centra-se, também no primor pedagógico inclusive com o uso das novas tecnologias de modo a garantir-se um sucesso dessa vertente metodológica.

O docente pode ter uma base necessária que lhe confira habilidades que lhe permitam renovar a sua prática pedagógica. Ter a capacidade de desenvolver novos sistemas, abordagens criativas e produtivas, por exemplo através de uma rede social ou do *chat*.

“Não basta querer fazer, temos que fazer!”. Há sempre a necessidade de estudos constantes sobre essas novas ferramentas de modo a avaliar a sua utilidade e resultados obtidos. Claro está que este assunto deve ser ainda mais investigado. Até porque é a forma de pensar/ atuar dos docentes é que determinam o sucesso da implementação das TIC. É certo que não se pode mudar um professor se as condições oferecidas não se enquadram nos projetos profissionais onde ele participa, mas a mudança particular/ individual do campo de ação e da forma de agir depende do professor.

Não se pode negar a ampliação das possibilidades de ensino e aprendizagem nas várias formas que este processo tem decorrido. Assim, projetos pedagógicos nesse âmbito hoje em dia são praticáveis ainda que nas escolas não haja todas as condições necessárias para a sua viabilidade. O interesse pessoal de cada um é uma alavanca para que tais projetos aconteçam, pois favorecem uma prática de sala de aula atendendo a sociedade em que se vive.

As limitações deste estudo estão ligadas, essencialmente, ao uso do instrumento entrevista, uma vez que nem todos intervenientes estavam de todo disponíveis para responder às perguntas, que até então lhes fora enviado também via *e-mail*. No entanto, essa contribuição foi aproveitada com o que foi possível recolher.

Não sendo um assunto esgotado, haverá ainda mais estudos de caso que comprovem a sua utilidade de modo sistemático. O certo é que as aulas se tornam mais atrativas e sempre há a possibilidade de se dar muito mais do que o tempo de uma aula nos permite transmitir. Para tal basta que o professor não se acomode e siga a evolução social e tecnológica do meio, assim como os alunos, já que a literacia digital pode ser cultivada para ambos. O sistema educativo deve estar preparado pra fazer uso daquilo que os adolescentes já dominam para incentivá-los a praticar a escrita em géneros e suportes diferentes de modo real, demonstrando a prática da competência comunicativa que lhe será inerente. O desenvolvimento da literacia e letramento digital nas escolas garante a participação ativa dos discentes na sociedade.

É também primordial que professores de língua portuguesa, passem a apresentar a língua a seus alunos, trazendo as tarefas para mais próximo da realidade deles de modo a estimular a dinâmica e o desejo de aprendizagem independente.

Este projeto não é apenas o resultado da reflexão sobre o uso das TICs, mas também proporciona uma reflexão sobre o papel do professor em relação à leitura e ao uso dos géneros textuais em suportes informatizados e a utilização das faculdades digitais na sociedade como aliados para o trabalho com a leitura e a escrita nas aulas de Língua Portuguesa.



BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS WEB E BIBLIOGRÁFICAS

- ABUSA’ALEEK** , Atef. (2015). “*Internet Linguistics: A Linguistic Analysis of Electronic Discourse as a New Variety of Language Atef*”. International Journal of English Linguistics; Vol. 5, No. 1; 2015. Canadian Center of Science and Education. Qassim University, KSA. Pp. 135-145. Disponível em www.ccsenet.org/journal/index.php/ijel/article/.../42111/24347 [Acesso em Fevereiro de 2017].
- ALMEIDA FILHO, José.** (2015). “*O português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino*”. Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz . São Paulo, 14 198 EntreLínguas, Araraquara, v.1, n.2, p.195-202, jul./dez. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8435926-O-ensino-de-portugues-como-lingua-nao-materna-concepcoes-e-contextos-de-ensino-jose-carlos-p-almeida-filho-universidade-de-brasilia.html> [Acesso em janeiro de 2017].
- ALMEIDA, Ítalo et alii.** (s/d). “*Tecnologias e educação: o uso do youtube na sala de aula*”. II Congresso Nacional de Educação. Editora realize. Brasil. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA4_ID8097_06092015214629.pdf . [Acesso em Setembro de 2018].
- ALVES, P. et alii.** (2015). “*Cenários e histórias de aprendizagem*”. Iniciativa “Laboratórios de aprendizagem (PT) /*future classroom lab* (EUN)”. Direção Geral de Educação (DGE). República Portuguesa. Disponível em: http://erte.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/Laboratorios_aprendizagem/magazine_la_final.pdf [Acesso em Agosto de 2018].
- ALVES, SÓNIA.** (s/d) “*A delicadeza linguística em private Chat*”. Pp.:69-97 Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium33/8.pdf> [Acesso em Dezembro de 2017].
- ARAÚJO, Júlio César.** (2004). “*A organização constelar do gênero chat*”. Anais da XX jornada – gelne – João Pessoa-pb. Pp.:1279-1292. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehete/artigos/Chat-Julio-Araujo.pdf> [Acesso em Dezembro de 2017].
- BARBOSA, Maria Fernanda M.** (2012). “*A emergência de novos gêneros textuais na era digital*”. In e-scrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.3,

Número 1 B , Jan. -Abr. Pp.: 148-171. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/261135475_A_emergencia_de_novos_generos_textuais_na_era_digital

[Acesso em: Dezembro de 2016].

BATISTA, João Júnior. COUTINHO, Clara. (s/d). “*O digital e o currículo. A integração do google sites no processo de ensino e aprendizagem: um estudo com alunos em licenciatura de matemática da universidade virtual de Maranhão*”. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9232/1/Joao&Clara.pdf> [Acesso em Setembro de 2018].

BOECHAT, Gláucia; J. Ferreira & L. Costa. (2008). “*Pesquisa Qualitativa: relevância, história, aspectos*”. Disponível em: [http://www.cin.ufpe.br/~gcb/di/Apresentacao_Pesquisa%20Qualitativa%20\(cap%201%202%203\).pdf](http://www.cin.ufpe.br/~gcb/di/Apresentacao_Pesquisa%20Qualitativa%20(cap%201%202%203).pdf) [Acesso em Abril de 2017]

CARMO, H e Ferreira, M. M (2008). “*Metodologia de investigação: Guia para autoaprendizagem*”. 2ª ed. Lisboa: Universidade Aberta.

CASTRO, Rui Vieira. SOUSA, Maria de Lourdes.(1998) “*Linguística e Educação*”. Edições Colibri. Lisboa.

CHOMSKY, N. (1981). “*Regras e representações: a inteligência humana e seu produto*”. Rio de Janeiro. Zahar, Pp.18-19, 46.

DR/ JMV. (2017)“*NOSi promete implementar o SIGE em todas as Escolas Secundárias públicas até ao final do ano lectivo 2017/2018*”. Disponível em <https://www.nosi.cv/index.php/pt/noticias/item/278-nosi-promete-implementar-o-sistema-integrado-de-gestao-escolar-ate-ao-final-do-ano-lectivo-2017-2018-inforpress> . [Acesso em Agosto de 2018].

DUARTE, Dulce Almada. (1998). “*Bilinguismo ou Diglossia?*” Spleen Edições. Mindelo.

FRANCO, Cláudio. (2010). “*A tecnologia no ensino de línguas: do século XVI ao XXI*”. in Letra Magna. Portugal: 2010, Pp.4-11.

G1>TECNOLOGIAS. (imagem). *Notícias.* Disponível em:

<https://www.google.cv/search?q=ESCREVENDO+NO+COMPUTADOR&tbs=itp:photo&tbm=isch&source=Int&sa=X&ved=0ahUKEwjPxOe7vMfdAhVsIsAKHTaKCZIQpwUIGw&biw=1366&bih=613&dpr=1#imgrc=e0IQsd0Z4B5X9M>

[Acesso em Setembro de 2018]:

GALISSON, R., COSTE, D. (1983). “*Dicionário de Didáctica das Línguas.*” Coimbra. Livraria Almedina, p. 443.

GOMES, A., CAVACAS, F., LEITÃO, I. et alii. (1991). *Guia do professor de Língua Portuguesa: vol I, 2º- Nível.* Lisboa. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Pp.172

GREBENNIKOVA Krasautsava Irina. (2008). “*L’interaction médiatisée à travers le chat comme dispositif sociotechnique*”, *Les Enjeux de l’information et de la communication*, 1/2008 (Volume 2008), p. 20-30. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-enjeux-de-l-information-et-de-la-communication-2008-1-page-20.htm> [Acesso em: Fevereiro de 2017].

In Inforpress. Cabo Verde. Disponível em: [https://www.nosi.cv/index.php/pt/noticias/item/278-nosi-promete-
implementar-o-sistema-integrado-de-gestao-escolar-ate-ao-final-do-ano-lectivo-2017-2018-inforpress](https://www.nosi.cv/index.php/pt/noticias/item/278-nosi-promete-implementar-o-sistema-integrado-de-gestao-escolar-ate-ao-final-do-ano-lectivo-2017-2018-inforpress) [Acesso em Setembro de 2018]

JUNQUEIRA, Eduardo S. (2010). “*O uso do chat em EaD: uma proposta metodológica*”. Disponível em [https://www.google.cv/search?q=JUNQUEIRA%2C+Eduardo+S.+\(2010\).+O+uso+do+chat+em+EaD%3A+uma+proposta+metodol%C3%B3gica&oq=JUNQUEIRA%2C+Eduardo+S.+\(2010\).+O+uso+do+chat+em+EaD%3A+uma+proposta+metodol%C3%B3gica&aqs=chrome..69i57.373660j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.cv/search?q=JUNQUEIRA%2C+Eduardo+S.+(2010).+O+uso+do+chat+em+EaD%3A+uma+proposta+metodol%C3%B3gica&oq=JUNQUEIRA%2C+Eduardo+S.+(2010).+O+uso+do+chat+em+EaD%3A+uma+proposta+metodol%C3%B3gica&aqs=chrome..69i57.373660j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8). eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/download/144/44 [Acesso em Agosto 2018].

LAÍS, Cláudia. (2014). “*O uso dos gêneros digitais na sala de aula*”. In I Simpósio regional de Educação/ Comunicação. Anais eletrônicos. Disponível em: http://geces.com.br/simposio/anais/wp-content/uploads/2014/04/GENEROS_DIGITAIS.pdf. [Acesso em Agosto de 2018].

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.).(2004). “*Hipertexto e gêneros digitais*”. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. Disponível em: forma.ifg.edu.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download... [Acesso em: Dezembro de 2016].

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1988). *Portaria nº 4/1988 de 4 de Outubro.* Cria a Escola Secundária Olavo Moniz. Ministério da Educação, 4 de outubro, Cabo Verde;

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. “Lei nº- 103/ III/ 90”. (1990 I Série 29 de Dezembro).

Estabelece as Bases do Sistema Educativo. *In* Boletim Oficial da República de Cabo Verde. Disponível em:

http://www.minedu.gov.cv/index.php?option=com_jdownloads&view=summary&id=290:lei-de-bases-do-sistema-educativo&catid=3&Itemid=538 [Acesso em Setembro 2018]

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. (2009).. Órgão de gestão do Programa *Mundu Novu*

(apoio NOSi). “*Plano de Comunicação. Programa Mundu Novu. As tecnologias de Informação e Comunicação ao Serviço do Ensino em Cabo Verde*”. Disponível em:

<http://www.mundunovu.gov.cv/index.php/docs/doc-pmn/6-mundu-novu-plano-de-comunicacao/file>. [Acesso em Janeiro de 2017].

MIRANDA, Guilhermina Lobato. (2007). “*Limites e possibilidades das TIC na*

educação”. *In* sísifo / revista de ciências da educação. Lisboa: Pp. 41-50. Disponível

em: <http://ticsprojea.pbworks.com/f/limites+e+possibilidades.pdf> [Acesso em Janeiro de 2017].

MOURA, Adelina (Org.). (2011). “*Projectos de Aprendizagem com a Web 2.0*”.

Lisboa: Camões. -Instituto da Língua e da Cultura. Disponível em: [http://www.cm-](http://www.cm-sjm.pt/files/19/19515.pdf)

[sjm.pt/files/19/19515.pdf](http://www.cm-sjm.pt/files/19/19515.pdf) [Acesso em Janeiro de 2017].

MOURA, Adelina. CARVALHO, Ana. (2007). “*Das tecnologias com fios ao wireless:*

implicações no trabalho escolar individual e colaborativo em pares”. EPB/ UM:.

Portugal: p.2. Disponível em:

<http://repositorio.uportu.pt:8080/bitstream/11328/475/2/DAS%20TECNOLOGIAS%20COM%20FIOS.2007.pdf>

[Acesso em Agosto de 2018].

OLIVEIRA, A., BOTELHO, A., LAMAS, E. et alii. (2000). “*Dicionário de*

Metalinguagens da Didáctica”. Porto Editora. Lda, Porto: Pp.126-128.

OLIVEIRA, Jeane Cristina de, CASSOL, Marlei Pereira, MARTINS, Janae Gonçalves,

(2005). “*Chat – um recurso educativo para auxiliar na avaliação de aprendizagem baseada na Web*”. Métodos e Tecnologias Educação Universitária,

Relatório de Pesquisa, 176-TC-C3. Disponível em:

<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/176tcc3.pdf>. [Acesso em Agosto de 2018].

- SALES, Flávia. BATISTA, Maria.** “*Aplicação do hotpotatoes 6 como ferramenta de ensino/aprendizagem no ensino de educação ambiental*”. II Congresso de Educação. Editora realize. Brasil. P. 5-6. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA10_ID566_08072015110147.pdf [Acesso em Setembro 2018].
- SALGUEIRO, M^a da Graça.** (2013). “*Um olhar sobre as TIC no ensino do Português: concepções e práticas docentes no Concelho de Almada*”. Universidade de Lisboa: Lisboa. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10275/1/ulfpie046295_tm.pdf [Acesso em Janeiro de 2017].
- SANTOS, Judite. SOUSA, Sílvia.** (2012). Orientado por Norberta Mendonça. *Programa da disciplina de Língua Portuguesa 7^o e 8^o Ano (3^o Ciclo do E. B.)*. Direção Geral do Ensino Básico e Secundário. Praia: p.3.
- SARDINHA, Tânia Fonseca da Rocha.** (2011). “*O contexto da tecnologia digital e os gêneros textuais emergentes*”. In Anais do XV congresso nacional de linguística e filologia. (UNIGRANRIO) Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: Pp. 2117-2122. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/176.pdf [Acesso em Dezembro de 2016].
- SCHULZ, Carolina et alii.** (2012). “*O ensino e a aprendizagem de língua espanhola por meio de redes sociais – o relato de uma experiência*”. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/espanhol_artigos/art_schulz.pdf [Acesso em Agosto de 2018].
- SEMEDO, Salvador. ESTEBAN, Prudencia Gutierrez.** (2014). “*O programa Mundu Novu e a brecha digital no Ensino Básico em Cabo Verde. Communication & Social Change*”, 2(1), 58-86.: 10.4471/csc.2014.08. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4471/csc.2014.08> . [Acesso em Agosto de 2018].
- STERN, H.** (1983). “*Fundamental Concepts of language Teaching*,” Oxford: OUP, p.16
- TAVARES, Clara.** (2010). “*Viajar para aprender: implicações e potencialidades das TIC no desenvolvimento da literacia*”. Exedrajournal. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/docs/02/06-ClaraFerraio.pdf> [Acesso em Janeiro 2017].

TEYSSIER, P. (1982). “*História da Língua Portuguesa*”. Lisboa, Sá da Costa Editora. Tradução de Celso Cunha, p.78. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/158086/mod_resource/content/1/TEYSSIER_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf [Acesso em Agosto 2018].

UNESCO (1994). “*Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais*”. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Ministério da Educação e Ciência de Espanha. ED-94/WS/18. Salamanca, Espanha, 7-10 de Junho. Disponível em: http://redeinclusao.pt/media/fl_9.pdf . [Acesso em Agosto de 2018].

XAVIER, M. F., MATEUS, M. H. (1990). “*Dicionário de Termos Linguísticos*”. Lisboa, vol I, Edições Cosmos. Editora Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Portugal: p. 231.

ANEXOS



ANEXO I: Escolas selecionadas para implementação do projeto WEBLAB



42 Escolas Secundárias + 2 Data Center (Teste e Treino)

Concelho	Escola/Instituição
Brava	Escola Secundária Eugénio Tavares
São Filipe	Liceu Dr. Teixeira de Sousa
	Escola Secundária de Curral Grande
Mosteiros	Escola Secundária dos Mosteiros
Santa Catarina	Escola Secundária de Cova Figueira
Maio	Escola Secundária Horace Silver
Boavista	Escola Secundária da Boavista
Sal	Liceu Olavo Moniz
	Complexo Educativo Manuel António Martins
S. Nicolau	Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva
	Escola Secundária Pedro Cursino Azevedo
Mindelo	Liceu Ludgero Lima
	Escola Industrial e Comercial do Mindelo
	Escola Secundária Jorge Barbosa
	Cadeia Civil
Ribeira Grande	Escola Secundária Suzete Delgado
	Escola Secundária de Coculi
Porto Novo	Escola Secundária António Silva Pinto
	Escola Técnica (João Varela)
Paúl	Escola Secundária Januário Leite

Concelho	Escola/Instituição
Praia	Cadeia Civil da Praia
	Data Center (Teste e treino)
	ES Calabaceira - Regina Silva
	ES Cônego Jacinto
	Liceu Domingos Ramos
	ES Cesaltina Ramos
	Escola Secundária Abílio Duarte
	ES Constantino Semedo
	ES Palmarejo
	Escola Secundária de Achada Grande
	ES - Manuel Lopes
Ribeira Grande	Escola Secundária de Salineiro
São Domingos	Escola Secundária Fulgêncio Tavares
	Aldeia SOS
Santa Catarina	Liceu Amílcar Cabral
	Escola Secundária Armando Napoleão Fernandes
	Escola Técnica Grão Duque Henri
São Salvador do Mundo	Escola Secundária Carlos Alberto Gonçalves
Santa Cruz	Escola Secundária de Alfredo da Cruz Silva
S. Lourenço dos Órgãos	Escola Secundária Luciano Garcia
São Miguel	Escola Secundária de São Miguel
	Escola Secundária de Achada Monte (Olegário Tavares)
Tarfal	Escola Secundária do Tarfal
	Escola Secundária de Chão Bom



ANEXO II: Caracterização do espaço – EBSOM

**Condições físicas do
estabelecimento**

Condições físicas do estabelecimento	Conservação dos espaços			Conservação dos Equipamentos		
	Bom	Razoável	Mau	Bom	Razoável	Mau
Anfiteatros						
Armazém/Dispensa						
Biblioteca		X			X	
Cantina						
Clube de Línguas		X			X	
Clube de Matemática						
Clube Ecológico						
Cozinha						
Direção/Gestão		X			X	
Ginásio						
Laboratório		X			X	
Laboratório Informático						
Muro de vedação						
Oficinas						
Papelaria		x				
Pátio da Escola		x				
Pavilhão						
Placa Desportiva		X			X	
Rampa de Acesso						
Refeitório						
Reprografia		X			X	
Sala de Associação de alunos						
Sala de Informática		X			X	
Sala de Música	X			X		
Sala de Professores		X			X	
Sala Multimédia		X				X
Sanitários						
Secretaria		X			X	
Outros espaços						

Materiais escolares

Tipo de Material	Equipamentos	Total	Estado de Conservação		
			Bom	Razoável	Mau
Material Didático	Jogos				
	Livros				
	Brinquedos				
	Cassetes-vídeo				
	Instrumentos Musicais	80	80		
	Corpo Humano	1			1
	Mapas	3			3

	Material Laboratório			
	Globos	1		
	Outro			
Material Tecnológico	Computadores			
	Gota d'Água / portáteis	2		
	Uso do Aluno	15		
	Uso Administrativo	9		
	Televisão	2		
	Impressora	2		
	Fotocopiadora	3		
	Data Show			
	Scanner	1		
	Leitor de DVD			
	Retroprojektor	2		
	Maq. Fotográfica	4		
	Rádio	1		
	Gravador CD/DVD			
	Aparelo de Som	2		
	Aparelho Ar Condicionado			
	Ventilador			
	Tela	1		
	Colunas	4		
	Outros			

Tipo de Material	Equipamentos	Total	Estado de Conservação		
			Bom	Razoável	Mau
Materiais Desportivos	Bolas de Futebol	20	20		
	Bolas Basketball	5	5		
	Bolas de Andebol	20	20		
	Bolas de Volleyball	20	20		
	Cochões	10	10		
	Balizas	0			
	Tapetes	0			
	Trampolim	1	1		
	Cestos (basket)	0			
	Arcos	0			
	Cordas	0			
	Andas	0			
	Raquetes	30	30		
	Circuitos	0			
	Outro	0			



Mobiliários	Mesas				
	Cadeiras	0			
	Secretárias	0			
	Quadros	0			
	<i>Preto</i>	28		28	
	<i>Branco</i>	28	28		
	<i>Digital</i>	0			
	<i>Interactivo</i>	0			
	Armários	17		17	
	Estantes	5		5	
	Outros	0			
		0			
		0			
Utensílios de Cozinha	<i>Fogão</i>	0			
	<i>Frigorífico</i>	0			
	<i>Micro-ondas</i>	0			
	<i>Pratos</i>	0			
	<i>Copos</i>	0			
	<i>Talheres</i>	0			
	Outros	0			
		0			
		0			

Fonte: disponibilizado pela Direção da EBSOM



**ANEXO III: Questionário 1 (professores) – utilização de tecnologias de
informação e comunicação (TIC)**

As TICs e o ensino do Português

Caro(a) professor(a) de Português:

Este questionário visa recolher alguns dados para um trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa – Investigação e Ensino, UAB, especialidade “*As TICs e o ensino do Português*”. A recolha é feita com base nas informações sobre recursos tecnológicos (computador, *Internet*, ...) no processo de ensino e aprendizagem de Português nos diversos níveis de ensino e a realidade dos professores de Português da ESOM-Sal.

1. Nome (opcional):

2. Sexo:

- Masculino
 Feminino

3. Tempo de serviço no Ministério de Educação:

4. Nível de ensino que atua:

- Básico
 Secundário
 Técnico
 Superior
 Outro. Qual?

5. Formação (curso de licenciatura concluído ou em curso):

6. Pós-graduação (curso concluído ou em curso e área de concentração do mais alto):

- Especialização
 Mestrado

7. Com que frequência você utiliza o computador no seu dia a dia em casa?

- sempre
 às vezes
 nunca

8. Se respondeu sim na questão 7 assinale os recursos que mais utiliza em casa.

- Editor de texto (Word,...)
 Redes sociais (Facebook, Instagram, ...)
 Software de edição de imagens
 Software educacional
 Software de apresentação
 Software de navegação na Internet
 E-mail
 Outro(s). Qual/ Quais?

9. Com que frequência utiliza o computador para preparar as aulas?

- sempre
 às vezes
 nunca

10. Acredita que possui conhecimentos suficientes para utilizar o computador, dentro e fora da escola?

- sim
- não

11. Usa a Internet para preparar aulas e materiais de ensino?

- sim
- não

12. Que tipo de material didático você prepara usando o computador?

- Transcrição de textos
- Folha de exercícios
- Avaliações
- Outro(s).

Qual?/Quais? _____

13. Tem formação específica na área de utilização de computadores?

- sim
- não

14. Você considera que seu domínio no uso de computadores seja:

- Fraco
- Normal/ na Média
- Bom
- Muito Bom
- Excelente

15. Você recorre às novas tecnologias para ministrar as suas aulas?

- sim
- não

16. Se respondeu sim na questão 15, assinale os recursos que mais utiliza nas suas aulas.

- Softwares Educacionais
- Internet
- Outro(s).

Qual / Quais? _____

17. Você utiliza algum software educacional nas suas aulas?

- sim
- não

Se sim, qual / quais?

18. Quais recursos tecnológicos você pode usar em sua sala de aula?

- Televisão
- Projetor
- Colunas
- Nenhum
- Outro(s).

Qual / Quais?

19. Quais recursos computacionais poderiam ser utilizados para trabalhar os conteúdos com seus alunos?

- Editor de texto
- Software de apresentação
- Software de edição de imagens
- Software educacional
- Software de navegação na Internet
- Outro(s).

Qual / Quais?



20. Assinale as opções que lhe ajudariam na utilização do computador em sala de aula.

- Cursos fornecidos para professores
- Laboratórios de Informática em funcionamento na instituição
- Suporte técnico nos laboratórios
- Tempo para preparar as aulas
- Outro(s).

Qual / Quais?

21. Acha que ministrar aulas usando recursos computacionais exige um tempo maior de preparação?

- sim
- não

22. Quais vantagens você vê no uso pedagógico dos recursos computacionais para suas aulas?

- Desenvolve competências informáticas
- Aumenta a rapidez de construção do conhecimento
- Possibilidade de uso de ferramentas lúdicas
- Aumenta a interação professor-aluno e vice-versa
- Aumenta a motivação
- Outro(s).

Qual / Quais?

23. Quais fatores contribuem para o pouco uso do computador pelos professores?

- Turmas grandes
- Necessidade do cumprimento do programa
- Alunos indisciplinados
- Condições ruins do laboratório
- Não existência dos mesmos
- Falta de suporte técnico
- Falta de incentivo da Direção da escola
- Insegurança pela falta de prática.
- Outro(s).

Qual / Quais?

24. Você sabe o que é um AVA?

- Sim
- não

25. Você usa um AVA nas suas disciplinas com os alunos?

- Sim
- não

26. Quais características você acha importante para se fazer uso de um AVA?

- Facilidade de utilização
- Facilidade de compreensão das opções
- Interface amigável
- Fácil navegação
- Outros. Quais?

**ANEXO IV: Questionário 2 (alunos) – utilização de tecnologias de informação
e comunicação (TIC)**

As TICs e o ensino do Português

INTRODUÇÃO

Este questionário é **totalmente anónimo** e visa recolher alguns dados para um trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa – Investigação e Ensino, UAB, especialidade “*As TICs e o ensino do Português*”. A recolha é feita com base nas informações sobre a utilização dessas ferramentas e a *Internet* na realização das aulas de Português (Comunicação & Expressão), na ESOM- Sal.

IDENTIFICAÇÃO

1. Género – Qual é o teu sexo?

- Feminino
 Masculino

2. Idade – Em que ano nasceste?

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1997 | <input type="checkbox"/> 2001 |
| <input type="checkbox"/> 1998 | <input type="checkbox"/> 2002 |
| <input type="checkbox"/> 1999 | <input type="checkbox"/> 2003 |
| <input type="checkbox"/> 2000 | <input type="checkbox"/> 2004 |

- Outro. Especificar: _____

ESCOLA/ PROFESSORES – DISCIPLINA ESPECÍFICA

3. Qual é o teu nível de satisfação com

	<u>Muito satisfeito</u>	<u>Satisfeito</u>	<u>Nem satisfeito Nem insatisfeito</u>	<u>Pouco satisfeito</u>	<u>Insatisfeito</u>
a) A organização da sala (disposição das mesas e cadeiras)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Os equipamentos da sala (mesas, cadeiras, quadros, ...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) A tua relação com os teus colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) A tua relação com todos professores de português até ao momento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Disciplina de comunicação & Expressão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Relação com a atual professora de Comunicação & Expressão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

UTILIZAÇÃO DE COMPUTADORES / TELEMÓVEIS

4. Frequência de utilização do computador:

- Utilizador frequente (1 ou mais vezes por dia)
- Utilizador não frequente (menos de 1 vez por dia)

5. Locais onde costuma utilizar o computador:

- Casa
- Escola
- Locais públicos gratuitos (praças, bibliotecas, etc)
- Locais públicos pagos (Ciber, etc)

6. Posse de computador no agregado familiar:

- Possui computador
- Não possui computador

7. Posse de telemóvel:

- Sim. De que tipo? _____
- Não

Obs.: se a tua resposta for “Não”, por favor salta para a pergunta 9.

8. Com que frequência usa internet através do telemóvel?

- Nunca
- Raramente
- As vezes
- Muitas vezes
- Sempre
- Outro. Qual? _____

9. Com que frequência fazes o seguinte?

	<u>Sempre</u>	<u>Muitas vezes</u>	<u>As vezes</u>	<u>Raramente</u>	<u>Nunca</u>
a) Utilizar a internet para atividades de lazer (chat, música, jogos, redes sociais, vídeos, etc)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Ler livros por prazer (não escolares)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Escrever textos diversos (poemas, frases, contos, opiniões) sem imperativo escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Usar o telemóvel para fazer pesquisas sobre conteúdos escolares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Usar computador para fazer pesquisas e trabalhos escolares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

UTILIZAÇÃO DA INTERNET

10. Frequência da utilização da internet

- Utilização frequente (1 ou mais vezes por dia)
- Utilização não frequente (menos de 1 vez por dia)

11. Atividades realizadas através da Internet

- Procura de informação
- Comunicação (E-mail, Skype, Messenger, Viber, WhatsApp, etc.)
- Entretenimento
- Contacto com sites necessários ao estudo
- Outras. Quais? _____

12. Ligação à Internet no agregado familiar

Sim

Não

13. Com que frequência te envolves em aprendizagem mais independente, apoiada pela tecnologia?

Nunca

Raramente

As vezes

Muitas Vezes

Sempre

Outro. Qual? _____

14. Quantos anos tinhas quando ...

	Nunca	Menos de 12	12	13	14	15	16	17	Igual ou superior 18
a) Digitalizou um texto no Word pela primeira vez?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Apresentou um trabalho de grupo em PowerPoint pela primeira vez?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Usou um retroprojektor para apresentar um trabalho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Ingressou no Facebook?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Usou o Messenger pela primeira vez?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Usou o WhatsApp pela primeira vez?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Publicou uma foto numa rede social pela primeira vez?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Escreveu e publicou um post numa rede social pela primeira vez?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Publicou um vídeo no Youtube?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) Publicou um vídeo numa rede social (Facebook, Instagram, Twitter, ...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
k) Usou um grupo de Facebook como extensão da sala de aula?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DURANTE O PRESENTE ANO LETIVO ESTEVE A TUA DISPOSIÇÃO O GRUPO DE COMUNICAÇÃO & EXPRESSÃO criada, especialmente, para este fim...

Assim sendo,

15. Com que frequência acedeste ao grupo Comunicação & Expressão no Facebook?

Nunca

Raramente

As vezes

Muitas Vezes

Sempre

Outro. Qual?

16. Tem dificuldade em aceder ao grupo?

Sim

Não

Obs.: se a tua resposta for “Não”, por favor salta para a pergunta 18.

17. De que tipo?

- Sem acesso a internet
- Não tem computador
- Não tem telemóvel
- Outro. Qual?

18. Quantas vezes pediu esclarecimento à professora para execução de algum dos trabalhos propostos?

- Nunca
- Raramente
- As vezes
- Muitas vezes
- Sempre
- Outro. Qual?

19. Qual foi a língua que usou para se comunicar por escrito com a professora (e-mail, chat,...)?

- Crioulo (Língua materna)
- Português (Língua Segunda)
- Os dois.

20. Como é que avalias o desempenho das turmas em relação ao trabalho de grupo incluído no projeto Mon ne Clima com o uso do Padlet?

- Excelente
- Excedeu as expetativas
- Superior a média
- Normal /na média
- Bem inferior à média
- Fraco

21. Como avalias a experiência de poder partilhar e ler trabalhos dos teus colegas?

- Excelente
- Excedeu as expetativas
- Superior a média
- Normal /na média
- Bem inferior à média
- Fraco

22. Dos trabalhos que teve a oportunidade de fazer a nível individual preferiu:

- Enviar via *e-mail*
- Enviar no chat (*Messenger*)
- Publicar no *Padlet*
- Enviar via *Bluetooth*
- Não fazer
- Outro. Qual?

23. Essa experiência despertou em ti:

- Curiosidade
- Vontade de ler os trabalhos dos colegas
- Preocupação com o desempenho a nível do conteúdo
- Preocupação a nível da escrita
- Preocupação com a opinião dos colegas
- Satisfação com os comentários dos outros (amigos, familiares, colegas, ...)
- Sentimento de partilha
- Espírito de solidariedade/partilha com os que tiveram dificuldades
- Outro(s). Qual? / Quais?

24. Na tua opinião, quais são as capacidades educativas da utilização de ferramentas da Web 2.0 nas aulas de Língua Portuguesa?

- Muda o modo de ensino
- Maior interação com o prof. fora da sala de aula
- Desenvolver competências informáticas
- Uso pedagógico de ferramentas lúdicas
- Aumenta a motivação
- Outro. Qual?

25. Que dificuldades encontrou, até agora, na integração dos planos com o uso das TIC?

Aqui termina o questionário.

*Muito obrigada pela tua
cooperação*

ANEXO V : Tabelas de especificação dos dados para o questionário (1)

Nº2						
Sexo	Feminino	% Fem.	Masculino	% Masc.	Total de professores inquiridos	% TOTAL
Professores	15	88,24%	2	11,76%	17	100,00%

Nº3													
Tempo de serviço ME	1	3	4	5	6	10	16	23	24	27	30	Nr.	Total
Nº de Profis.	1	2	2	2	2	1	1	2	1	1	1	1	17
%	6%	12%	12%	12%	12%	6%	6%	12%	6%	6%	6%	6%	100%

Nº4	
Nível de ensino que atua:	Nº
Básico	10
Secundário	8

Nº5 / Nº6	Nº	%
Formação (curso de licenciatura concluído ou em curso):		
Licenciatura em curso (Português e História)	3	18%
Licenciatura em Estudos Caboverdianos e Portugueses	10	59%
Licenciatura em Pedagogia	1	6%
Licenciatura em Língua Portuguesa	1	6%
Licenciatura: Letras- Português	1	6%
Mestrado em Línguas e relações empresariais	1	6%
TOTAL	17	100%
Sem licenciatura	3	18%
Com licenciatura	13	76%
Mestrado	1	6%
TOTAL	17	100%

Nº7		
Com que frequência utiliza o computador no seu dia a dia em casa	Nº	%
As vezes	15	88%
Nunca	2	12%
TOTAL	17	100%

Nº8		
Recursos que mais utiliza em casa.	Nº	%
Editor de texto (Word...)	16	94%
Redes sociais (Facebook, Instagram, ...)	12	71%
Software de edição de imagens	2	12%
Software educacional	6	35%
Software de apresentação	3	18%
Software de navegação na Internet	12	71%
Email	16	94%
Outro(s). Qual/ Quais?	Excel, ...	

Nº9		
Frequência de uso do computador para preparar as aulas	Nº	%
Sempre	6	35%
As vezes	11	65%
Nunca		0%
TOTAL	17	100%

Nº10		
Acredita que possui conhecimentos suficientes para utilizar o computador, dentro e fora da escola	Nº	%
Sim	13	76%
Não	4	24%
TOTAL	17	100%

Nº11		
Usa a Internet para preparar aulas e materiais de ensino	Nº	%
Sim	16	94%
Não	1	6%
TOTAL	17	100%

Nº12		
Tipo de material didático que prepara usando o computador	Nº	%
Transcrição de textos	9	53%
Folha de exercícios	11	65%
Avaliações	13	76%
Outro(s).	0	0%

Nº13		
Formação específica na área de utilização de computadores	Nº	%
Sim	12	71%
Não	5	29%
TOTAL	17	100%

Nº14		
Considera que o domínio no uso de computadores é:	Nº	%
Fraco	0	0%
Normal/ na Média	7	41%
Bom	6	35%
Muito Bom	2	12%
Excelente	2	12%
TOTAL	17	100%

Nº15		
Recorre às novas tecnologias para ministrar as suas aulas	Nº	%
Sim	12	71%
Não	5	29%
TOTAL	17	100%

Nº16		
Recursos mais utilizados nas aulas.	Nº	%
Softwares Educacionais	6	35%
Internet	10	59%
Outro(s).	0	0%
Nr.	4	24%

Nº17		
Uso de software educacional nas suas aulas	Nº	%
Sim	5	29%
Não	8	47%
Nr	4	24%
TOTAL	17	100%

Nº18		
Recursos tecnológicos que pode usar em sala de aula	Nº	%
Televisão	2	12%
Projector	15	88%
Colunas	9	53%
Nenhum	3	18%
Outro(s).	2	12%
Quais? Tablet, PC		

Nº19		
Recursos computacionais que poderiam ser utilizados para trabalhar os conteúdos com os alunos	Nº	%
Editor de texto	10	59%
Software de apresentação	10	59%
Software de edição de imagens	3	18%
Software educacional	10	59%
Software de navegação na Internet	4	24%
Outro(s).	0	0%
Nr.	1	6%

Nº20		
Opções que ajudariam na utilização do computador em sala de aula.	Nº	%
Cursos fornecidos para professores	10	59%
Laboratórios de Informática em funcionamento na instituição	13	76%
Suporte técnico nos laboratórios	2	12%
Tempo para preparar as aulas	5	29%
Outro(s).	1	6%
Qual / Quais? "PC, Projetor"		

Nº21		
Acha que ministrar aulas usando recursos computacionais exige um tempo maior de preparação?	Nº	%
Sim	12	71%
Não	4	24%
Nr.	1	6%

Nº22		
Vantagens que vê no uso pedagógico dos recursos computacionais para as aulas	Nº	%
Desenvolve competências informáticas	10	59%
Aumenta a rapidez de construção do conhecimento	8	47%
Possibilidade de uso de ferramentas lúdicas	8	47%
Aumenta a interação professor-aluno e vice-versa	7	41%
Aumenta a motivação	12	71%

Nº23		
Fatores que contribuem para o pouco uso do computador pelos professores	Nº	%
Turmas grandes	5	29%
Necessidade do cumprimento do programa	3	18%
Alunos indisciplinados	2	12%
Condições ruins do laboratório	5	29%
Não existência dos mesmos	12	71%
Falta de suporte técnico	10	59%
Falta de incentivo da Direção da escola	3	18%
Insegurança pela falta de prática.	3	18%
Outro(s).	1	6%
Qual? " Os alunos demoram a copiar"		

Nº24		
Sabe o que é um AVA.	Nº	%
Sim	8	47%
Não	9	53%
TOTAL	17	100%

Nº25		
Usa um AVA nas suas disciplinas com os alunos	Nº	%
Sim	4	24%
Não	9	53%
Nr.	4	24%
TOTAL	17	100%

Nº26		
Características que acha importante para se fazer uso de um AVA	Nº	%
Facilidade de utilização	5	29%
Facilidade de compreensão das opções	2	12%
Interface amigável	1	6%
Fácil navegação	3	18%
Outros. Quais?	0	0%
Nr.	9	53%

Nº27		
Ferramentas que acha importante num AVA	Nº	%
Para disponibilizar material didático virtual para os alunos	8	47%
Para disponibilizar links para outros sites na Web	4	24%
Para avaliar o progresso e o desenvolvimento dos alunos	8	47%
Para administrar avaliações, testes e exercícios, mantendo os resultados armazenados	5	29%
Para ajudar os professores a administrarem aulas e notas	4	24%
Ferramentas de portfólios individuais	1	6%
Ferramentas de comunicação como email, blogs, sites, fóruns, etc	4	24%
Nr.	8	47%

Nº28		
Recursos que gostaria de usar com os alunos em uma AVA (ou já usa)	Nº	%
Email	6	35%
FAQ	1	6%
Lista de Discussão	0	0%
Entrega de tarefas	9	53%
Chat	2	12%
Mural	1	6%
Perfil	0	0%
Resultado de avaliações	5	29%
Fórum	4	24%
Portfólio	3	18%
Acompanhamento	2	12%
Nr.	5	29%

Nº 29			
O que pensa sobre a importância do uso destes suportes em seu método de ensino:	Código - Prof.	Nº	%
"O uso destes suportes é muito importante, pois facilita muito o processo ensino/aprendizagem."	1	12	71%
"Penso que é um dos meios benéficos uma vez que desperta mais interesse não só pelo professor, como também para os alunos. É de salientar que já tive resultados satisfatórios com o uso destes suportes."	2		
"Acho que estes suportes seriam muito importantes no processo de ensino aprendizagem, visto que ajudaria muito na transmissão dos conteúdos. O aluno pode ter acesso à matéria em casa e regressar no dia seguinte, já preparado e facilitaria o professor."	3		
"É muito importante o uso destes suportes, visto que os alunos estão interessados é nas novas tecnologias, com o uso dos computadores e outros, de certeza que os alunos apresentavam mais interesse e maior interatividade."	4		
" Por ser inovador ajuda os docentes e discentes no processo ensino-aprendizagem ampliando o conhecimento e a forma de como ensinar ou transmitir os conteúdos."	5		
"Poderia melhorar o desempenho dos professores, aumentar os conhecimentos dos professores e alunos, facilitar pesquisas, facilitar registros, etc."	7		
"Caso fosse possível seria muito bom, visto que facilitava o processo ensino-aprendizagem do aluno."	10		
"Com a globalização as habilidades ligadas às TICs tornou-se um fator de grande importância, pois o professor deixa de ser transmissor de conhecimentos e passa a ser um mediador na formação do conhecimento do aluno. Com as tecnologias no ambiente educativo o acesso à informação / conhecimento torna-se mais acessível, o trabalho do professor também fica mais fácil e os resultados serão melhores."	11		
"Já tentei utilizar projetores nas aulas, mas os alunos demoram a copiar a matéria, a aula não avança muito. Mas para preparar as aulas faço muitas vezes as minhas pesquisas nos <i>softwares</i> educacionais."	12		
"Os trabalhos ficam ali guardados para consultas posteriores, o que facilita muito no ensino-aprendizagem."	13		
" É sempre uma mais valia para os professores como para os alunos e acho que ajuda no domínio da disciplina na sala de aula para além de ter a informação ao seu dispôr".	16		
"Possibilitam a interação professor/aluno e vice-versa, ajudam na execução de atividades lúdicas permitindo aulas mais motivadas, permitem um aumento rápido de conhecimentos e uma melhor organização de dados"	17		
Não responde	6, 8,9, 14, 15	5	29%
TOTAL		17	100%

ANEXO VI: Tabelas de especificação dos dados para o questionário (2)

Nº1						
Sexo						
Turma	Feminino	% Fem.	Masculino	% Masc.	AMOSTRA	% TOTAL
CT1	24	36,92%	12	18,46%	36	55,38%
ES	24	36,92%	5	7,69%	29	44,62%
SUB-TOTAL	48	73,85%	17	26,15%	65	100,00%

Nº2					
Ano de Nascimento	Fem.	Masc.	Total	Idade	%
1998	2		2	20	3,08%
1999	3	3	6	19	9,23%
2000	5	6	11	18	16,92%
2001	38	8	46	17	70,77%
Sub-total	48	17	MÉDIA	18,5	
TOTAL	65				

Nº3											
Nível de Satisfação com:	M/S		S		NS/NI		PS		Ins		TOTAL
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	
a) Organização da sala	4	3	19	5	11	5	8	3	6	1	65
b) Equipamentos da sala	0	2	10	1	13	6	14	3	11	5	65
c) Relação com os colegas	16	5	23	10	5	1	2	1	2	0	65
d) Relação com professores de português	18	4	20	11	5	2	5	0	0	0	65
e) Disciplina de Comunicação & Expressão	16	5	20	8	9	1	2	2	1	1	65
f) Relação com a atual professora de C&E	27	7	16	7	2	1	2	2	1	0	65
Muito satisfeito: M/S											
Satisfeito: S											
Nem satisfeito/ nem insatisfeito: NS/NI											
Pouco satisfeito: PS											
Insatisfeito: Ins											
Não responde Nr.											
	Total		%								
Organização da sala	24		37%								
Equipamentos da sala	19		29%								
Relação com os colegas	33		51%								
Relação com professores de português	31		48%								
Disciplina de Comunicação & Expressão	28		43%								
Relação com a atual professora de C&E	34		52%								

Nº4				
	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Frequência de utilização de computadores				
Frequente	22	9	31	48%
Não frequente	26	8	34	52%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº5				
	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Locais onde usa computador				
Casa	45	15	60	92%
Escola	10	4	14	22%
Locais públicos gratuitos	9	2	11	17%
Locais públicos pagos	5	1	6	9%

Nº6				
	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Posse de computador no agregado familiar				
Possui	37	13	50	77%
Não possui	11	4	15	23%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº7				
	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Posse de telemóvel				
Possui	41	14	55	85%
Não possui	7	3	10	15%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº10				
Frequência da utilização da internet	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Frequente	35	15	50	77%
Não frequente	13	2	15	23%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº11				
Atividades realizadas através da Internet	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Procura de informação	35	15	50	77%
Comunicação (E-mail, Skype, Messenger, Viber, Whats App, etc.)	40	16	56	86%
Entretenimento	29	7	36	55%
Contacto com sites necessários ao estudo	12	5	17	26%
Outras.	0	0	0	0%

Nº12				
Ligação à Internet no agregado familiar	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Sim	37	13	50	77%
Não	11	4	15	23%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº13				
Frequência com que se envolve em aprendizagem mais independente, apoiada pela tecnologia	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Nunca	2	1	3	5%
Raramente	10	2	12	18%
As vezes	12	4	16	25%
Muitas Vezes	17	7	24	37%
Sempre	7	3	10	15%
Outro.			0	0%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº14																					
Que idade tinha quando:	Nunca		Menos de 12		12		13		14		15		16		17		Igual ou superior a 18		Nr	TOTAL	
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.			
a) Digitalizou um texto no Word pela primeira vez?	4	1	17	4	8	1	4	4	5	2	4	2	3	3	1	0	1	0	1	65	
b) Apresentou um trabalho de grupo em PowerPoint pela primeira vez?	3	2	5	2	5	2	12	4	9	1	4	5	5	1	2	0	2	0	1	65	
c) Usou um retroprojetor para apresentar um trabalho?	7	1	5	0	9	2	9	3	5	0	6	9	1	2	2	0	3	0	1	65	
d) Ingressou no Facebook?	5	3	13	3	11	5	8	2	3	2	6	1	0	0	0	0	2	0	1	65	
e) Usou o Messenger pela primeira vez?	0	1	3	3	12	3	11	2	11	3	8	4	1	0	0	0	2	0	1	65	
f) Usou o WhatsApp pela primeira vez?	7	3	0	1	2	2	6	1	15	4	12	5	4	0	0	0	2	0	1	65	
g) Publicou uma foto numa rede social pela primeira vez?	2	1	11	3	12	6	5	3	6	2	10	1	0	0	0	0	2	0	1	65	
h) Escreveu e publicou um post numa rede social pela primeira vez?	3	1	11	3	10	4	7	3	5	3	11	1	0	1	0	0	1	0	1	65	
i) Publicou um vídeo no Youtube?	46	11	0	0	0	4	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	65	
j) Publicou um vídeo numa rede social (Facebook, Instagram, Twitter, ...)	23	4	2	0	1	3	3	0	4	2	12	3	1	3	1	0	1	1	1	65	
k) Usou um grupo de Facebook como extensão da sala de aula?	4	2	2	0	0	0	3	0	8	0	13	4	7	6	7	2	4	2	1	65	

Nº15				
Frequência com que acedeu ao grupo Comunicação & Expressão no Facebook	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Nunca	4	3	7	11%
Raramente	11	2	13	20%
As vezes	12	6	18	28%
Muitas Vezes	16	4	20	31%
Sempre	5	2	7	11%
Outro.			0	0%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº16				
Dificuldade de acesso ao grupo	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Sim	13	3	16	25%
Não	35	14	49	75%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº17				
Tipo de dificuldade de acesso ao grupo	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Sem acesso a internet	5	3	8	12%
Não tem computador	6	0	6	9%
Não tem telemóvel	7	0	7	11%
Outro	1	1	2	3%
Sem dificuldade (Nr.)	35	13	48	74%
Outros apresentados: falta de dinheiro, preguiça				

Nº18				
Pedidos de esclarecimento à professora acerca dos trabalhos	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Nunca	5	5	10	15%
Raramente	1	3	4	6%
As vezes	22	4	26	40%
Muitas Vezes	14	4	18	28%
Sempre	6	1	7	11%
Outro.			0	0%
TOTAL	48	17	65	100%

Nº19				
Língua usada para comunicar com a professora por escrito (chat, e-mail, ...)	Fem.	Masc.	TOTAL	%
Crioulo (Língua materna)	11	4	15	23%
Português (Língua Segunda)	27	9	36	55%
Os dois	10	4	14	22%
TOTAL	48	17	65	100%

ANEXO VII: Tabela geral (plano de implementação do projeto)

Professora: *Indira Costa*

Localização	<ul style="list-style-type: none">• Escola Secundária Olavo Moniz – Ilha do Sal – Cabo Verde
Grupo etário	<ul style="list-style-type: none">• 17 – 20 anos
Total de alunos	<ul style="list-style-type: none">• 70 (2 turmas – 11º ano)
Disciplina	<ul style="list-style-type: none">• Comunicação & Expressão
URL do projeto	<ul style="list-style-type: none">• Rede social: https://web.facebook.com/groups/1932391953687708/?ref=bookmarks• Padlet: https://padlet.com/dashboard https://padlet.com/Indiracosta/materiaisescolares https://padlet.com/Indiracosta/trabalhosdegrupo https://padlet.com/Indiracosta/monneclima https://padlet.com/Indiracosta/alunos https://padlet.com/Indiracosta/RelatoriosTIC https://padlet.com/Indiracosta/chiquinho https://padlet.com/Indiracosta/CT1 https://padlet.com/Indiracosta/ES
Recursos	<ul style="list-style-type: none">• Quadro branco/ negro / projetor /• Trabalhos individuais e coletivos (escritos e orais)• Telemóvel / Tablet• Obras diversas e específicas da literatura caboverdiana;• Áudio / auscultadores / coluna• Portátil (Programas: word, power point, pdf, slide, excel, media player, movie maker,...)
Ferramentas	<ul style="list-style-type: none">• Facebook (grupo fechado) - https://www.facebook.com/groups/1693683134256667/• Chat, Messenger, E-mail)• Voki :http://www.voki.com/presenter/playPresentation.php?id=3729fae327ea0a0d350f7a8f01c7213c#.WBz1CSWBSvk.facebook• Youtube : https://www.youtube.com/watch?v=oXHDWLSv91k&feature=youtu.be• Hotpotatos• Padlet: https://padlet.com/dashboardOutros.

Plano de execução	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar uma das maiores dificuldades de escrita da língua portuguesa como L2; • Criar um ambiente de partilha de informações, tarefas e de comunicação inter-turmas; • Negociar com os alunos o trabalho individual; • Comentar/ produzir textos de natureza diversa: Poemas; Tira – BD; notícia, entrevista, crónica, textos utilitários (curriculum vitae, carta de apresentação, pedido de emprego, relatório, ...) • Compartilhar no grupo dos alunos; • Analisar / interpretar os trabalhos uns dos outros; • Contribuir para a correção; • Corrigir (esboço do trabalho compartilhado); • Resolver tarefas específicas sobre a obra literária «Chiquinho» de Baltasar Lopes – Literatura Caboverdiana; • Escolher formato de entrega: (conforme o aluno se sentir mais confortável); • Publicar no Padlet específico para o efeito; • Consultar Padlet; • Comentar o resultado final; <p>Específico até Junho de 2018</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa assuntos relacionados com os temas propostos e conteúdos do programa; - Leitura integral da obra “Chiquinho” de Baltasar Lopes; - Investiga informações complementares para contextualização - Ausculta a leitura do capítulo da obra (disponibilizado pela professora – pen drive, cartão de memória...) - Comenta um capítulo - Compartilha no grupo criado para o efeito - Comentar o trabalho dos colegas - Resolve as tarefas propostas ...
--------------------------	--

<p style="text-align: center;">Objetivos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Criar um espaço de interação e de partilha colaborativa para a publicação de trabalhos; resolução de tarefas dentro e fora da sala de aula; partilha de materiais / recursos educativos; • Fomentar o recurso às novas tecnologias como forma de adquirir / consolidar aprendizagens; • Propiciar aos alunos novas formas de produção de comentários / resenhas e textos argumentativos • Adquirir competências comunicativas e tecnológicas; • Desenvolver competências de escrita, de leitura e de audição; • Proporcionar aos alunos uma oportunidade de contacto com suportes digitais; • Fomentar a utilização pedagógica da Internet como ferramenta de aprendizagem; • Fomentar a sociabilização, a interação, o trabalho em equipa e o espírito de entreajuda; • Promover de valores e comportamentos adequados a um trabalho e aprendizagem colaborativos; • Tornar a aprendizagem mais lúdica e motivadora; • Promover o ensino/aprendizagem da língua e cultura caboverdiana e da literatura portuguesa; • Explorar diferentes ferramentas tecnológicas para motivar os alunos para a aprendizagem.
<p style="text-align: center;">Conteúdo - Saber</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o gosto pela Literatura (Caboverdiana e portuguesa); • Desenvolver o conhecimento do nosso país – Cabo Verde : (literatura, hábitos, crenças, festas de romaria, história, ... • Desenvolver o gosto pela leitura • Aplicar técnicas de análise textual / Interpretação • Produzir comentários escritos e orais recorrendo as TIC; • Desenvolver a autonomia, criatividade, originalidade, espírito de equipa e responsabilidade; • Uso de vocabulário adequado; • Conjugação das partes da gramática na produção de enunciados • Aplicar técnicas de comunicação • ...
<p style="text-align: center;">Duração</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro de 2017 - Ano letivo 2017/ 2018 – Sequência para 2018-2019.

ANEXO VIII: Tabela Específica (Projeto de aprendizagem: Pilotagem)

Turmas: 12º ano PORTUGUÊS – ÁREA HUMANÍSTICA

Duração do projeto: Específico a análise (de Novembro à Janeiro)

Autores: Indira Costa

I - PLANEAMENTO	
Título	Análise de “Chiquinho” com uso das TIC
Tema e problematização	<ul style="list-style-type: none">• Através da leitura, conhecer o homem caboverdiano, suas vivências e seus costumes• Como o homem caboverdiano vive a sua tradição?
Produto final projetado	Interlocução
	Propósito
	<ul style="list-style-type: none">• Alunos do 12º ano do Ensino Secundário <p>Específico até Janeiro de 2017</p> <ul style="list-style-type: none">• Leitura integral da obra “Chiquinho” de Baltasar Lopes;• Investigar informações complementares para contextualização• Auscultar a leitura do capítulo da obra (disponibilizado pela professora – pen drive, cartão de memória...)• Comentar um capítulo• Compartilhar no grupo criado para o efeito• Comentar o trabalho dos colegas• Resolver as tarefas propostas• Promover o (re)conhecimento da identidade do homem caboverdiano através de uma das obras mais emblemáticas da literatura caboverdiana• Criar um espaço de interação e de partilha colaborativa para a publicação de trabalhos; resolução de tarefas dentro e fora da sala de aula; partilha de materiais / recursos educativos;• Fomentar o recurso às novas tecnologias como forma de adquirir / consolidar aprendizagens;• Propiciar aos alunos novas formas de produção de comentários / resenhas e textos argumentativos• Adquirir competências comunicativas e tecnológicas;• Desenvolver competências de escrita, de leitura e de audição;• Proporcionar aos alunos uma oportunidade de contacto com suportes digitais;• Fomentar a utilização pedagógica da Internet com o ferramenta de aprendizagem;

		<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar a sociabilização, a interação, o trabalho em equipa e o espírito de entreajuda; • Promover de valores e comportamentos adequados a um trabalho e aprendizagem colaborativos; • Tornar a aprendizagem mais lúdica e motivadora; • Promover o ensino/aprendizagem da língua e cultura caboverdiana e da literatura portuguesa; • Explorar diferentes ferramentas tecnológicas para motivar os alunos para a aprendizagem.
	Conteúdo temático	<ul style="list-style-type: none"> • O homem caboverdiano e suas vivências
	Formato	<ul style="list-style-type: none"> • Chat (facebook), Power Point, Slide, Pdf, Word, YouTube, Excel ...
	Suporte	<ul style="list-style-type: none"> • Publicação no Site
Metas de aprendizagem e Objetivos de ensino (competências nucleares relacionadas a...)	Autoconhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • (Re)conhecer sua necessidade pela leitura • (Re)conhecer-se como parte integrante da tradição caboverdiana
	Letramento	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender textos • Expressar oralmente e por escrito • Desenvolver a oralidade • Conhecer categorias da narrativa • Identificar recursos expressivos • Ganhar competências de uso das TIC • Desenvolver a Capacidade de memorização dos fatos mais importantes • Produzir textos (argumentativo/ de opinião)
	Interdisciplinaridade	<ul style="list-style-type: none"> • História • Cultura Caboverdiana
Gêneros do discurso estruturantes (textos para leitura e escrita)		<ul style="list-style-type: none"> • Romance (<i>Chiquinho</i> de Baltasar Lopes) • Texto argumentativo / de opinião

Projeto de aprendizagem: planejamento, desenvolvimento e avaliação.

II – DESENVOLVIMENTO E CONTEÚDOS	
Tarefas preparatórias: etapas necessárias para o desenvolvimento do projeto	Conteúdos: competências e habilidades
1. Apresentação e motivação para a produção do trabalho.	<ul style="list-style-type: none"> • Negociar a proposta de trabalho • Ouvir e respeitar a opinião dos outros • Expressar opiniões e defendê-las
2. Apresentação do material (texto da obra <i>Chiquinho</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o autor da obra • Conhecer o valor atribuído à obra na literatura caboverdiana
3. Leitura do 1º capítulo da obra <i>Chiquinho</i> .	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a função social de um texto literário • Compreender os componentes de um texto literário (narrativo): personagens, narrador, tempo, espaço, ação
4. Debate sobre vivências e temas ligados à tradição e a outros aspetos culturais que dizem respeito ao homem caboverdiano.	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar o texto literário com a vida do homem caboverdiano • Expressar um ponto de vista e argumentá-la
5. Distribuição de tarefa individual para resumir, comentar e organizar o trabalho de análise	<ul style="list-style-type: none"> • Interagir com a professora de forma cooperativa
6. Produção de um comentário ao capítulo, que será compartilhado no grupo da área humanística 12º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir um texto argumentativo desenvolvendo os tópicos, respeitando a sua estrutura e a temática proposto • Usar tempos verbais adequados para narrar/ resumir e/ou comentar o capítulo
7. O professor orienta o aluno para rever e reescrever o texto	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão escrita
8. Leitura de capítulos de texto narrativo «Chiquinho»	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a função social de um texto narrativo • Compreender a estrutura e os elementos que compõem um texto narrativo: resumo do capítulo, • Reconhecer os efeitos de sentido da pontuação, distinguir resumo de opinião
9. Transposição do texto produzida para (Word / Power Point / slide).	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir as ferramentas de uso informático para apresentação de trabalhos
10. Revisão dos textos	<ul style="list-style-type: none"> • Aperfeiçoar a escrita
11. Organização estrutural do conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Usar o computador / portátil para a sua execução • Interagir em grupo
12. Apresentação do trabalho final em formato à escolha / Publicação no site	<ul style="list-style-type: none"> • Conviver com a opinião do outro de forma interativa • Apreciar os trabalhos uns dos outros
13. Avaliação do trabalho desenvolvido (questionário – múltipla escolha)	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar o conteúdo – Leitura e exploração da obra “ Chiquinho” de Baltasar Lopes da Silva
14. Autoavaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciar o trabalho realizado • Explicitar o que aprendeu

III - AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Espera-se que na discussão dos resultados com o aluno:

- ✓ Se considere as condições de produção e o desempenho de todos os participantes envolvidos no projeto;
- ✓ Se avalie todas as etapas do processo e
- ✓ Se parta dos objetivos do projeto, salientando o que o aluno é capaz de fazer (proficiência para...) e o que pode fazer para melhorar.

Rendimento, em uma aula de português (literatura), envolve:

- ✓ usar, considerando o contexto de produção e de recepção;
- ✓ saber dizer/contar o que usou;
- ✓ (saber nomear o que usou?);
- ✓ saber o que pode fazer para melhorar.

BOLETIM DE DESEMPENHO: PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E FORA DA ESCOLA			
Autoavaliação/Avaliação: O que o aluno aprendeu no projeto: Análise de “Chiquinho” com uso das TIC (O homem caboverdiano no seu mundo)]			
Nome do aluno (completo):			
Análise de “Chiquinho” com uso das TIC (O homem caboverdiano no seu mundo) •Como o homem caboverdiano vive a sua tradição?	Avaliação		
Sou capaz de.../Você é capaz de...	A	AP	NAP
Reconhecer um texto narrativo e suas categorias			
Produzir textos narrativos (memória)			
Reconhecer um texto argumentativo			
Distinguir um texto narrativo de um argumentativo			
Resumir um texto narrativo para um texto dramático			
Opinar, argumentando, sobre um texto narrativo			
Interagir em grupo, respeitando a opinião do outro			
O que pode melhorar? R.:			
LEITURA e ESCRITA			
Objetivos Ler e interpretar textos do gênero narrativo Produzir textos argumentativos e comentar (expressar opinião)	Avaliação		
Sou capaz de.../Você é capaz de...	3	2	1 Não fiz/fez
Ler/usar textos literários para retratar as vivências e costumes do homem caboverdiano			

Compreender as funções sociais e modos de organização de textos escritos relacionados com a vida quotidiana do homem caboverdiano				
Conhecer melhor a sua própria cultura				
Valer-se de fontes de consulta na produção de textos escritos como: dicionários, gramáticas, guias ortográficos, sites, áudios, etc				
Revisar textos				
Compartilhar uma ideia				
Comentar o trabalho do colega				
O que pode melhorar? R:				
COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITA				
Objetivos Compreender textos de género narrativo Resumir a obra / apresentar um trabalho com uso das TIC	Avaliação			
Sou capaz de.../Você é capaz de...	3	2	1	Não fiz/fez
Expressar oralmente com uma boa desenvoltura				
Compreender, perguntar e expressar opiniões sobre os aspectos culturais do caboverdiano.				
Recontar o texto para os colegas oralmente, fazendo seleções pertinentes quanto ao ritmo, entonação, volume de voz, postura corporal, direção do olhar, gestos, etc				
Interagir com o público				
Usar o facebook com fins pedagógicos				
Percorrer no site e encontrar o que precisa				
O que mudarias para melhorar se tivéssemos que trabalhar nestes moldes uma vez mais? Porquê? R.:				
Qual foi a tua maior dificuldade? Porquê? R.:				
O projeto traz vantagens? / (se NÃO ... Porquê?) (se SIM... Quais?) R.:				

Obs.:

A - Aprendi

AP – aprendi pouco

NAP – Não aprendi